



ANTÓNIO BORGES COELHO

Procurar a luz para ver as sombras



ANTÓNIO BORGES COELHO

Procurar
a luz para ver
as sombras

Museu do Neo-Realismo

Coordenador

David Santos

Conservação e investigação

David Santos
Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja

Inventariação e catalogação

Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Pina
Odete Belo
Graça Silva

Serviço Educativo

Marta Borges
Ana Anacleto

Comunicação e Relações públicas

Fátima Faria Roque
Rogério Silva

Comunicação e edição

David Santos
Fátima Faria Roque
Rogério Silva
Lurdes Aleixo

Registo

Luísa Duarte Santos
Sílvia de Araújo Igreja
Graça Silva
Lurdes Pina
Odete Belo

Biblioteca

Odete Belo

Secretariado

Gabriela Candeias
Eugénia Viana

Recepcionistas-vigilantes

Maria Guiomar Alves
Vanda Arsénio
Rute Oliveira
Eugénia Viana

Exposição

Organização

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu do Neo-Realismo

Curadoria

João Madeira

Assistência de curadoria

Sílvia de Araújo Igreja

Investigação, selecção e org. documental

João Madeira

Apoio à pesquisa

Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Pina

Concepção e museografia

João Madeira
David Santos

Design da exposição

Ivânia Fraústo

Coordenação de Produção

Sílvia de Araújo Igreja

Produção

Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Aleixo

Secretariado

Gabriela Candeias
Vanda Arsénio

Conservação e restauro

Sílvia de Araújo Igreja

Montagem

João Madeira
Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Pina
Odete Belo
Ivânia Fraústo/GGIRP
DOVSM/ DEFOG: carpintaria, pintura e electricidade

Planeamento e logística

Sílvia de Araújo Igreja
David Santos
Lurdes Aleixo

Transportes

CMVFX
Feirexpo

Seguros

Allianz Seguros

Comunicação

Fátima Faria Roque
Rogério Silva
GGIRP
Filomena Serrazina
Prazeres Tavares

Serviço Educativo

Marta Borges
Ana Anacleto

Catálogo

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e
Museu do Neo-Realismo, Março de 2010

Organização e coordenação editorial

Sílvia de Araújo Igreja

Textos

Maria da Luz Rosinha
David Santos
João Madeira
Pedro Barros
Sílvia de Araújo Igreja

Produção

Sílvia de Araújo Igreja

Apoio à produção

Lurdes Aleixo

Pesquisa e organização documental

João Madeira

Apoio à pesquisa

Sílvia de Araújo Igreja

Catalogação

Sílvia de Araújo Igreja

Design gráfico

Júlio Miguel Rodrigues/GGIRP

Créditos Fotográficos

Fotografias de António Borges Coelho/2010
CMVFX/Ricardo Caetano

Fotografia e digitalização

Sílvia de Araújo Igreja
Lurdes Pina

Produção gráfica:

Pré-impressão, Impressão e Acabamento
Soartes

Revisão

Sílvia de Araújo Igreja
Fátima Faria Roque
Rogério Silva
Lurdes Aleixo
Mária Guiomar Alves

ISBN

978-989-96007-2-0

Coordenadas

Latitude: 38° 57' 16,15" N
Longitude: 8° 59' 22,79" W

Depósito Legal

XXXXXX

Tiragem

600 exemplares

Museu do Neo-Realismo
Rua Alves Redol, 45
2600-099 Vila Franca de Xira
neorealismo@cm-vfxira
www.museudoneorealismo.pt

© Museu do Neo-Realismo

© Dos textos e das fotografias, os autores

Agradecimentos

António Borges Coelho
Pedro Barros
Zefémino Coelho, da Caminho
Arquivo Distrital do Porto
Direcção-Geral de Arquivos – Torre do Tombo
Biblioteca Nacional de Portugal
Reitoria da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras de Lisboa
Campo Arqueológico de Mértola
SIC
Convento Franciscano de Montaríol
Museu Nacional de Arqueologia



neorealismo

Apoios:







Antônio Borges Coelho na enfermaria de Caxias, anos 60 (Cat. 11)

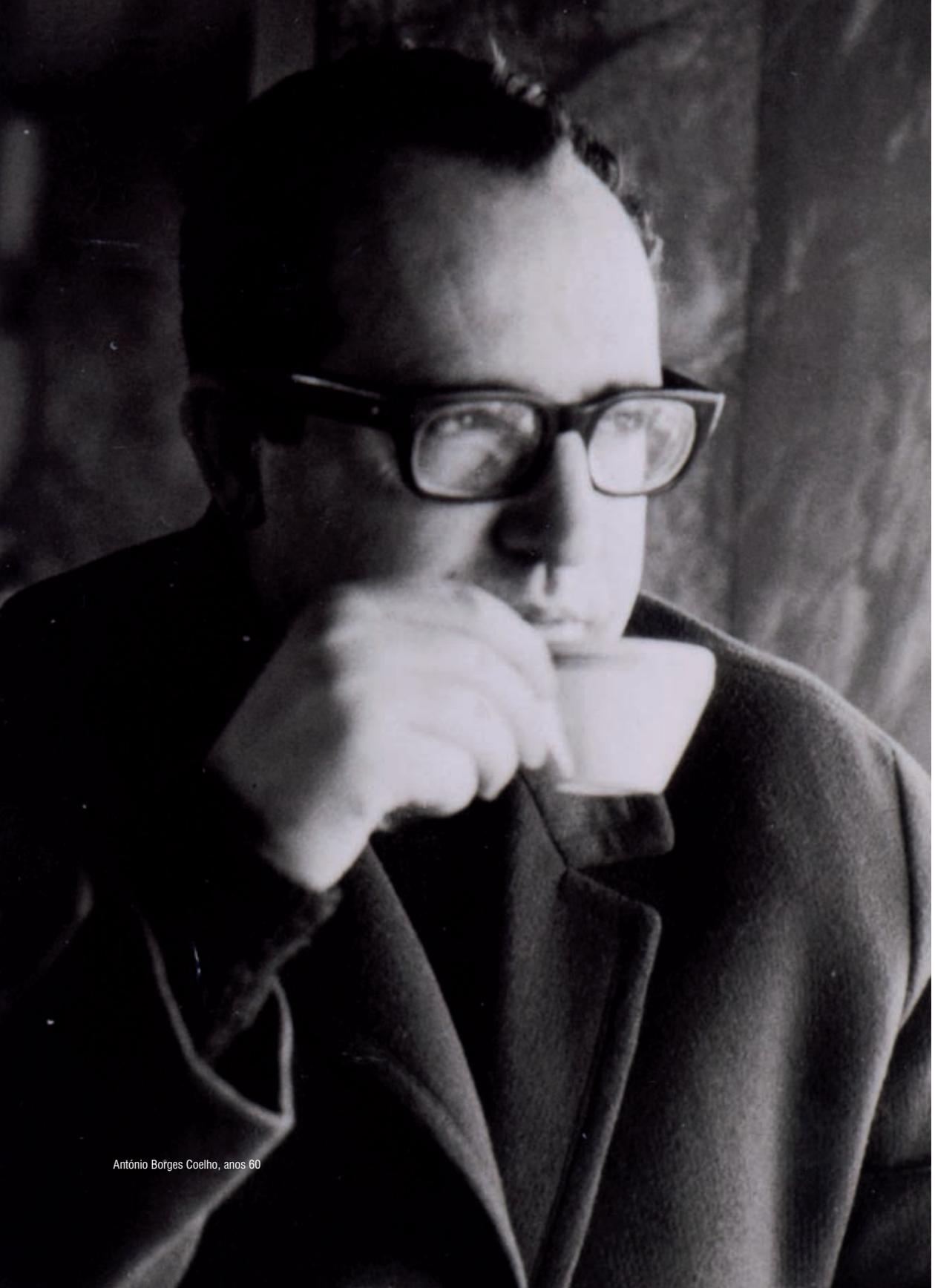
Um historiador com história

Maria da Luz Rosinha
Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

A vida de António Borges Coelho é, ela própria, uma história que merece não só registo, como reconhecimento. Emérito historiador do nosso país, Borges Coelho é uma das maiores personalidades da cultura portuguesa no domínio da investigação e da docência universitária. Por outro lado, destacou-se desde muito jovem como oposicionista ao Estado Novo. O seu combate contra o regime custou-lhe, na verdade, vários anos de cárcere, da Fortaleza de Peniche à Cadeia do Aljube. Aí decidiu dedicar a sua vida à historiografia, reavaliando sistematicamente o passado de Portugal. Na verdade, a sua leitura sobre a presença árabe no nosso território ajudou a desmistificar algumas das “lições” do patriotismo conservador. Progressista por natureza e formação política, António Borges Coelho constitui hoje uma referência decisiva para todos nós também ao nível de uma visão humanista do fazer da história e das ciências humanas.

Deste modo, o Município de Vila Franca de Xira e o Museu do Neo-Realismo têm a honra de homenagear o Professor António Borges Coelho, dedicando-lhe uma exposição biobibliográfica num dos espaços privilegiados do nosso Museu, a sala de exposições de literatura contemporânea. Aí podemos encontrar um conjunto significativo de documentos que nos ajudam a compreender o percurso de um homem singular que muito contribuiu para uma visão plural da cultura portuguesa e do ofício do historiador. Esta mostra biográfica de teor retrospectivo, superiormente comissariada pelo historiador João Madeira, nosso convidado, apresenta-se assim, não apenas como merecida homenagem a António Borges Coelho, como ainda enquanto momento de reflexão acerca dos valores que forjam a acção de um homem que viveu na pele os condicionalismos de um regime político opressor. Mas Borges Coelho nunca fez dessa marca de vida um lamento sem esperança, mas uma vontade de acção e liberdade que o ajudou a viver o 25 de Abril com a intensidade da libertação e, mais tarde, um reconhecimento académico que o converteu num dos grandes historiadores do nosso país. Foi, inclusive, agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago e recebeu o Prémio da Fundação Internacional Racionalista.

“Procurar a luz para ver as sombras” é, por isso, uma exposição que vem enriquecer o programa cultural e museológico do Museu do Neo-Realismo, que assim prossegue o seu desígnio de reavaliar e dar a conhecer não só o movimento neo-realista português, como o percurso daqueles que, de algum modo, com ele se cruzaram.



António Borges Coelho, anos 60

Apresentação

David Santos
Coordenador do Museu do Neo-Realismo

Apelidado pelos seus pares de “historiador dos sem história”, numa referência ao cariz social e político da sua intervenção científica, António Borges Coelho é desde há muito uma figura incontornável não apenas da historiografia, como da cultura portuguesa. Do ensaísmo à poesia, da tradução ao jornalismo, Borges Coelho construiu ao longo dos últimos sessenta anos uma participação cívica e cultural de destaque inquestionável e de onde se revela, na sua integridade, um homem singular e sereno para quem o humanismo não se define apenas como conceito, mas sobretudo como imperativo ético e moral.

António Borges Coelho disse um dia que “o trabalho intelectual, enquanto é possível, é a forma mais perfeita de estar ligado à vida”. Pois bem, ainda hoje o historiador cumpre quotidianamente este princípio, ligando-o com naturalidade não só à subterrânea acção do investigador, como ao pulsar da liberdade, da qual nunca abdicou, mesmo perante as maiores dificuldades, projectando assim um sentido crítico, mas responsável, na observação do nosso país e do mundo.

A exposição biobibliográfica que agora o Museu do Neo-Realismo lhe dedica, comissariada pelo também historiador João Madeira, constitui, por isso, uma pequena mas merecida homenagem a quem dedicou a sua vida a visitar a História de Portugal para lhe encontrar novos caminhos e leituras. Nessa medida, “Procurar a luz para ver as sombras” não é apenas o título de uma exposição ou a frase emblemática de um homem que procurou sempre o menos óbvio. Representa também a matriz essencial de um percurso orientado pelo sentido das coisas incomuns mas preciosas, esquecidas pelo crepúsculo do tempo. Imbuído de um particular sentido de justiça perante o passado, António Borges Coelho perscrutou quase sempre personagens olvidadas pela narrativa historiográfica – daí a paixão pelo período árabe da nossa história –, acentuando os desfavores que a disciplina e os seus protagonistas projectaram sobre figuras, na verdade, imprescindíveis ao perfil da nossa identidade comum. Por certo que esse sentimento de justiça humanista encontra ainda a sua raiz na reclusão a que se viu obrigado pela perseguição política que o salazarismo lhe instaurou, apenas por pensar de modo diferente e agir em conformidade. É o próprio quem nos recorda ou confirma

a origem do seu percurso: “As primeiras tentativas no campo da investigação histórica remontam, no que me respeita, aos finais de 1957 e à Fortaleza de Peniche onde vivi cinco anos encarcerado, dois dos quais em regime de celular. E nessa Fortaleza tomei a difícil decisão de dedicar o principal da minha vida à investigação e à escrita, decisão que podia ter naufragado como tantas outras. Creio que a actividade política contra a ditadura e o choque provocado pela prisão de prazo ilimitado (estava sujeito às famosas medidas de segurança) me lançaram na procura da nossa identidade nacional, das nossas raízes”¹. Talvez para poder perdoar ou contextualizar assim o presente adverso que o rodeava. Talvez auscultando o passado profundo da nossa geografia civilizacional, Borges Coelho estivesse mais perto de compreender o momento da sua contemporaneidade. Sentido mais ao menos comum, afinal, à maioria dos que abraçam a historiografia.

Desde que, nos limites da Fortaleza de Peniche, decidiu dedicar-se à escrita e à investigação historiográfica, Borges Coelho enfrentou as agruras de uma vida de oposição ao Estado Novo, sofrendo na pele pelo seu alinhamento com o Partido Comunista Português. Porém, o 25 de Abril trouxe a liberdade democrática e a participação cívica ao nosso país e Borges Coelho viveu então um período de progressivo reconhecimento académico e profissional, sendo hoje um dos historiadores portugueses mais prestigiados. Todavia, uma exposição documental, por muitos méritos que apresente, jamais fará jus à plenitude de uma vida tão rica como a do Professor António Borges Coelho, que soube, como poucos, enfrentar os sentidos e os sabores opostos que trilham o caminho de um homem que procurou sempre compreender-se a si e ao seu semelhante.

Esta exposição é, por isso, inteiramente dedicada a António Borges Coelho, a quem profundamente agradecemos a disponibilização do seu espólio pessoal, bem como toda a amabilidade revelada desde o início deste processo, do convite que lhe dirigimos ao momento em que nos recebeu em sua casa e partilhou as muitas histórias da sua história de vida, connosco reconstruindo o seu extraordinário percurso biográfico.

Gostaria de agradecer aqui, igualmente, ao responsável científico desta exposição, João Madeira, que definiu os núcleos expositivos e elaborou a selecção documental que a tornaram possível e credível perante a memória de um historiador rigoroso, ele próprio, com os critérios de relevância documental. João Madeira é ainda o autor do ensaio principal deste livro-catálogo que certamente marcará os estudos sobre a historiografia portuguesa recente e, em particular, a leitura sobre o percurso de Borges Coelho. Neste mesmo sentido, agradeço ainda o contributo ensaístico de Pedro Barros, que veio enriquecer esta mesma edição.

Uma palavra também de agradecimento a Sílvia de Araújo Igreja, técnica superior desta casa, que se revelou, mais uma vez, incansável ao contornar com paciência os

¹ Cf. AAVV, “Espelho de Clio – Ofício de Historiador”, in *Ler História*, nº 15, Lisboa, 1989, p. 157.

obstáculos da sua produção, tornando possível a sua concretização final. À restante equipa do Museu do Neo-Realismo, com destaque para Lurdes Aleixo e para o gabinete de imagem do nosso museu, Fátima Faria Roque (responsável pelo projecto de comunicação desta mostra) e Rogério Silva, o meu vivo agradecimento pelo empenho mais uma vez revelado ao longo das várias etapas deste percurso.

Às instituições que nos emprestaram um conjunto significativo de documentos constituintes do seu património, da Torre do Tombo ao Arquivo Distrital do Porto, da Reitoria da Universidade de Lisboa ao Campo Arqueológico de Mértola, ou da Biblioteca Nacional à Faculdade de Letras de Lisboa, o meu agradecimento pela confiança que em nós depositaram, reforçando desse modo a responsabilidade institucional do Museu do Neo-Realismo. Só acentuando uma confiança mútua, acredito, as instituições culturais portuguesas poderão evoluir rumo à excelência.

À SIC e aos seus responsáveis, agradecemos a cedência de uma cópia do programa “Conversas Secretas”, onde Baptista-Bastos entrevista, com mestria, companheirismo e profunda admiração, o Professor António Borges Coelho.

Por fim, o meu obrigado ainda ao apoio dos vários serviços camarários que, mais uma vez, cumpriram com rigor e qualidade as suas funções. Destaco ainda, neste aspecto particular, o trabalho de concepção gráfica do catálogo e da exposição a cargo dos designers Júlio Miguel Rodrigues e Ivânia Fraústo, bem como o apoio à divulgação deste projecto expositivo a cargo do GGIRP, na acção de Prazeres Tavares e coordenação de Filomena Serrazina. A todos os que contribuíram ainda, de algum modo, para a realização desta exposição biobibliográfica, e que não foram aqui nomeados, o meu agradecimento final.

FERNÃO LOPES

Crónica de D. Pedro I

organização, prefácio e notas de
ANTÓNIO BORGES COELHO



António Borges Coelho, militante, historiador, homem de causas e utopias

João Madeira

Investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa

António Borges Coelho pertence a uma geração que nasceu entre guerras quando, entre nós, a República agonizante tinha sido derrubada por um golpe militar que triunfou praticamente sem oposição. Iniciava-se um longo período de supressão das liberdades, que desembocaria rapidamente num regime autoritário, da família dos fascismos, não obstante a designação de Estado Novo com que Salazar, o ditador, o quis baptizar.

Ao contrário de outros intelectuais da sua geração, está genealógicamente ligado aos de baixo, ainda que Guilhermina, sua mãe, viesse de uma família de médios proprietários rurais. Porém, o seu casamento com António da Silva Coelho, guarda-fios, contra a vontade da família, fez com que nascesse e crescesse num ambiente pouco desafogado, onde as dificuldades foram sendo tenazmente combatidas para que aos seus seis filhos fosse proporcionado um acesso escolar pouco comum aos do seu meio¹. António Borges Coelho é, quando nasce em Murça, a 7 de Outubro de 1928, o terceiro desses filhos.

“Se alguma coisa me marcou toda a vida...”

Murça é concelho transmontano antigo, na transição para o Alto Douro, que pelo final dos anos 20 do século passado não atingia os 8 mil habitantes; concelho adormecido, que as vias férreas Tua/Mirandela/Bragança e Régua/Chaves, construídas entre finais do século XIX e primeiras décadas do seguinte, deixaram ainda mais isolado, desaceleradas as suas acessibilidades, porque limitadas praticamente à velha estrada Vila Real/Bragança².

A primeira infância em Murça será marcante para António Borges Coelho. A paisagem agreste, sem dúvida – “*Se alguma coisa me marcou toda a vida foram aquelas pedras...*”³, mas também as casas robustas por fora, mas de sobrado a separar e

1 Cf. Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

2 Cf. António Luís Pinto da Costa, *O Concelho de Murça. Retalhos para a sua História*, Murça, CMM, 1992.

3 Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

unir homens e animais contra a rijeza do tempo; o universo de sons pautado pelo sino da igreja, o ranger do rodado pesado dos carros de bois, o balido dos rebanhos; o contraste da luz, entre um sol fugidio e frio que ilumina campos, valados e serras altas alternando com o breu da noite a que acudiam pouco as candeias de azeite ou os candeeiros a petróleo; o imaginário forte de fantasmas e lobisomens povoando as noites, os caminhos e os dias.

Mas sobretudo a paisagem social, que evoca: “*Ouçõ a banda a marcar o passo das procissões que terminava, com o cio nocturno dos arraiais. Certamente ainda haverá anjinhos no seu caixão, mas não tão amarelos e comidos das moscas com os outros meninos assombrados de medo. Já não se esperam cartas de chamada. A Belizanda já não engana a fome rilhando pedras nem o meu compadre João da Clara abre a rocha com os guilhos para lá meter a dinamite. Estou certo também que os meninos já não apedrejam a Muda que se esconde nos vãos de escada e se defende com o pau e o saco*”⁴.

Dessa terra de montanha, de chão duro e ingrato, descerá com a família até Lisboa. Corria o ano de 1936 e Lisboa era cidade grande à escala de um país pequeno e estreito. O ano é fecundo de acontecimentos e a proximidade da Espanha republicana alimenta-o.

São os tempos do *alzamiento* franquista a apunhalar a Espanha da Frente Popular, com a ajuda de Salazar, temeroso de tão próxima vizinhança. Mas são também tempos de resistência e de solidariedade internacional com a Espanha republicana, a Espanha dos trabalhadores e das fundas aspirações e esperanças populares.

Pela mão do pai acontece ao Tejo num dia de Setembro, a ver de perto o *Afonso de Albuquerque* e o *Dão*, os contratorpedeiros bombardeados pela artilharia dos fortes de Almada e do Alto Duque, accionada por ordem directa de Salazar. As dezenas de jovens marinheiros revoltosos, indignados com as condições de vida a bordo e solidários com a Espanha republicana, seriam duramente reprimidos – 10 mortos e muitas dezenas, 82, presos e enviados as prisões de Peniche, Aljube, Caxias, indo 34 deles abrir o campo de concentração do Tarrafal⁵.

Da memória dos 7 anos de António Borges Coelho permaneceu essa imagem dos vasos de guerra danificados pela metralha da artilharia de costa, flutuando como espinho vivo pela vida fora.

Desse tempo são também, precoces, as suas primeira leituras – *A Rosa do Adro*, ao gosto popular da época, mas logo seguidas das leituras sôfregas que tanto eram *As Pu-*

4 António Borges Coelho, “À guisa de postácio”, in António Luís Pinto da Costa, *O concelho de Murça. Retalhos para a sua História*, Murça, CMM, 1992, p. 398-399.

5 Cf. João Brito Freire, “O Partido Comunista Português e a Guerra Civil de Espanha”, in Fernando Rosas (coordenação de), *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Colibri/IHC, 1998, p. 187-190.

pilas do Senhor Reitor, de Júlio Dinis, como *O Poder do Amor ou o Talismã do Bandido*, em vários volumes que se iam adquirindo em fascículos, uma história de amor de um bandido bom, um rebelde, que, de igual modo, duradouramente reteria na memória⁶. De regresso a Murça, conclui em 1940 os estudos elementares. Na prova “oral” faz reflectir, ao modo dos seus 11 anos, um gosto pela história que lhe aflora pela leitura de um opúsculo sobre Leonor Teles ou da antologia organizada por Rodrigues Lapa e editada pela *Seara Nova*⁷ sobre os acontecimentos de 1383-85.

Entre a apologia do sofrimento de Cristo e a descrença

A prossecução dos estudos era, no seio de uma grande família, apertada pelas dificuldades, inevitavelmente difícil. O seminário abria-se como quase única possibilidade, tanto mais que influenciado certamente pelas profundas convicções religiosas da mãe. Dos motivos que o levam ao seminário reterá a leitura que faz de um pequeno opúsculo que lhe foi dado a ler – *As florinhas de São Francisco*, “*um livro medieval admirável, iluminado pelo amor dos homens, dos pobres e dos bichos*”⁸, uma leitura susceptível de avivar um lado místico, onde o ideário franciscano faria estremecer uma pulsão social latente. Todavia, reconhecerá como naquelas circunstâncias essa era a única forma de continuar a estudar.

Foram cinco anos de seminário, período de uma exaltação religiosa que o tempo se encarregará de ir lentamente esboroando. Entre a apologia do sofrimento de Cristo como exemplo a seguir e o desconforto à beira da descrença foi todo um percurso de desajustamento face à instituição que o projectaria no sentido da saída, da expulsão, isolado primeiro, para que não pudesse contaminar os seus jovens colegas e recambiado a casa, devidamente acompanhado para assegurar que isso mesmo sucederia. Porém, no seminário obterá das melhores notas, tornando-se distinto aluno, iniciando também aí a escrita da poesia, marcada pelo ambiente e pela sua própria vivência, como *A paixão de Cristo*, que a revista do seminário *Alvorada Missionária* se encarregará de publicar.

Da passagem pelo Seminário franciscano de Montariol, em Braga, então com mais de uma centena de alunos⁹ retém a camaradagem, a disciplina, o gosto pela língua, mas

6 Cf. A.A. Marques de Almeida (organização de), “Notas Biográficas de António Borges Coelho”, in António Dias Farinha, José Nunes Carreira e Vitor Serrão (coordenação de), *Uma vida em História. Estudos de homenagem a António Borges Coelho*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa/Editorial Caminho, 2001, p. 13.

7 Cf. *idem*, p. 18.

8 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em Discurso Directo: António Borges Coelho*, Mértola, Câmara Municipal, 2003, p. 15.

9 Cf. <http://www.editorialfranciscana.org/porta/index.php?id=5654>.

também o culto da vergonha do corpo, o policiamento do espírito num sistema fechado, completamente controlado e minado por pequenos informadores de um quotidiano vigiado. E lembra a germanofilia da maioria dos professores, que faziam acompanhar as notícias das vitórias do exército alemão a leste com homilias ou os poucos alunos que entoavam o hino da juventude nazi proporcionado pelo compêndio de História de António Mattoso, tornado “livro único”.

Ainda assim, evoca a aragem ténue que consegue romper as quatro paredes do convento/seminário debruçado das alturas da cidade, deixando entrar nas aulas pela mão de um jovem professor franciscano, contos de *Os Bichos*, de Miguel Torga ou trechos da *História da República Romana*, de Oliveira Martins, rapidamente cortada pela apreensão, em busca à sua cela, de tais obras.

Desses anos corridos enquanto a Europa ardia no segundo dos grandes conflitos mundiais, cujos efeitos se projectavam entre nós de modo difícil com os salários em queda, o racionamento, o mercado negro e a fome..., chegar-lhe-ão os ecos difusos das grandes greves de Julho-Agosto de 1943, em Lisboa e na Margem Sul, ciciados por um colega, natural do Barreiro, que regressava de férias, chocado com a brutalidade da polícia¹⁰ carregando sobre os operários em greve e sobre as mulheres que, na primeira linha, arrastavam atrás de si o povo pobre em manifestações encimadas por gritantes bandeiras negras de fome e de raiva.

No entanto, depois das férias grandes do seu quarto ano de seminarista retardará, até quando pode, o regresso a Montariol, numa crise pessoal feita de desconforto difuso face ao ambiente vivido, que o leva a isolar-se e a confessar “*que tinha perdido a vocação, o que para o confessor era um pecado imperdoável*”¹¹.

Será expulso em Maio de 1945, acusado de estar a organizar, com outros colegas, uma fuga colectiva, atribuindo o Seminário esse comportamento às influências nocivas veiculadas por uma literatura ímpia que afinal nem lera, ainda que tencionasse fazê-lo, onde se encontravam escritores como Balzac ou Eça de Queiroz.

O seu regresso a Murça coincide com o final da segunda grande guerra, onde tratará de se autopropor, num tempo em que os liceus tinham apenas uma disseminação distrital, ao Liceu Camilo Castelo Branco, de Vila Real, para concluir os seus estudos secundários, chegando, ainda em 1945, a realizar provas para os antigos 3º e 6º anos, vindo a concluir o curso liceal em Setembro de 1948.

Nesses tempos, confrontado com o árido estudo das provas da existência de Deus, das cinco vias de São Tomás de Aquino, que o manual de filosofia diligentemente alinhava,

10 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em Discurso Directo: António Borges Coelho*, Mértola, Câmara municipal, 2003, p. 16.

11 Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

aprofundava a sua descrença, uma descrença que descobria por si¹² e se fortalecia.

“Num jovem que tinha 16 ou 17 anos, isto não foi fácil. Depois de considerar que Deus não existia, eu, que vivia numa vila transmontana sem luz eléctrica, com todos aqueles fantasmas a saírem de debaixo da cama, tinha medo, principalmente à noite. Até porque, sabe-se lá, Deus pode existir. Essa dúvida foi forte, mas manteve-se por pouco tempo. Foi uma batalha que durou um mês”¹³.

Tempos difíceis para consigo próprio, de negação e dúvida, que compeliavam ao isolamento, ao ficar à parte, como que marcado pela diferença ditada por uma culpa que não sendo sua, toda a inculpação do seminário induzia a que assumisse como sua, refugiando-se na leitura, numa ânsia de ler, de devorar, alimentando-se da *biblioteca* dos seus irmãos mais velhos.

Mas, ao mesmo tempo, o jovem António Borges Coelho estava de novo de volta ao contacto directo, duro, com Murça – a vida difícil, miserável dos trabalhadores braçais, do povo pobre de Trás-os-Montes, cuja jorna não dava para um pão de centeio que minguisse a fome a uma família.

No horizonte, porém, insinuando-se, a imagem vitoriosa de uma União Soviética distante, que acalentava como rumo julgado certo todas as esperanças do tempo.

Num dia desse ano de 1945, continua hoje a recordar a imagem de Militão Ribeiro, também ele natural de Murça, regressado à terra e rodeado de amigos e vizinhos.

Militão, nascido em 1896, emigrara com 13 anos para o Brasil, onde trabalhara como marçano primeiro e como operário têxtil, depois; tornando-se dirigente sindical e aderindo ao PC do Brasil, vindo a ser expulso do país e enviado sob prisão para Portugal. À chegada consegue escapar à prisão e vai para Murça, onde se envolve em actividades de propaganda que o expõem à vigilância policial, vindo a ser preso em 1932 e, depois, em 1934 por pertencer ao Socorro Vermelho Internacional. Passa pelas prisões do Aljube e de Peniche até ser enviado dois anos mais tarde para o Tarrafal, donde regressa em 1940. Participa activamente na reorganização do PCP, pertencendo ao Bureau Político e ao Secretariado até voltar a ser preso em 1942 e remetido ao campo de concentração de Cabo Verde, donde é libertado em Dezembro de 1945¹⁴.



António Borges Coelho como seminarista do Colégio Franciscano de Montariol, 1944 (Cat. 3)

12 Cf. Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.

13 *Idem*.

14 Cf. Dados biográficos de Militão Bessa Ribeiro, dact. e ms, s.d., 1 pag., in IANTT, PIDE-DGS, P. 238/GT, [17].

É dessa altura que António Borges Coelho se recorda dele, da curta fase em que voltara à terra, por período breve, antes de voltar a mergulhar na clandestinidade, mas ainda a tempo de organizar uma célula do PCP em Murça e outra em Pegarinhos, Alijó.

Eleito para o Comité Central no IV Congresso do Partido Comunista, em Julho de 1946 será, de novo, preso, juntamente com Álvaro Cunhal, em 1949.

Sujeito a longos meses de isolamento, com a saúde bastante degradada, entra em greve de fome de protesto contra a falta de assistência médica. Será deixado entregue à sua sorte, acabando por morrer em 2 de Janeiro de 1950, no que constituiria um verdadeiro assassinato pela polícia, legando uma carta dramática, escrita com o seu próprio sangue.

O seu funeral em Murça, sem padre, com a urna coberta pela bandeira nacional, com o povo seguindo a pé e em silêncio pelas ruas da vila¹⁵, ressoará na memória da população e mesmo que António Borges Coelho não tenha desfilado também pelas ruas da sua terra, encontrando-se nessa altura já em Lisboa, esteve à saída do corpo de Militão da morgue.

Uma biblioteca popular em Murça

Porém, o primeiro contacto de António Borges Coelho com o PCP data dos anos de 1946-47 e é, de algum modo, consequência da passagem de Militão por Murça aquando do seu segundo regresso do Tarrafal, porque resultado ao fim e ao cabo da célula aí criada, de que fazia parte Heitor Bessa Ribeiro, sobrinho do dirigente comunista.

Heitor, então estudante de arquitectura, torna-se grande amigo de António Borges Coelho nesta fase de Murça, é quem o puxa do isolamento em que vivia depois de regressar do seminário, o companheiro com quem discute as inquietações que o assaltavam e o traz para a consciência objectiva das questões sociais, quem lhe dá a conhecer a revista *Vértice*, a publicação cultural legal com forte participação da intelectualidade comunista do tempo. Mas também quem lhe dá a ler o *Avante!* clandestino¹⁶.

Por essa altura, Mário Barros, um assalariado agrícola que em 1933 estivera preso por pintar frases contra o regime nas paredes da vila, fazia circular em Murça livros deixados por Militão, literatura tornada veículo poderoso para abrir caminho à consciência política – *Carlos Marx*, de Max Beer; *Os Dez Dias que Abalam o Mundo*, de John Reed ou *O Estado e a Revolução*, de Lenine; livros que anos mais tarde continuavam a circular entre jovens da vila.

15 Cf. Santiago Macias, "Entrevista a António Borges Coelho", in *Historiador em Discurso Directo: António Borges Coelho*, Mértola, Câmara municipal, 2003, p. 18.

16 Cf. Valdemar Cruz, "António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou", in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.

Em 1948 começa a germinar entre jovens da vila a ideia de criar uma biblioteca popular. António Borges Coelho é um dos mentores. São, como ele, jovens na casa dos vinte anos, alguns mais novos ainda, e a ideia enquadra-se bem no modo como no contexto da época se plasmava culturalmente a influência do PCP, que incentivava a dinamização das colectividades populares, designadamente através da realização de palestras e da organização, como no caso, de bibliotecas.

São praticamente todos estudantes, a concluírem os estudos secundários ou já nos primeiros anos de ensino superior – Basílio Constantino e a sua irmã Maria Clara, ambos católicos; ainda Alfredo Constantino, primo destes que, como Borges Coelho, está mais próximo do Partido Comunista. Mas, na iniciativa participam ainda, entre outros, Francisco Bessa Ribeiro, alfaiate, também sobrinho de Militão ou Fernando Augusto Gomes, guarda-livros, a que se juntaria mais tarde José de Morais Borges, mais jovem, primo de António Borges Coelho.

A ideia era criarem a biblioteca, financiada com contributos de gente da terra ou ausente, residindo e trabalhando fora; também através de iniciativas, como bailes populares e tardes desportivas que realizaram para o efeito. Alugaram uma sala e foram adquirindo livros, algumas dezenas, com o fito depois de instalarem a biblioteca numa colectividade ou clube da terra. Os livros a adquirir teriam constituído motivo de alguma polémica, já que Borges Coelho e Alfredo Constantino pretendiam incluir no rol títulos de literatura social.

A generosidade do projecto enfrentaria dificuldades, primeiro porque o núcleo fundador rapidamente se dispersaria, com todos os seus elementos a irem estudar ou trabalhar para longe de Murça; depois devido a um conjunto de problemas de natureza organizativa da própria biblioteca gerida por gente a quem sobrava vontade em vez de experiência. Ainda assim manter-se-ia pelo menos até 1952, vindo os seus animadores a ser incomodados pela PIDE¹⁷.

No caso de António Borges Coelho, concluído o curso liceal, rumo a Lisboa, onde chega no primeiro dia de Outubro de 1948, para se matricular no curso de Direito, embora sem meios de subsistência, pois “*Os primeiros tempos em Lisboa foram muito difíceis. Sem casa, sem emprego, sem dinheiro*”¹⁸, numa situação por vezes desesperada.

Nessa fase conheceu o calor da solidariedade do grupo de estudantes com quem se relacionava, mais velhos, de Medicina, quase a terminarem os seus cursos, que, perante as dificuldades do jovem amigo recém-chegado à cidade, lhe pagavam a bucha com que ia subsistindo. Assim, até conseguir um emprego como 2º escriturário na Junta Autónoma de Estradas.

17 Cf. IANTT, PIDE-DGS, PC 41/53.

18 Cf. Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em Discurso Directo: António Borges Coelho*, Mértola, Câmara Municipal, 2003, p. 21.

Escassos meses depois de chegar, em Janeiro de 1949, mergulha na campanha eleitoral de Norton de Matos – um ímpeto surpreendente de mobilização, com os comícios no campo do Salgueiros e na Fonte da Moura, a norte; mas também em Coimbra, Évora, Beja, um pouco por todo o país e em Lisboa, naturalmente, enchendo a *Voz do Operário*, a 10 do mês seguinte, onde anuncia não ir às urnas dada a falta de condições democráticas imposta pelo governo.

“Quería-me dedicar inteiramente à revolução”

Não obstante os ventos da guerra fria que já sopravam, a unidade anti-fascista construída na conjuntura da guerra em torno do MUNAF e do MUD segurava-se em torno da candidatura do velho general, mas esboroar-se-ia de seguida por longos anos. As eleições de 1949 ficariam no entanto como uma das mais importantes jornadas da oposição contra o regime salazarista.

Mas, logo de seguida, em Março, a notícia da prisão de Militão Ribeiro com Álvaro Cunhal e Sofia Ferreira numa casa clandestina no Luso, no quadro de uma grande ofensiva policial sobre o PCP não deixariam de perturbar Borges Coelho, mas também de o determinar na luta contra o regime.

O curso de Direito fica longe de o satisfazer e ainda que frequente

todo o 1º ano e chegue inclusivamente a realizar as provas escritas, abandonará o curso antes das “orais”. “Quería-me dedicar inteiramente à revolução”, dirá, com as leituras servidas pelo tempo, seguindo exemplos que o exaltavam e determinavam.

Mas, animado por amigos, não interrompe propriamente os estudos, vindo a ser matriculado logo em Outubro de 1949, agora no curso de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras, muito mais ao seu jeito. Aí vai rapidamente encontrar a organização do MUD Juvenil, através de Carlos Aboim Inglês, um dos principais activistas da velha escola ainda ao Convento de Jesus. Carlos fora obreiro da segunda refundação da Associação Académica e mantinha ligação ao PCP desde 1946. Fora aliás preso pela primeira vez em 1949 no contexto da campanha de Norton de Matos.

A ficha de inscrição contém os seguintes dados:

- Nome: António Borges Coelho
- Filiação: António de Silva Coelho
- Residência: Rua 15, Fl. 133, 2511 - 24
- Naturalidade: Coimbra
- Dótilo: Vila Real
- Nasceu em: 7.10.1921
- Trabalha na Universidade de: (campo vazio)
- Matriculas: (campos vazios)
- Inscrições: 29-9-49

Ficha de inscrição na Faculdade de Letras de Lisboa, de 29 de Setembro de 1949 (Cat. 5)

O MUDJ, fundado em 1946, é, ao tempo, a principal organização juvenil de oposição ao regime, que sempre quis impor a sua legalidade ao longo dos quase dez anos em que manteve actividade. No ano seguinte ao da fundação, período áureo da organização, teria conseguido atingir os 20 mil aderentes com uma implantação nacional – várias comissões regionais, organização em 35 cidades, 85 vilas e sedes de concelho e mais de 70 aldeias¹⁹.

Apesar de impiedosa e sucessivamente flagelado pela repressão policial, na viragem para os anos 50 e nesses primeiros anos, o MUDJ desenvolve uma intensa actividade em meio estudantil, intervindo na reanimação das associações académicas, articulando a sua actividade a nível nacional através de uma Comissão Inter-Associações²⁰, tendo, para o efeito, criado organicamente Direcções Universitárias.

Neste contexto, Borges Coelho, realizado o 1º ano e matriculado no 2º de Histórico-Filosóficas, sempre como aluno voluntário, cruza-se na Faculdade com Augusto Abelaira ou David Mourão-Ferreira, mas é no MUDJ e nas suas adjacências que vai encontrar, para além de Aboim Inglês, Orlando da Costa, Fernanda Paiva Tomás ou Augusto Costa Dias.

Rapidamente guindado a posições de maior responsabilidade no “Juvenil”, não conclui o 2º ano do curso, abandona a Faculdade de Letras e passa a dedicar-se às actividades da organização. Continua a trabalhar na Junta Autónoma de Estradas, onde beneficia da complacência de um chefe tolerante e paciente, que tolerava atrasos e faltas em virtude das actividades políticas que se multiplicavam. Vive numa pensão, passando a um quarto alugado na Travessa do Convento de Jesus, em condições precárias, onde a sua mesa de trabalho era uma tábua assente numa pilha de livros.

São tempos de actividade intensa, conciliando dificilmente o emprego com a actividade militante. Controla organizações sectoriais do MUDJ, fossem de estudantes ou de operários, assim como estruturas regionais, no Algarve, na Marinha Grande ou em Lisboa, percorrendo o país. Está na criação de títulos da imprensa da organização, fosse o *Juventude*, que funcionava como órgão central do Movimento, o *Amanhã*, boletim da Comissão Distrital de Lisboa ou o *Jovem Trabalhador*, também da CD de Lisboa, mas virado para o sector dos jovens trabalhadores. Em 1951 é um dos cem subscritores públicos da candidatura de Ruy Luís Gomes a Presidente da República, que será interdita pelo Governo.

Na IV Assembleia de Delegados, realizada em Novembro de 1950, é eleito para a Comissão Central do MUDJ, juntamente com Carlos Aboim Inglês, Ângelo Velloso,

19 Cf. João Madeira, “O PCP e o MUD Juvenil”, in *História*, (Nova Série), n.º 28, Janeiro/Fevereiro de 1997, p. 35.

20 *Entrevista a Carlos Aboim Inglês*, em 19 de Maio de 1994.

Francisco Martins Rodrigues, Pedro Ramos de Almeida ou Alexandre Castanheira. É a segunda geração de dirigentes do Movimento, a quem cabe a tarefa de dar corpo às consignas internacionais de defesa da paz.

A sua actividade não pára de aumentar num clima agitado que tanto pode passar pelo apoio e controlo das organizações regionais ou concelhias, como de recolha de assinaturas pela Paz na rua, de participação em reuniões e convívios ou de organização de acções contra a NATO.

Em 1952, numa dessas acções em Lisboa, uma manifestação contra a reunião do Pacto do Atlântico em Portugal, a que não resistiu ir, apesar de desaconselhado pelos seus camaradas, para não se expor, seria preso, e embora levado para uma esquadra, conseguiria sair em liberdade depois de se afirmar como um simples transeunte ocasionalmente no local.

É por estes anos que o MUDJ assegura a adesão às organizações internacionais criadas na periferia do Kominform, a estrutura internacional que agrupava principais Partidos Comunistas, como a FMJD, Federação Mundial da Juventude Democrática ou a UIE, União Internacional de Estudantes, passando a enviar com regularidade delegações aos seus Congressos e Festivais, como foi o caso de Vasco Cabral, guineense, que participou em Dezembro de 1952 no Congresso dos Povos em Defesa da Paz, em Viena; em Março do ano seguinte, ainda nesta cidade ao Congresso Internacional para a Defesa dos Direitos da Juventude e em Julho-Agosto desse ano ao IV Festival da Juventude Democrática, em Bucareste, onde participa pela primeira vez uma delegação de Portugal e colónias, composta por 10 elementos.

Ao mesmo tempo que Vasco Cabral permanecia em Bucareste, no interior do país, António Borges Coelho abandona o emprego, avisado por carta que a PIDE o queria interrogar. Na realidade, uma busca passada numa casa em Murça leva a PIDE a convocá-lo ainda a propósito da Biblioteca popular que anos antes ajudara a criar²¹. Mas as suas responsabilidades no MUDJ não se compatibilizavam com a sua presença na sede da polícia política, quanto mais não fosse porque não sabia da extensão de informações que dispunha sobre si próprio.

Passa, por isso, a uma situação de semi-legalidade como funcionário do MUDJ. Não tem residência certa e tanto pode dormir num ponto de apoio em Alcântara, em casa de um catraeiro dos estaleiros da Parry & Son, como em Vila Franca de Xira numa casa cedida pelo seu amigo Alexandre O'Neill.

No MUD Juvenil a orientação continuava a ser a de forçar a legalidade, enfrentando as saraivadas policiais. Em 1953, por altura das eleições para a Assembleia Nacional, o Movimento abre uma sede em Lisboa, que a PIDE se encarrega de vigiar primeiro e encerrar depois, prendendo dezenas de jovens activistas que a frequentavam. Nesse mesmo ano,

21 Cf. IANTT, PIDE-DGS, PC 41/53.

JUVENTUDE

BOLETIM DA COMISSÃO CENTRAL DO MUD JUVENIL

N.º 19 (V)

SETEMBRO

1955

OS JOVENS NO CAMINHO DE UM FUTURO MAIS FELIZ pela AMIZADE e COMPREENSÃO!

I CONGRESSO da JOC

I FESTIVAL NACIONAL DA JUVENTUDE!

É PELA AMIZADE, PELA CAMARADAGEM, PELA SOLIDARIEDADE QUE A JUVENTUDE PORTUGUESA ENCONTRARÁ A FORÇA PARA AS RESOLUÇÕES DOS SEUS PROBLEMAS.

É PELO ESTREITAMENTO DE RELAÇÕES ENTRE OS JOVENS DE TODO O MUNDO QUE SERÁ ALCANÇADA UMA ERA DE PAZ E AJUDA MÚTUA.

Por isso, decidiu a C.C. do MUD Juvenil dar todo o seu apoio aos preparativos da delegação portuguesa ao V Festival da Juventude pela PAZ e AMIZADE.

Para isso realizaram-se dezenas e dezenas de festas de confraternização. Grupos de jovens entrevitaram cerca de duas centenas de personalidades, pedindo-lhes saudações ao V Festival Mundial, donativos etc.

Todo o entusiasmo, nas suas múltiplas manifestações (e que a falta de espaço nos impossibilita de pormenorizar) teve o seu aspecto culminante no 1.º Festival Nacional da Juventude, realizado no Laranjeiro.

Aí, em local previamente engalanado e decorado, cerca de 700 jovens, que tiveram momentos inolvidáveis de alegria e felicidade.

Felicidade e alegria por não se sentirem sós na vida, por verem que apesar de todos as grandes dificuldades, aquela maravilhosa festa era uma realidade, como era uma realidade o profundo amor dos jovens portugueses pela Paz e também, como era uma realidade a sua firme decisão de defender a existência de um Mundo pacífico.

E o Festival decorreu no

maior das animações: jogos, danças, risos e canções. Recitaram-se poesias dos concorrentes aos jogos florais da juventude do 1.º Festival (18 poemas de 12 poetas). Repräsentou-se a peça "Isaura Silva" com introdução do Prof. António José Saraiva.

Entre as personalidades presentes destacavam-se o Dr António Sérgio e o Dr. Roger ...representante da Federação Internacional dos Juristas Democratas.

Este ilustre Jurista demonstrou a sua admiração pela forma como a juventude portuguesa conseguia levar a cabo tais realizações, num regime de vida que em França só teve igual durante a ocupação nazista.

Um jovem bombeiro que participara nos destroços da explosão da fábrica da Amora, onde morreram 23 operários, propôs um minuto de observação em sua memória e das 18 vítimas da explosão da fáb. Material de Guerra de B. de Prata.

oooooooooooooooo

CONFRATERNIZAÇÃO

JÓVENS de JÓVENS POR TODO O PAÍS!

Como atrás dissemos, por todo o país, muitas e muitas dezenas de festas de confraternização, permiti-

ram para todo o país foram seguidos com grande interesse os trabalhos do I Congresso da JOC. E que aí iam seis dias outadas as lastimáveis condições de vida da Juventude Operária Portuguesa e possíveis formas de solução.

A C. Central do MUD Juvenil sauda com a maior simpatia a JOC pelo seu esforço. No entanto não devemos deixar de notar que, só uma ampla e unida luta de todos os jovens operários, por melhores condições de vida e contra a repressão existente (exercida, como é sabido, sobre o próprio Congresso), poderá levar à concretização das resoluções do Congresso.

O Congresso deu um grande passo em frente aprovando as resoluções, porém isso nada significa, se não se lutar pela sua divulgação.

A C. Central do MUD Juvenil para a UNIDADE de todos os jovens operários na luta por melhores condições de vida.

E de salientar ainda, o espírito de AMIZADE e COMPREENSÃO, entre os delegados vindos de todo o país e ilhas, constituindo o Congresso, desta forma uma bela jornada na luta pela PAZ.

D VIVA A JOC LIVRE E INDEPENDENTE.

ram uma melhor divulgação do V Festival Mundial e um estreitamento dos laços de amizade entre os jovens.

Para darmos uma ideia da actividade nesse sentido, destacamos entre essas festas e passeios, as seguintes:

Em um de Maio da região Almade, com 2500 pessoas. Aí, se destacou o significado do 1.º de Maio (dia do trabalhador), uma jovem falou sobre os problemas da reparação. O

Cont. 2.º pag.....

organiza a recepção a Maria Lamas que regressava de um périplo por congressos e visitas a países de democracia popular, com a PIDE a prender a escritora e todos aqueles que a aguardavam²².

António Borges Coelho preside, em finais de Setembro de 1954, à V Assembleia de Delegados, uma importante reunião que durou três dias e debateu a situação do MUDJ e as movimentações sociais e políticas da juventude. O boletim *Juventude* considera que “*As resoluções aprovadas constituem um verdadeiro programa de luta. Entre elas destacamos a Campanha Nacional por 15000 assinaturas a favor da Negociação e pela Interdição de Armas de Extermínio Massiço, e a filiação do MUD Juvenil na FMJD e das Direcções Universitárias de Lisboa, Porto e Coimbra na UIE*”²³.

Conhecido entre os aderentes como o Coelho de Murça, volta a ser eleito para a Comissão Central nesta Assembleia, juntamente com Pedro Ramos de Almeida, Ângelo Veloso, Hermínio Marvão, Hernâni Silva, Maria Cecília Ramos de Almeida ou Agostinho Neto, angolano, que representava o importante sector dos jovens coloniais, que vinham desenvolvendo actividade no quadro do MUDJ, embora afirmando, principalmente através da Casa dos Estudantes do Império, uma intervenção de acentuado pendor nacionalista em relação às colónias donde eram originários.

A V Assembleia incute um fôlego novo ao Movimento. Seguem-se reuniões alargadas pelo país, um festival da juventude, com jogos florais, em que Borges Coelho ganha o primeiro prémio na modalidade de poesia, com um extenso poema ao estilo e ao espírito da época, intitulado *Carta de Aniversário*²⁴.

Todavia, o MUDJ vinha deslizando num quadro de crise, não obstante sucessivas tentativas de inverter essa situação, a que os efeitos da repressão e de um clima geral bafejado pela guerra fria influenciavam negativamente. As margens de autonomia que os aderentes, dirigentes incluídos, gozavam face ao PCP eram consideráveis, proporcionando-lhes capacidade de debate e de decisão, de afirmação na gestão política quer da organização quer de processos sociais e políticos. António Borges Coelho evoca esses tempos de activista e de dirigente do MUDJ como os mais ricos e marcantes da sua actividade política.

O cerco policial não deixa de apertar, a PIDE tomara conhecimento detalhado do que se passara na V Assembleia e avaliava o papel desempenhado pelos vários quadros que aí participaram, sabia da composição da nova Comissão Central e emitira em Março de 1955 um mandato de captura de António Borges Coelho; porém, desde 1953 que lhe perdera o rasto.

22 Cf. Carlos Brito, *Tempo de subversão*, Lisboa, Edições Avante!, 1998, p. 29-32.

23 “V Assembleia de Delegados do MUD Juvenil”, in *Juventude*, 17 (V), Outubro de 1954.

24 Cf. Arquivo Distrital do Porto, JUD/TPPRT/044/00033, 1º JC, Processo 392/56, 2º volume, Carta de Aniversário, dact., 3 p., apenso a fls 90.

Da relação orgânica com o Partido Comunista, diz que só “já por volta de 1955, entro em contacto com o PCP”²⁵, embora logo no verão desse ano aprofunde essa relação ao tornar-se funcionário clandestino com responsabilidades no sector da juventude. Passa a controlar os organismos do Partido Comunista que actuavam directamente no MUDJ, beneficiando, evidentemente, de toda a experiência adquirida nos anos que lhe dedicara por inteiro.

Um documento interno de Novembro de 1955, estabelece as relações do PCP com a juventude, onde se defende que é ao partido que a cabe educar colocando o MUDJ no centro do trabalho juvenil, encarado como organização nacional, legal e de massas e reconhecendo que é o sectarismo o principal mal de que padece. Segundo o documento: “O Partido pensa que o sectarismo existente no MUDJ – formas de organização e acção demasiado fechadas, ausência de conteúdo juvenil e carácter excessivamente político de muitas das suas actividades e publicações – tem constituído um travão para o seu progresso e alargamento e para o desenvolvimento da acção de massas juvenis, além de facilitar a acção repressiva do salazarismo ao movimento da juventude”²⁶.

Preso a 3 de Janeiro de 1956

Era nesta batalha que se envolvia António Borges Coelho quando foi preso em 3 de Janeiro de 1956, às 13.30 horas no quarto que habitava na Rua dos Ferreiros, a Santa Catarina. A PIDE havia-o localizado e a informação conducente à sua prisão estava pronta de véspera.

Com ele era também preso o indivíduo que lhe alugara o quarto, vindo-se a apurar muito mais tarde que fora o próprio, como informador policial, que o denunciara, pois, segundo Borges Coelho, “A dona da casa em que eu vivia teve um ataque. Não sabia que o marido era agente duplo. Nem ela nem o filho. Foi só depois do 25 de Abril que ele foi identificado. Até essa data continuou a dar informações à PIDE”²⁷.

Duas brigadas da PIDE, chefiadas pelo inspector Boim Falcão irromperam pela casa, bloquearam o acesso às janelas e passaram busca, apreendendo livros, papéis, objectos, um extenso rol, destinado a matéria de prova.

António Borges Coelho reage, à saída da casa, dando vivas à liberdade e à democracia, gritando “abaixo a PIDE”, uma forma de dar a conhecer a prisão de que estava a ser

25 Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.

26 Cf. Arquivo Distrital do Porto, JUD/TPPRT/044/00033..., 3º volume, *Sobre alguns aspectos da acção do Partido em relação à Juventude*, Novembro de 1955, dact., 1 pag., apenso a fls 171.

27 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 24.

alvo, para que a conversa constasse, circulasse e pudesse eventualmente alertar o partido, conhecidos, a família, como importava que fosse.

Em consequência, é violentamente metido num carro que inverte marcha e dispara em direcção à PIDE. Identificado, passa então à cadeia do Aljube, prisão privativa daquela polícia. Sobre o primeiro dos interrogatórios, logo no dia seguinte ao da sua prisão, diz: “Mandaram-me identificar, não me identifiquei; quiseram que eu fizesse estátua, sentei-me. Não levei porrada, sofri a tortura psicológica, o que é pior, porque dali segui para os curros onde estive seis meses”²⁸.

Os “curros”, ou “gavetas”, como eram conhecidas as 14 celas individuais da designada sala 2 do Aljube, destinavam-se a manter encarcerados os presos enquanto durasse a fase mais intensa dos interrogatórios pela polícia. “Eram cubículos que tinham a largura do tronco e de um braço estendido e o comprimento de um corpo. «Sala 2, cela 1/ passos dois por um», escrevi num poema”²⁹, recorda Borges Coelho.

Duas portas, uma das quais gradeada e a outra de madeira, apenas com um postigo para a observação pelos guardas, selava o contacto dos presos com qualquer ambiente mais aberto, criando um clima asfíxiante, escuro, propício a uma pressão não só física como sobretudo psicológica, que coadjuvavam o efeito do interrogatório sob tortura. Como sublinha Carlos Brito, “Estas celas do Aljube eram, assim, uma parte importante da máquina trituradora que a PIDE utilizava para obter confissões, delações ou denúncias sobre a luta e as organizações antifascistas, especialmente as clandestinas, como o PCP”³⁰.

No meio desse isolamento, chega-lhe às mãos uma edição do *Diário Popular* com os materiais do XX Congresso do PC da União Soviética, com a revelação e denúncia dos crimes de Estaline, que o impressionam, pelo impacto das revelações.

Todavia, sucessivamente interrogado ao longo de vários meses, em mais de uma dúzia de autos de declarações que o seu processo judicial regista, em todos a mesma resposta às inúmeras questões que lhe iam sendo colocadas – “Que se recusa a responder!”.

Isolado, enfrentando o desgaste da dúvida permanente entre ser ou não capaz de resistir a toda a sorte de pressões, questionava-se a si próprio: “ (...) e agora? Vais-te aguentar, ou não? Quando se está preso, esse problema não se levanta uma só vez. Surge sempre ao longo de todo o período de formação, que eram seis meses nos curros do Aljube”³¹.

28 Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

29 *Idem*.

30 Carlos Brito, *Tempo de subversão*, Lisboa, Edições Avante!, 1998, p. 38.

31 Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.

Em plena fase de interrogatórios, quando por uma vez recebe a visita do irmão, no meio de grupo de guardas que policiava o encontro, dir-lhe-á “*Quero que digas lá fora que enquanto for vivo não trairei*”³².

Em Maio de 1956, doente, sai do isolamento para ser enviado para a Cadeia de Caxias, que funcionava também como prisão-hospital. Aí, diz, “*passsei um mau bocado com os meus companheiros por eu aceitar que, no essencial, o relatório era verdadeiro. Foram dias de conversa à roda que interrompi intempestivamente*”³³.

Trata-se do primeiro grande embate com a rigidez partidária, que abala as suas convicções sobre o modelo e referência que o PC soviético representava para o PCP e os seus quadros e militantes, como, de resto para o movimento comunista internacional. Não será, todavia isso, que lhe abalará a determinação e a firmeza no combate ao regime, dentro da própria cadeia, em solidariedade permanente com a luta travada pelos comunistas contra o regime de Salazar, pois, “*Concluí que, sim senhor, abaixo o fascismo, vamos acabar com isto, mas há mais mundos*”³⁴.

É colocado à disposição do Tribunal Plenário do Porto até ao início do julgamento, alguns meses depois, a 10 de Dezembro desse ano.

Entre finais de Janeiro e meados de Março de 1955, abate-se uma grande vaga repressiva sobre o MUD Juvenil, sendo presa praticamente toda a Comissão Central que havia sido eleita na V Assembleia de Delegados, pouco antes – Pedro Ramos de Almeida, Hermínio Marvão, Maria Cecília Ramos de Almeida, Hernâni Silva, Agostinho Neto –, num processo instruído a partir da subdirectoria do Porto da PIDE. Tratava-se de um grande processo envolvendo 52 arguidos, a que estavam também associadas personalidades ligadas à Comissão do Porto do Movimento da Paz, como Óscar Lopes ou Orlando Juncal.

António Borges Coelho não fazia parte desse processo, pois o seu paradeiro era desconhecido e só seria preso bastante mais tarde, sendo-lhe então instruído um processo judicial próprio, embora viesse a ser depois ligado ao grande processo do MUDJ, o que faz com que o seu julgamento decorra no Porto.

O grande objectivo da PIDE era identificar o MUDJ e o Movimento da Paz com o PCP e desarticular o “Juvenil” por completo, evidentemente. Foi um julgamento longo que só termina em 12 de Junho de 1957, envolvendo três dezenas de advogados, a elite dos advogados oposicionistas do norte, como, os irmãos Cal Brandão, Eduardo Ralha,

32 Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

33 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 27.

34 Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.



Antônio Borges Coelho, retrato de Maria Cecília, anos 50 (Cat. 5)

Lino Lima, os irmãos Armando e Raul Castro, Coelho dos Santos, Olívio França, Artur Santos Silva, António Macedo, Alexandre Babo, bem como António Ramos de Almeida, Manuel João da Palma Carlos ou Fernando Abranches-Ferrão, de Lisboa.

Pelo julgamento passaram trezentas testemunhas, a intelectualidade oposicionista, como o Professor Vieira de Almeida, o escritor Ferreira de Castro, o advogado Francisco Sousa Tavares, o Engenheiro Caldeira Rodrigues, o advogado e ensaísta Mário Sacramento e tantos mais cientistas, escritores, médicos, técnicos, mas também muitos trabalhadores, amigos e companheiros dos jovens detidos³⁵.

O regime não conseguiu provar o que pretendia, mas, ainda assim, condenava com penas que andavam em média pelos dois anos, excepção feita a António Borges Coelho sobre quem pesou sentença mais dura – dois anos e nove meses de prisão maior, suspensão dos direitos políticos por quinze anos e medida de segurança por período não inferior a seis meses, o que significava que a pena podia ir sendo sucessivamente prorrogada com base na iníqua medida de segurança, que foi o que efectivamente sucedeu.

Enviado logo a 1 de Outubro de 1957 para o forte de Peniche para execução de pena, inicia em Julho de 1959 o cumprimento da medida de segurança, só vindo a ser libertado, e condicionalmente, em 21 de Maio de 1962.

O forte de Peniche representava o que o Governo considerava de mais seguro em matéria prisional, tendo sofrido obras de remodelação de modo a torná-lo uma espécie de prisão-modelo dotada de condições, que pusessem termo à vulnerabilidade evidenciada por um conjunto de tentativas de fuga ocorridas em anos anteriores.

Essa remodelação consistiu na construção de três novas alas, ou pavilhões de alta segurança em cimento armado, com salas e celas individuais e colectivas, organizada por sectores devidamente compartimentados pelo reforço das barreiras de comunicação, designadamente através de gradeamentos e portas de ferro.

O Pavilhão C, de três pisos, foi o primeiro a entrar em funcionamento, em Junho de 1956. Para o piso superior, tido como particularmente seguro, com celas individuais e um refeitório colectivo, cujo acesso se fazia por três portas gradeadas que não podiam estar abertas em simultâneo, foram transferidos José Magro e Rogério de Carvalho, que já se encontravam presos no forte. Perante a situação, ambos protestam, tendo o chefe dos guardas informado “*que se projectava a passagem para Peniche de um preso de responsabilidade. Não estando autorizada a sua inclusão no regime comum, haviam resolvido constituir uma secção especial para os três, celular, mas com algum convívio diurno. Calámo-nos. Não podia ser outro senão Álvaro Cunhal*”³⁶.

35 Cf. Alexandre Babo, *Recordações de um caminheiro*, Lisboa, Escritor, 1993, p. 203-227.

36 José Magro, *Cartas da Prisão*, Lisboa, Edições Avante!, 1975, p. 49.

Neste piso vai ser concentrado o mais importante conjunto de funcionários e dirigentes do PCP em cumprimento de pena ou da sua prorrogação por via das medidas de segurança. Para aí vai também ser transferido António Borges Coelho.

Se Magro sai antes da sua chegada, assim como Rogério de Carvalho, em Novembro de 1957 chega Carlos Costa e Humberto Lopes; em Agosto de 1958 Francisco Miguel, Francisco Martins Rodrigues e António Gomes do Rego e no final de Janeiro de 59 Joaquim Gomes, Jaime Serra e Pedro Soares; depois, até final desse ano, José Carlos, Guilherme Carvalho e regressa Rogério de Carvalho, novamente preso.

O regime prisional era particularmente severo, sujeito a uma disciplina e a uma vigilância apertadas, com escassos períodos em que os presos podiam conversar entre si, sempre na proximidade dos guardas prisionais. Ainda assim, havia entre as 17 e as 18 horas um curto período, no refeitório, reservado à correspondência com a família, à leitura de jornais e em que era também permitido aos presos conversar entre si, embora sob a vigilância permanente dos guardas, que se tornava necessário iludir.

Era portanto nos interstícios desta vigilância e potenciando os espaços e os tempos possíveis, que se desenvolvia a actividade dos presos entre si, fosse política ou cultural. Nesta altura já havia sido apreendida a biblioteca que os presos, nos anos 50, haviam organizado e os seus livros integrados na biblioteca da prisão, que conservava por isso um bom conjunto de obras literárias, ainda que discricionariamente gerida pelos guardas³⁷.

Na prisão acende-se em Borges Coelho o interesse pela História. No entanto, para um estudo mais direccionado, mais específico era incontornável recorrer aos pedidos de autorização para receber livros do exterior, que entravam em um – as crónicas de Fernão Lopes, os quatro volumes da História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV, de Henrique Gama Barros; o ensaio Sobre a Revolução de 1383-85 e o prefácio à crónica de D. João I, de António Sérgio; a História da Sociedade Portuguesa no Século XV, de António Costa Lobo; os vários vo-

Notas para a preparação da defesa em tribunal, anos 50 (Cat. 14)

84

NOTAS SUR...

Sou aderente do MUD juvenil e é um grande orgulho que o declare aqui neste tribunal.

No entanto, não acusado pelo Pide de qualquer traído contra o regime do Estado.

É isso verdade? Não é verdade!

O MUD juvenil - movimento legal de acção de entre os jovens portugueses. sempre defendeu a resolução pacífica dos problemas de juventude e do povo. No seu desenvolvimento sempre sempre em busca de destaque - o problema da reconciliação de todos os portugueses vai além dos seus interesses ou dos seus opiniões políticas, religiosas ou quaisquer outros. O MUD juvenil nunca acusou de traído os jovens portugueses a desobediência o governo português. Pelo seu valor e pelo seu acto, apontou sempre de traído aos jovens portugueses desde 1946 o movimento de reconciliação, de acção, de acção legal e cívica em favor dos seus direitos e dos seus interesses.

Neste momento, não ~~está~~ ^é a dia mais ~~podemos~~ ^é um todo o mundo ~~se~~ e no seu lado os jovens portugueses que exigem sempre desta justiça para todos os problemas e para todos os litígios, o MUD juvenil orgulha-se de ter levantado um acto desta - dia de sua fundação o grito de Paz e de Amizade o grito de reconciliação.

Porque então não acusado de traído?

Justificamos os nossos políticos e o sistema de justiça portuguesa como parte resolvedora de um ser uma resolução pacífica dos problemas

37 Cf. José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal: Uma biografia política*, vol. 3, 2005, p. 417-418.

lumes, tomos e suplementos dos Descobrimientos Portugueses de Silva Marques... No entanto, a mesquinhez e a prepotência das regras teria o seu reverso, pois “ (...) afinal o regulamento que só me permitia a entrada de um livro de cada vez, acabou por se tornar benéfico, pois obrigou-me a tirar apontamentos exaustivos sobre a informação de cada volume”³⁸.

Por outro lado, os livros autorizados a uns, circulavam pelos outros presos, em função dos interesses e das preocupações comuns. Aliás, sob a dureza do regime prisional, no Pavilhão C, formava-se um grupo empenhado no estudo da História, que, para além de Borges Coelho, contava também com Carlos Costa, interessado na cultura castreja, e Francisco Martins Rodrigues, cujos interesses se orientavam para o estudo de D. Sebastião e do sebastianismo.

Álvaro Cunhal participava neste grupo e trazia já da Penitenciária o manuscrito de *As lutas de Classes em Portugal nos fins da Idade Média*³⁹, que Borges Coelho teve oportunidade de ler, iludindo a vigilância dos guardas e que teria influência considerável sobre si e sobre a sua obra futura. O seu desejo de escrever, de investigar, de prosseguir estudos e desenvolver investigação vai crescendo em si, germinando naquele contexto adverso.

É desta altura também um caderno de poesia, manuscrito, *A liberdade volta com as pombas brancas*, que reflecte os poemas que vai escrevendo nos tempos de prisão e que a PIDE virá a apreender, como outros pequenos cadernos e folhas soltas com poesia.

Álvaro Cunhal exercia grande ascendente sobre a pequena comunidade de presos confinados naquele 3º piso de uma ala que se queria de alta segurança; ascendente político, evidentemente, mas também cultural e social que estabelecia com os seus companheiros, pelo exemplo quanto ao modo de vida ou à disciplina, mesmo nos mais pequenos aspectos.

António Borges Coelho refere que usando em Peniche “*um fato-macaco que herdou do pai, uns socos de Trás-os-Montes e, às vezes, um pull-over roto nos cotovelos (...)* [Cunhal] *andava sempre a dizer-me para eu o coser. E eu respondia-lhe sempre que não me apetecia. Até que um dia agarrou no pull-over e coseu-o ele*”⁴⁰.

António Borges Coelho casa com Isaura Conceição da Silva, na prisão, “*um casamento branco*”⁴¹, nos primeiros dias de 1959. Haviam-se conhecido no MUDJ, e começado a

38 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 35.

39 Cf. José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal: Uma biografia política*, vol. 3, 2005, p. 198-205.

40 Cit. *idem*, p. 426.

41 Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

namorar. Isaura destacara-se no protesto contra a absurda proibição das enfermeiras se poderem casar, recolhendo só no Hospital dos Capuchos 700 assinaturas e Borges Coelho não demora a aliciá-la para o “Juvenil”.

Têm casamento marcado para 28 de Novembro de 1953, mas Isaura é presa a 3 desse mês, na sede que o MUDJ abre em Lisboa. Apesar de ter aderido recentemente ao Movimento e de lhe terem sido apenas apreendidos dois ou três simples panfletos é levada a tribunal e condenada a dois anos de prisão e medida de segurança, o que era manifestamente excessivo.

Assim, quando Borges Coelho é preso, Isaura está precisamente em cumprimento de medida de segurança, vindo a ser libertada apenas em Fevereiro de 1957. Empreende então o difícil processo de casamento na prisão, única forma dele poder receber visitas suas, vencendo toda a sorte de obstáculos e contrariedades. Um casamento em que *“só nos deram duas horas de visitas em comum e autorizaram-nos a ter duas garrafas de vinho de qualquer qualidade. Também só podíamos tirar duas fotografias. Coloquei uma toalha sobre a mesa e, por cima, as garrafas e os bolos. Todas as testemunhas tiveram de ser revistadas antes da cerimónia”*⁴².

O poeta Alexandre O’Neill é o padrinho e os presos juntam-se para comprar uma prenda para os noivos e Cunhal oferece um dos seus desenhos da prisão, *“pescadores jogando à pela, cena que ele observava diariamente através das grades da cadeia”*⁴³. Só se reuniram, no entanto, três anos depois, quando António Borges Coelho é finalmente libertado. Tinham passado quase dez anos após terem projectado casar-se.

Nesse ano de 1959, em que se casa, germina e desenvolve-se o plano de fuga de Álvaro Cunhal do Forte de Peniche, coordenado pelo futuro secretário-geral, por Jaime Serra e Joaquim Gomes, os três principais dirigentes que aí se encontravam e com um forte apoio exterior do aparelho partidário. Quando estão amadurecidas as condições para que o plano se concretize, Cunhal convida pessoalmente, um a um, os funcionários que estavam no 3º piso do Pavilhão C, na realidade a esmagadora maioria dos detidos.

António Borges Coelho não declina a possibilidade de integrar o grupo que vai intentar a fuga, mas coloca as questões que se lhe punham de modo frontal, pois, *“Se fugisse tinha de ser funcionário do partido. Colocado perante a hipótese da fuga, disse que participaria, mas acrescentei que pretendia passar a dedicar-me à minha vida. Iria para o estrangeiro. Acabei por ficar preso mais dois anos e pouco”*⁴⁴.

42 “Isaura Conceição da Silva”, in Rose Nery Nobre de Melo, *Mulheres portuguesas na resistência*, Lisboa, Seara Nova, 1975, p.133.

43 *Idem*.

44 Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.



Casamento de António Borges Coelho com Isaura Silva, Cadeia de Peniche, 1959 (Cat. 22)

A fuga ocorre a 3 de Janeiro de 1960 e é espectacular. O seu impacto enorme, o que deixa o governo furioso. Afinal, da ala de mais alta segurança, fugia um grupo de dez presos, que era, para mais, a elite dirigente do PCP aí encarcerada, incluindo Álvaro Cunhal, cujo peso simbólico torna a fuga ainda mais estrondosa.

No piso tinha apenas ficado Borges Coelho, dois quadros “legais”, os advogados Manuel Andrade e Humberto Lopes, e um preso que não era filiado no PCP, o açoriano António Gomes do Rego. A reacção não se faz esperar, são todos transferidos de novo para o Aljube e sujeitos a tortura em interrogatório, com o objectivo de obterem elementos sobre a organização da fuga.

Regressados a Peniche, enfrentam um regime prisional bastante mais endurecido. Foi o período mais duro da sua longa passagem pela prisão, com “*Provocações constantes. Dois guardas para um preso. Não se podia trocar uma banana com um companheiro porque não eram permitidas comunas. E toma lá castigo, e toma lá segredo. Achavam que eu era um dos homens de confiança da Direcção do Partido e ficaram siderados por não ter participado na fuga*”⁴⁵.

45 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 25.

As represálias sucediam-se. Os seus manuscritos, as notas de leitura de muitos meses de trabalho foram apreendidas e depositadas na secretaria, obrigando-o a requisitar os materiais que pretendesse consultar, isto é, “5 ou 10 folhas de cada vez. Para mais consultas tinha de devolver as folhas anteriores”⁴⁶.

A libertação, condicional, viria a 22 de Maio de 1962, mais de seis anos depois de ser preso e não obstante a sua pena ter isso inferior a três anos. Ainda assim só conseguiria trazer os seus manuscritos, a base afinal para as primeiras obras, sob protesto, ameaçando não sair sem trazer aquilo que afinal lhe pertencia e que era produto do seu trabalho no interior da cadeia.

Aturdido com a libertação, à saída da prisão com duas malas na mão, uma mulher que por ali estava e que se apercebera que se tratava da libertação de um preso político abraça-o calorosamente. “Aquele abraço ficou para toda a vida”⁴⁷. A mesma recordação quente, afinal, de sua mulher, Isaura, ao sair da fortaleza logo após o casamento – “a população de Peniche esperava-me toda á porta da cadeia. Há coisas que nunca mais se esquecem”⁴⁸.

Na contramão da historiografia oficial

Iniciava-se um novo ciclo da sua vida, abria-se a possibilidade de finalmente concretizar a enorme vontade de se dedicar à escrita, à investigação. Mas, ao mesmo tempo, ao lembrar os camaradas e companheiros que permaneciam encarcerados, não consegue evitar “uma espécie de remorso por estes estarem lá e eu estar cá fora a viver o sol e a poder fazer aquilo que estava a fazer. No entanto, continuei a dar todo o meu apoio”⁴⁹.

No ano seguinte edita *Roseira Verde*, o seu primeiro livro de poemas, em edição de autor, mas beneficiando do apoio do irmão.

O regresso à Faculdade de Letras e ao Curso de Histórico-Filosóficas interrompido dez anos antes pode agora realizar-se em melhores condições, após um reingresso ainda sob prisão, no ano lectivo de 1961-62, dando como morada a Prisão-Hospital de S. João de Deus, em Caxias. Assim, em Setembro de 1962 retoma efectivamente o curso, inscrito nas cadeiras de História Medieval, nas de História Moderna no ano seguinte e em 1964-65 nas da componente de Filosofia do curso, agora já nas novas instalações da Cidade Universitária.

46 *Idem*, p. 26.

47 *Idem*.

48 “Isaura Conceição da Silva”, in Rose Nery Nobre de Melo, *Mulheres portuguesas na resistência*, Lisboa, Seara Nova, 1975, p.133.

49 Valdemar Cruz, “António Borges Coelho, Historiador, 76 anos. O que a Vida me ensinou”, in *Expresso*, de 9 de Abril de 2005.



António Borges Coelho com o poeta Mário Gonçalves na enfermaria de Caxias, anos 60

Este vai, no entanto, ser um tempo de outras dificuldades acrescidas, a nível profissional antes do mais, mudando com frequência de emprego – “*tive para aí uns vinte*”, confessará, mas subsistindo fundamentalmente como explicador e tradutor.

Ainda antes de concluir a licenciatura publica dois dos seus livros mais importantes, justamente os que se tornaram decisivos para colocar António Borges Coelho como figura central da segunda geração da historiografia marxista em Portugal⁵⁰. Em 1964 publica *Raízes da Expansão Portuguesa* na Prelo e, no ano seguinte, *A Revolução de 1383*, na Coleção Portugália, com o empenho de Augusto da Costa Dias, que a dirigia, ombreando com vários títulos fundamentais para a renovação da historiografia portuguesa publicados nos anos 60, de autores como Joel Serrão, Armando Castro, Victor de Sá ou Oliveira Marques.

O primeiro desses livros será rapidamente interdito, passando a circular discretamente ou em versões copiografadas. A PIDE, inquirindo-o pretendia associar o conteúdo da obra com o Partido Comunista, entendendo que “*desvirtua algumas das páginas mais brilhantes da nossa História, adulterando sacrilegamente os factos e classificando de “abutres” homens que foram heróis e santos*”⁵¹.

Depois da publicação de *A Revolução de 1383*, numa das visitas mensais à PIDE a que a sua liberdade condicional obrigava, seria encerrado mesmo numa cela blindada e sem janelas durante algumas horas. Era um aviso...⁵².

Para o regime as obras e em particular as *Raízes*... tinham por objectivo denegrir a imagem internacional de Portugal sobre as posições colonialistas que defendia, dizendo ao mesmo tempo que atacava a Casa de Bragança.

Perante os professores e pelos corredores da Faculdade, é um aluno “marcado” pelo seu passado político, evidentemente, mas também pela sua obra, corajosa, polémica, em completa contramão com a instituição universitária do regime salazarista, editada para mais quando continuava a ser aluno.

Aos catedráticos que pontificavam na Faculdade, como Jorge Borges de Macedo, Virgínia Rau ou Veríssimo Serrão não nega a capacidade científica ou a paixão pela História, mas também não cede em distanciamento crítico. No final de uma das aulas de Virgínia Rau pergunta-lhe “*o que é que havia do passado muçulmano. Respondeu-me: «não há nada». Eu já estava a trabalhar no «Portugal na Espanha Árabe» e disse-lhe: “pelo menos textos não faltam”. Despachou-me com um «há muita confusão na sua cabeça». Mais tarde encontrou-me no corredor e perguntou-me: «você é que é o*

50 Cf. José Neves, *Comunismo e nacionalismo em Portugal*, Lisboa, Tinta da China, 2008, p. 313.

51 IANTT, PIDE-DGS, P. 411/GT, *Auto de Perguntas a António Borges Coelho*, em 1 de Agosto de 1964.

52 Cf. A.A. Marques de Almeida (organização de), “Notas Biográficas de António Borges Coelho”, in António Dias Farinha, José Nunes Carreira e Vítor Serrão (coordenação de), *Uma vida em História. Estudos de homenagem a António Borges Coelho*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa/Editorial Caminho, 2001, p. 16.

mouro?» Houve mais coisas que não quero contar porque a Prof. Virginia Rau é muito mais do que estas histórias. Em minha opinião tem estado um pouco esquecida⁵³.

Já em relação a Borges de Macedo, apesar das discordâncias profundas, regista as cumplicidades, que o levavam a apreciar não tanto as *Raízes...* ou a *Revolução...*, evidentemente, mas uma biografia de Alexandre Herculano⁵⁴, publicado também em 1965, que era bem mais cómodo elogiar publicamente, considerando aliás a valorização que Macedo fazia da obra e da herança historiográfica de Herculano, que reclamava.

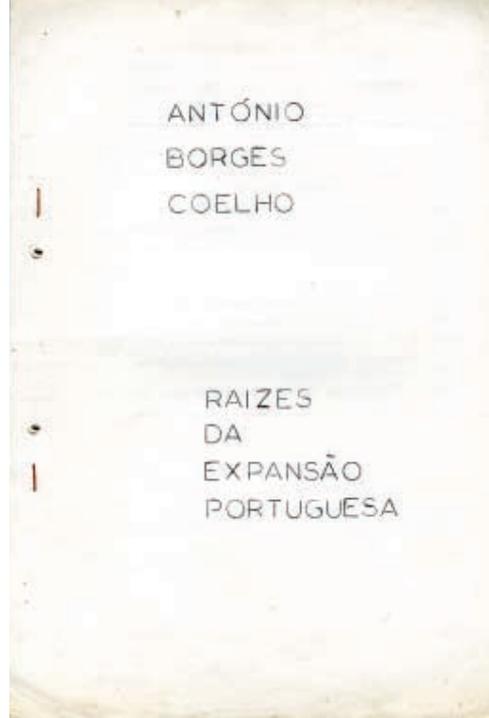
Mas erguia-se uma barreira àqueles dois livros. Não era só a interdição da sua circulação no interior da Universidade pelas peias da censura, mas também, sobretudo, o preconceito ideológico da elite académica do tempo, completamente avessa ao marxismo, mesmo que, nalguns casos, pudesse aceitar ou reconhecer validade científica nos pressupostos da escola dos Annales, por exemplo.

Ainda que exemplares das *Raízes* integrassem a biblioteca particular de Virgínia Rau, por exemplo, a atitude dominante era de silêncio total sobre a obra, como se pura e simplesmente não existisse. Exceptuava-se a atitude do Professor Alexandre Lobato⁵⁵, moçambicano de origem, estudioso de temas da expansão, cuja obra havia sido sempre acolhida pelos aparelhos editoriais do regime, mas que considerava as *Raízes...* como objecto científico.

Pelos anos seguintes, ainda aluno da Faculdade de Letras, continua a publicar. Em 1966 e 67 prefacia e anota as Crónicas de D. Duarte e D. Pedro, de Rui de Pina e Fernão Lopes, respectivamente.

Conclui a licenciatura em 1967, apresentando a dissertação *Leibnitz. O Homem, a Teoria da Ciência*, orientada pelo Professor Osvaldo Market, que virá a editar pouco tempo depois nos Livros Horizonte.

Inicia, de seguida, levado por Daniel Ricardo, a sua mais intensa experiência jornalística ao embarcar no projecto editorial da nova série de *A Capital*, dirigido por Norberto Lopes e Mário Neves, duas destacadas figuras do jornalismo português que perfilhavam uma tradição liberal na área.



Edição copiografada que circula clandestinamente *Raízes da Expansão Portuguesa*, 1964 (Cat 41)

53 Santiago Macias, "Entrevista a António Borges Coelho", in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 33-34.

54 Cf., *idem*, p. 35.

55 Cf. *idem*, p. 34.



António Borges Coelho a descer as escadas da redacção de *A Capital*, anos 60 (Cat. 29)

Empreendendo a continuidade do velho e prestigiado título que se publicara entre 1910 e 1938, director e director-adjunto afirmavam no editorial do primeiro número, de 21 de Fevereiro de 1968, que o propósito do jornal era “*servir o país em tudo quanto esteja ao nosso alcance e prestigiar a Imprensa Portuguesa na medida das nossas forças. Somos um jornal independente, livre de hipotecas financeiras e políticas (...) Colocarnos-emos acima e à margem de tendência partidárias, de interesses privados e das oligarquias reinantes*”⁵⁶.

António Borges Coelho é repórter em *A Capital* entre Fevereiro de 1968 e Dezembro de 69; repórter do quotidiano, das misérias sociais, publicando também crónicas, entrevistas, críticas literárias, de cinema. Desses anos evoca a paixão da reportagem e a forte camaradagem do núcleo que arrancara com o jornal⁵⁷.

Para subsistir vira-se de novo para o ensino e mantém a tradução. Dá aulas de História e Filosofia. Passa pelos externatos de Lisboa – Crisfal, Fernando Pessoa até fundar com mais alguns colegas o Séneca, forma de contrariar a perseguição que o regime nunca deixa de lhe fazer, apesar dos autos de liberdade definitiva serem de Junho de 1967.

Em 1968 ainda, a Inspeção do Ensino Superior nega-lhe o diploma de professor particular do ensino liceal e no ano seguinte a Direcção-Geral do Ensino Liceal indefere-lhe o requerimento para leccionar no liceu Gil Vicente, o que equivalia à expulsão após um mês de aulas⁵⁸. Leccionará, sim, com os responsáveis dos externatos a admitirem-no mesmo sem diploma.

Tal perseguição chegava ao caricato aspecto de lhe ser sempre recusada a possibilidade de conduzir, em 1966 por estar ainda em liberdade condicional, mas três anos mais tarde sem qualquer motivo explicitado.

Edita então, entre 1971 e 1973, na *Seara Nova*, os três primeiros volumes de *Portugal na Espanha Árabe*, vindo o último a ser publicado já em 1975, que correspondia a um interesse vindo de longe, dos tempos da prisão, pois “*impressionava-me a ausência de informação para o período compreendido entre o século VIII e XIII: «mas que raio, então os muçulmanos estiveram cá e não há nada?»*”⁵⁹.

Já na viragem para os anos 70 percorre o país, acompanhado pelo Arquitecto Gustavo Marques, seu amigo, precisamente à procura dos vestígios desse período, tarefa ingra-

56 Cit. por Mário Matos e Lemos, in *Jornais Diários Portugueses do Século XX. Um Dicionário*, Coimbra, Adriane Editora, 2006, p. 161.

57 Cf. Rodrigues da Silva, “António Borges Coelho. Uma vida independente”, in *JL*, de 27 de Abril de 1994.

58 Cf. *idem*.

59 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 38.

ta, dada a insipiência dos seus conhecimentos. É Augusto Costa Dias quem lhe sugere que reoriente esse esforço no sentido de uma colectânea que demonstre essa presença, com descrições geográficas, textos de história e filosofia, poemas, que, estando destinada à Portugal, vem a ser editada na *Seara Nova*, animada por António Reis, numa altura em que Costa Dias já se encontrava bastante doente.

Ainda em 1973 publica *Comunas ou Concelhos*, na Prelo, cuja recepção à esquerda é saudada pelos caminhos que rasga e pela perspectiva que o anima, demarcando-se da historiografia tradicional⁶⁰.

Na Faculdade de Letras como professor

O derrube da ditadura chegava pela mão dos militares, assente numa intensa movimentação social e política de base popular, que alastra pelo país, que chega às ruas e praças, às fábricas e às escolas. Não serão necessários muitos meses para que, em Setembro, numa assembleia de estudantes na Faculdade de Letras o seu nome fosse proposto para professor do curso de História.

A proposta para a sua contratação é, de seguida, apoiada em pareceres de Joel Serrão e José Manuel Tengarrinha, que sublinha como “*António Borges Coelho tem realizado trabalhos que o situam em posição de merecido destaque na nossa historiografia actual pela largueza e segurança das informações em que se apoia e pela penetração da análise, servida por um estilo literário sugestivo e original.*

A sua obra constitui, pois, um contributo valioso para o avanço do conhecimento do nosso passado histórico, tanto pelo aprofundamento e enriquecimento das perspectivas em domínios já estudados como da abordagem de problemas e períodos mal estudados”⁶¹.

A 1 de Outubro de 1974 inicia funções docentes como professor auxiliar convidado no curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, leccionando as cadeiras de Introdução à História Económica e Social e orientando o Seminário A Casa Senhorial do Infante Dom Henrique.

Nos anos seguintes outras cadeiras e seminários de História Moderna vão-lhe ser distribuídos como tarefas docentes – História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, História Moderna e Transformações estruturais da sociedade portuguesa no século XVI, em 1976-77; História Medieval de Portugal e História Moderna de Portugal,

60 Cf. Miguel Serras Pereira, “Comunas ou Concelhos – uma interpretação exemplar”, in *Diário de Lisboa*, de 30 de Agosto de 1973.

61 FLL, Processo individual de António Borges Coelho, *Parecer de José Manuel Tengarrinha*, em 20 de Novembro de 1974, dact.

nos dois anos seguintes; voltando à História dos Descobrimentos e à História Moderna em 1979-80 e 1980-81.

A vida na Faculdade reflectia a turbulência e a vertigem do tempo. Cláudio Torres, seu colega, de quem rapidamente se tornaria grande amigo descreve o ambiente académico de então:

*“O mundo era então resolvido nos anfiteatros e corredores da Faculdade de Letras de Lisboa. Eram os primeiros meses logo a seguir ao 25 de Abril. Décadas de tristonha repressão tinham desaguado num turbilhão de coisas nunca feitas, numa incontrolável alegria de reencontros e descobertas. Vivíamos todos a grande festa da nossa vida. A festa sonhada e desejada durante tantos e sofridos anos. Por essa altura, para muitos de nós, alunos e docentes, começa a destacar-se a figura risonha e apaziguadora do António Borges Coelho. Sempre atento e condescendente com as opiniões, quantas vezes delirantes, dos grupos descabelados que animavam as tempestuosas Assembleias Magnas. Sempre disposto a alinhar em iniciativas pouco ortodoxas mas onde fervilhava a capacidade criativa e sobretudo a ingénua vontade de fazer melhor.”*⁶²

Participa ainda activamente no processo de descentralização da Faculdade, com a criação dos Centros de Apoio de Beja e Faro, abertos a alunos voluntários. Deambulando por essas zonas reencontrava o país rural, empobrecido e abandonado. Visitando castelos, igrejas, velhos cartórios paroquiais, arquivos municipais por organizar, grandes montes e capelas isoladas descobria um imenso património em risco de desaparecimento e destruição.

Na Primavera de 1978, numa dessas incursões, acompanha Cláudio Torres numa visita a Mértola, convidados por Serrão Martins, na altura Presidente da Câmara, de quem eram professores na Faculdade. Desde aí permanecerá cúmplice de um projecto coordenado por Cláudio que resgataria Mértola do abandono e que encontraria no património, na identidade e na História factores de desenvolvimento, um desenvolvimento endógeno que se enraizava nas comunidades locais, tornadas simultaneamente actores e objectos de estudo.

Ainda na Faculdade mantém, a par da actividade docente, uma correspondente actividade científica. Integra, logo em 1977, a Direcção do Centro de História, presidido por Joaquim Barradas de Carvalho; no âmbito do qual promove colóquios, encontros e seminários, trazendo a Portugal prestigiados historiadores, como Albert Silbert, Charles Boxer, Albert Soboul, Frédéric Mauro ou Michel Mollat. Funda e dirige a revista *História e Sociedade*, profere conferências, apresenta comunicações no país e no estrangeiro.

62 Cláudio Torres, “A caminho do Sul”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 7.

Sucedem-se as reedições das suas obras. De *A Revolução de 1383-85*, em 1974, 1977, 1981 e 1984 ou de *Raízes da expansão portuguesa*, em 1974, 1976, 1979 e 1984. E continua a editar, designadamente ensaios na série *Questionar a História*, cujo primeiro volume é editado pela Caminho em 1983.

Paralelamente mantém actividade partidária, já legal, no quadro do Partido Comunista, em que se mantém sempre como militante de base. Colabora no *Avante!* e em *O Diário*. Nessa actividade, a perspectiva histórica está invariavelmente presente, seja escrevendo sobre a independência nacional ou sobre a importância e o alcance histórico das independências das antigas colónias portuguesas.

Em 1980, participa activamente na exposição *A Época, a vida e a obra de Luís de Camões*, promovida pelo PCP, juntamente com Manuel Gusmão e o pintor Rogério Ribeiro, com quem inicia uma duradoura e fecunda colaboração. A exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, com que o PCP assinala o quarto centenário da morte do poeta, pretendia também assinalar a efeméride em contraponto com um acusado desinteresse dos organismos oficiais.

Edita nesse ano, numa iniciativa articulada, uma Antologia temática e texto crítico de *Os Lusíadas*, onde “*desafia-se o leitor para que, sem dogmatismos nem reducionismos e sempre com os olhos presos no texto, se aventure connosco à descoberta dos mundos dê sentido que podem tornar mais forte a nossa «fraca humanidade»*”⁶³.

Há nesse texto crítico uma pequena passagem que ilustra bem o fio condutor das preocupações no modo como na sua acção como cidadão faz entroncar o objecto da investigação no centro das suas vivências:

“*A Pátria de Camões constituída por uma amálgama de grupos sociais, com os homens do cabedal e os da nobreza senhorial casando-se e descasando-se na liderança política, não é ainda a Pátria que hoje construímos, lutando pela liderança económica e política dos herdeiros daqueles a quem Camões chamou algumas vezes povo «rudo», «vil», «néscio», «vão», «miserando», «pobre»*”⁶⁴.

Em 1983, a propósito dos 600 anos da Revolução de 1383, colabora nas comemorações promovidas de novo pelo Partido Comunista num contexto que voltava a ser de indiferença oficial em relação ao evento histórico. Como refere:

“*O 6 de Dezembro só foi em Évora e devido à iniciativa da Câmara Municipal, dirigida por Abílio Fernandes. A sessão decorreu no Palácio de D. Manuel onde estava patente uma exposição de desenhos de Rogério Ribeiro sobre o evento. Participaram as autoridades militares e civis da cidade e eu fui o orador. A Câmara Municipal de Lisboa ignorou vergonhosamente a insurreição popular do 6 de Dezembro de 1383. O Poder de então não estava interessado em comemorar revoluções, tanto mais que o 25 de Abril ainda estava*

63 António Borges Coelho, *Os Lusíadas. Antologia temática e texto crítico*, Lisboa, Caminho, 1980, contracapa.

64 *Idem*, p. 174-175.



António Borges Coelho com José Mattoso e Cláudio Torres no Campo Arqueológico de Mértola, anos 90 (Cat. 95)

*bem presente. Não creio que se possa censurar o PCP pelas comemorações. Bem pelo contrário. Só seria deformável se fossem cometidas deformações de carácter histórico. Ora, na divulgação extraordinária, feita naqueles anos, o essencial dos textos assentou em Fernão Lopes*⁶⁵.

Estas comemorações suscitam no entanto viva polémica em torno do carácter da Revolução, que é desencadeada por José Mattoso através de um texto publicado na História de Portugal dirigida por José Hermano Saraiva, para a Alfa, esclarecedoramente intitulado *Lutas de classes?* Numa outra perspectiva, e centrando-se no campo marxista, a polémica é travada também com Armando Castro, em torno do problema da transição do modo de produção feudal ao modo de produção capitalista. Borges Coelho responde a ambas no Prefácio que escreve propositadamente para a 5ª edição de *A Revolução de 1383*, editada pela Caminho⁶⁶.

Tudo isto decorre no período em que António Borges Coelho prepara o doutoramento. O projecto inicial, de maior âmbito orientava-se para o tema *Os cristãos novos portugueses na primeira metade do século XVII e o Filósofo Bento Espinoza*, e evolui, circunscrevendo-se, à *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668*, para o que beneficia duma equiparação a bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica entre 1981 e 1984, orientada por Francisco Salles Loureiro, que substitui Joaquim Barradas de Carvalho, entretanto falecido.

Num período marcado por um forte debate em torno das teses historiográficas que defendia, profundamente influenciadas pelo marxismo e numa altura em que alguns professores mais conservadores regressavam à Faculdade, depois de saneados ou afastados no período imediatamente posterior ao 25 de Abril, alterados os equilíbrios internos, sente à sua volta a vontade de alguns sectores o afastarem da Faculdade.

O tema da tese também não ajudava muito a suavizar esse ambiente, tendo havido inclusivamente pressões e tentativas para que alterasse as suas opiniões ou que desistisse.

Enfrentou essa situação com desprendimento e frontalidade e as provas de doutoramento decorrem a 25 e 26 de Fevereiro de 1986, num ambiente de “*cortar à faca*”⁶⁷, perante um júri composto por Salles Loureiro, Jorge Borges de Macedo, Joaquim Veríssimo Serrão, Isaias da Rosa Pereira e Maria do Rosário Themudo Barata, da Universidade de Lisboa e António de Oliveira, da Universidade de Coimbra, vindo a ser aprovado por unanimidade com distinção e louvor.

65 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 38.

66 Cf. José Neves, *Comunismo e nacionalismo em Portugal*, Lisboa, Tinta da China, 2008, p. 351-356.

67 Santiago Macias, “Entrevista a António Borges Coelho”, in *Historiador em discurso directo: António Borges Coelho*, Mértola, CCC, 2003, p. 40.

Está portanto de regresso à Faculdade e à actividade docente desde o ano lectivo de 1984-85, leccionando História dos Descobrimentos e da Expansão, História Moderna e História Moderna de Portugal. Integra o Conselho Científico da Faculdade de Letras e a respectiva Comissão Coordenadora, a direcção do Instituto Fernão Lopes, organiza o Ramo Educacional de História, rege cadeiras e seminários no Mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Desmultiplica-se em colóquios, conferências, intervenções e tanto acede a ir a escolas secundárias e Câmaras Municipais por todo o país como intervém em realizações científicas de elevada densidade.

Em 1991 presta provas de agregação na cadeira de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa com uma lição sobre *João de Barros historiador da Ásia*, diante dum júri composto por Borges de Macedo, Veríssimo Serrão, José Nunes Carreira, João Medina e Mendes Atanásio, da Faculdade de Letras de Lisboa e por Luís Adão da Fonseca e Cândido dos Santos, da F.L. do Porto, sendo aprovado por unanimidade.

Sete anos depois jubila-se, proferindo a última lição sob o tema *Lisboa na primeira metade do século XVIII*. Entre o doutoramento e a jubilação continua a publicar, com particular destaque para *A Inquisição de Évora*, que corresponde à sua tese de doutoramento, em 1987 ou, ainda no ano anterior a *Quadros para uma viagem a Portugal no século XVI*, resultante do projecto inicial de doutoramento, assim como *Tudo é mercadoria. Sobre o percurso e obra de João de Barros*, em 1992 e uma biografia de João de Barros, em 1997, ao mesmo tempo que continuam a sair volumes de ensaios *Questionar a História* em 1994 e 1996.

Historiador, mas também poeta, depois de *Roseira Verde* e *Ponte Submersa* e *Fortaleza*, em 1962, 69 e 74, edita *No Mar Oceano* (1981) e *Ao rés da Terra* (2001), inicia-se no romance com *Tempo de lacraus* e *Youkali*, em 1999 e 2005. Incurso igualmente pelo teatro com temas de História – *O Príncipe Perfeito*, levado à cena pela Amasculatura em 1987 e *Sobre os Rios da Babilónia*, estreado pela Companhia de Teatro de Almada, em 2001.

“solitário mas solidário”

A sua ligação ao PCP, uma ligação de dezenas de anos, quebra-se em 1991, acompanhando a implosão da União Soviética e do chamado bloco socialista, que lhe suscitava a necessidade de empreender uma grande reflexão e um debate aberto sobre a experiência soviética. Todavia, preso ao património construído na clandestinidade permanecerá afectivamente próximo, mas criticamente distante, explicando motivos



António Borges Coelho com Rogério Ribeiro e Isaura, anos 2000 (Cat. 105)

numa carta em que se dizia “*solitário mas solidário*”⁶⁸. Sobre os motivos críticos que o levaram a afastar-se, refere:

“O PCP mantém-se como uma fortaleza sitiada. E sabemos que não lhe faltam boas e legítimas razões para se manter em guarda. E ninguém tem o direito de impor, por decreto e de fora, regras que a maioria dos militantes aceite.

*A questão essencial não foi a perda eleitoral do Partido. Podia ter ficado reduzido a metade, um terço, um décimo. Houve uma altura em que contava com dois, três mil militantes, mas sentia-se que o mundo se abria à nossa frente. No meio dos maiores sacrifícios, entre eles o da própria vida. Alguns jovens de hoje já nasceram velhos. E quanto aos velhos, respeitemos o seu passado de luta, mas lembrem-se do húngaro Rákosi [Mátyás Rákosi]. Depois de uns trinta anos de prisão foi a primeiro-ministro e aí tornou-se um pesadelo. A política é uma prática e uma ciência. Livremo-nos dos Rakósis!”*⁶⁹

Não obstante continua um homem de esquerda. Dinamizará o projecto de edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*, de base cooperativa, juntamente com Edgar Correia e Jorge Araújo, tornando-se seu Director em 1999.

68 *Idem*, p. 29.

69 *Idem*, p. 28.

Chamado a intervir seja num jantar comemorativo do 25 de Abril, como em 2005; seja sobre o Campo de Concentração do Tarrafal ou dos tribunais Plenários, em 2006, a sua perspectiva continua a entrelaçar a História e intervenção cívica. Num artigo recente, aos 81 anos, desafiando o mundo e os dias, conclui, desafiante:

*“E se, de repente, cem mil mulheres e homens descerem a Avenida para dizer não, é porque a alegria e a esperança continuam vivas, não sabemos aonde, e continua a haver gente disposta a dar até a própria vida, pelos outros homens”*⁷⁰.

⁷⁰ António Borges Coelho, “Algumas notas sobre o mundo e os dias”, in *Seara Nova*, 1710, Inverno de 2009, p. 5.



ANTÓNIO BORGES COELHO

INQUISIÇÃO DE ÉVORA

DOS PRIMÓRDIOS A 1668 .vol.2

CAMINHO



António Borges Coelho, uma História, uma vida, um silêncio que desperta

Pedro Barros

O historiador é um manipulador do tempo. Prende-o num campo ou castelo de palavras. E qualquer um o desperta da mortalha das letras... Mas verdadeiramente não é o tempo que prendemos mas tão-só os acontecimentos – sinais gravados noutros sinais¹.

Não se pretende fazer, neste breve apontamento, uma recensão crítica sistemática de toda a obra de António Borges Coelho, no essencial, estabelecer-se-ão as grandes linhas de reflexão orientadoras da sua obra e pensamento. Tornar menos silenciosa a voz de um historiador que tantas vezes, do silêncio, fez erguer a voz daqueles de quem nunca se falava e que nos deixou e continua a deixar pistas, sempre estimulantes, que ajudam a compreender de que matéria os portugueses e Portugal são constituídos.

No ano lectivo de 1949-1950, matricula-se no Curso de Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa e no ano a seguir abandona o curso para se dedicar em exclusivo à política, tendo feito parte da Comissão Central do MUD Juvenil. A sua actividade política leva-o a passar seis longos anos, de 1956 a 1962, em várias prisões do Estado Novo e é enquanto está preso que inicia os seus estudos em História Medieval, em condições que todos nós podemos suspeitar. Conta Borges Coelho, que “não eram permitidas bibliotecas... para ler a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, entrava o primeiro volume, mas o segundo só podia entrar depois de sair o primeiro”². Em 1962-1963, matricula-se de novo na Faculdade de Letras de Lisboa, concluindo a licenciatura em 1967 e o que desta breve cronologia se destaca é que duas das suas obras mais citadas, *Raízes da Expansão Portuguesa*, de 1964 e *A Revolução de 1383. Tentativa de Caracterização*, de 1965, e que têm suscitado os mais saudáveis debates e polémicas, são produções historiográficas elaboradas antes da conclusão da licenciatura e à margem da instituição universitária. Também em 1965, publica um estudo sobre Alexandre

¹ António Borges Coelho, *O tempo e os homens. Questionar a história III*, Lisboa, Editorial Caminho, 1996, p. 13.

² António Dias Farinha, José Nunes Carreira, Vítor Serrão (Coordenação), *Uma vida em história. Estudos de Homenagem a António Borges Coelho*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 15.



António Borges Coelho

A REVOLUÇÃO DE 1383

Colecção Portugal



A Revolução de 1383, 1ª ed., 1965 (Cat. 35)

Herculano que, embora sem o mesmo impacto mediático das outras duas referidas, vai para lá de uma simples biografia. É uma obra que faz realçar as qualidades de Herculano enquanto historiador, ao mesmo tempo que o analisa criticamente. Diz, Borges Coelho, “o ideário político de Herculano é liberal, isto é, não democrático, não absolutista, não socialista”. Nestes atributos referidos, Borges Coelho não se identifica com Herculano e muito menos na convicção que o escritor tinha quando afirmava que “as liberdades individuais sem força organizativa, são uma suprema mentira”³. Refere também que há uma politização excessiva da história, que é uma tendência das épocas, como a de Herculano. Borges Coelho assume que há uma fragilidade na história política quando não

conveniente iluminada pelas outras, nomeadamente a social⁴. Se por um lado, é crítico de Herculano, por outro é o primeiro a sair em defesa dele quando se diz que quem introduziu em Portugal a História sociológica foi António Sérgio, Borges Coelho pergunta o que dizer os 6.º, 7.º e 8.º da sua História de Portugal senão história sociológica.

Ingressa, Borges Coelho, em 1974, como professor auxiliar convidado no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa e é importante lembrar que nunca deixou de aliar o seu papel de historiador à docência, como professor do curso de História, onde ministrou, entre outras, as cadeiras de *A Historiografia dos Descobrimentos*, *História do Islão*, *História da Inquisição* e a *História da Cidade de Lisboa*, tendo proferido a última lição com o nome de *Lisboa na primeira metade do século XVIII*. Orientou, em 1976, o seminário *Transformações Estruturais da Sociedade Portuguesa no Século XVI* que originou a *Revista História e Sociedade*, da qual foi director, e nela colaboraram, entre outros, Charles R. Boxer, Albert Soboul, Joaquim Barradas de Carvalho, António José Saraiva, Isaiás da Rosa Pereira.

A obra e pensamento histórico de Borges Coelho tece-se sem ambiguidades, nela há convicção, método, reflexão e paixões arrebatadoras nos temas que resolveu tra-

³ António Borges Coelho, *Alexandre Herculano*, Lisboa, Editorial Presença, 1965, p. 46.

⁴ *Idem*, p. 34-35.

tar. Essa forma apaixonada encontra-se bem presente na obra *A Revolução de 1383. Tentativa de Caracterização*, na forma como sentimos haver uma espécie de saída em defesa da honra de Fernão Lopes, concretamente na Crónica de João I.

Nos seus múltiplos caminhos e interesses, em que se desdobram as suas investigações, há, no seu objecto de estudo, uma relação coerente entre o formular de questões e o sentido interpretativo que atribui ao seu discurso historiográfico, revelando desde sempre, e à luz da sua contemporaneidade, alguém que remou sempre contra a maré, rejeitando uma história baseada nos mesmos assuntos, apenas em factos e protagonistas, afirmando, mesmo, que a História assim ensinada nunca foi uma das suas disciplinas preferidas e que, talvez por isso, tenha sido grande o prazer de se confrontar com o poema de Brecht, *Perguntas de um operário letrado* “*Quem construiu Tebas de sete portas?/ Nos livros estão os nomes dos reis. / Foram os reis que arrastaram os blocos de pedra?*” Este poema sintetiza com muita clareza o caminho que traçou para a sua obra historiográfica, um caminho que se questiona, e outro caminho que responde.

Se podemos identificar essa diversidade nos temas tratados é também verdade que há na sua obra uma procura, uma angústia constantes em dar voz aos que contribuíram para o que hoje é parte constituinte de Portugal, mas que a ideologia teima em apagar a história das minorias em processos de refinados silenciamentos. José Mattoso, numa homenagem a Borges Coelho, em Mértola, afirma que *para ele, a História não é trabalho de colecionador de nomes e datas nem registo descarnado de bases de dados; também não é História verdadeira se só fala da glória dos grandes e esquece o rasto dos soldados, marinheiros e comerciantes anónimos que em terras longínquas afrontavam, com medo ou sem ele, a solidão, a aventura e a morte.*⁵

Em 1964 publica *Raízes da Expansão Portuguesa* e, um mês depois, o livro é apreendido pela PIDE, mas continuará a ser vendido clandestinamente. As razões para tal incómodo resultam de se considerar que o livro pretendia atacar as teses do Estado Português na ONU, que defendiam Portugal como sendo um Estado multicontinental⁶. Se por um lado podemos afirmar que foram os Árabes que ensinaram aos peninsulares os rudimentos principais da marinharia, por outro quando Marrocos se quer lançar ao

5 José Mattoso, “Homenagem a Borges Coelho”. *Medievalista* [Em linha]. Nº 4, (2008). [Consultado 20.02.2010]. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/medievalista-mattoso.htm>. ISSN 1646-740X.

6 *Op. cit.* António Dias Farinha, José Nunes Carreira, Vítor Serrão (Coordenação).

mar já os portugueses e os espanhóis primeiro, ingleses e franceses depois, detentores de uma tecnologia náutica mais avançada, bloqueiam os portos, durante séculos, fazendo com que Marrocos não tenha acesso ao Atlântico. A tese primeira de *Raízes da Expansão Portuguesa* contraria o pensamento historiográfico dominante, que defende a conquista de Ceuta em 1415 como se de um acto isolado ou mesmo de uma mudança de rumo abrupta se tratasse. O autor apresenta alguns factos que permitem antecipar no tempo movimentações e interesses em preparar Portugal para uma eventual conquista. É-nos dito que no período que vai de 1317 a 1415 várias ocorrências permitem, com rigor, considerar que não houve grande surpresa com a chegada a Ceuta considerando que “a surpresa de Ceuta não é absurda, nem contraditória. Comércio e pirataria são os dois gumes da espada que vai tingindo o caminho da ascensão da burguesia.”⁷ Houve neste tema, o da expansão portuguesa, muitas frases feitas que deram sempre uma imagem idílica do que foi o período dos descobrimentos. Em Borges Coelho não encontramos esse lado fantástico, mas sim uma nudez nos episódios que podem fazer soar, agressividade e violência nas palavras. As razões que poderão ter estado na expansão e o sucesso da ocupação da costa marroquina observam-se em dois planos, ou seja, pelas razões da atracção e pelas razões do sucesso.

Para Borges Coelho, prolongando, em parte, hipóteses de António Sérgio, o mais importante é saber qual a classe que obriga a sociedade portuguesa a dar o salto e não preocupar-se em saber quais os grupos que participaram na expansão, ou reflectir sobre quem terá beneficiado. E a resposta que é dada é a alta burguesia marítima agrícola⁸, porque a esta burguesia interessava a dilatação das zonas de pesca, o aniquilamento dos corsários mouros mais a penetração e o saque das rotas do ouro, das especiarias, das sedas e dos escravos. Mas o mais importante, o reconhecimento por parte dos senhorios da sua existência como classe, ou seja o respeito pelos seus bens, pelos seus privilégios e pela sua expansão económica, social, militar e política. A expansão é um dos grandes campos de batalha, a balança onde se defrontam as duas forças que disputam o domínio da sociedade.

Na minha pátria cabem todos aqueles – túrdulos, lusitanos, celtas, romanos, russos, mongóis, berberes, árabes, francos, canários, sudaneses, indianos, javaneses, vietnamitas, chineses, pagãos, cristãos, islamitas ou ateus – que

7 António Borges Coelho, *Raízes da expansão portuguesa*, 5ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p.16.

8 António Borges Coelho, *Raízes da expansão portuguesa*, 5ª edição, p.73.

*se aqueceram a este solmas sobretudo aqueles que abraçaram este chão e o beijaram com o seu esperma e o seu sangue*⁹.

No seu trabalho enquanto historiador, Borges Coelho procurou romper silêncios e, sobretudo, pretendeu dar voz às minorias étnicas, às civilizações intencionalmente esquecidas que, nas teias de uma historiografia, com base nacionalista, valorizavam por sistema o engrandecimento dos heróis. Nesse sentido, a obra *Portugal na Espanha Árabe*, 1972-1975, constituída por quatro volumes, põe em relevo a importância que a herança muçulmana teve no espaço peninsular demonstrando a falsidade da representação da história portuguesa como uma cruzada contra o Islão. Trata-se de uma obra inovadora que marca o ponto de partida para a renovação dos estudos árabes que de alguma forma encontravam-se adormecidos desde a morte de David Lopes, em 1942. Conta o autor, em entrevista ao jornal Tempo Livre, Março de 2009, que a primeira grande inquietação que teve como aluno de História foi questionar-se e tentar compreender como é que foi possível ter-se afirmado uma cultura dominante como a dos muçulmanos, na península Ibérica, durante tantos séculos e que não tenham ficado quaisquer vestígios na História portuguesa, abrindo uma exceção para Alexandre Herculano. Na mesma entrevista, refere que terá falado com a professora Virgínia Rau, sobre vestígios do passado Árabe e ao que respondeu que teria muita confusão na cabeça. Confessa que tinha por ela muita consideração, mas neste ponto falhava como a maioria dos historiadores.

No prólogo, do volume I de *Portugal na Espanha Árabe*, afirma que “a generalidade dos portugueses com luzes crê ainda que a civilização árabe peninsular nos tocou apenas na epiderme”¹⁰, parece-nos que ao reunir, numa só obra, os textos de geógrafos, historiadores, filósofos e poetas do período islâmico, dava a primazia a um período histórico até então considerado de segunda ordem na História de Portugal. Pergunta Borges Coelho “quanto do seu sangue, árabe, navega nas nossas veias? Quanto do seu erotismo se integrou na nossa mentalidade?”, é nesta interrogação que pretende, o autor, “desenterrar esta civilização do silêncio fazê-la sair do esquecimento e fazer ouvir a sua voz independente e autêntica”. Em *Portugal na Espanha Árabe* “são muçulmanos e cristãos que falam, ou melhor, são homens que cujos interesses e inquietação se expressam na bandeira legal das religiões”. No volume III, é particularmente interessante a forma como o historiador articula o seu interrogar-se com a angústia de não entender este

9 António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. IV, Lisboa, Seara Nova, 1975, p. 19.

10 António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. I, Lisboa, Seara Nova, 1972.

Luiz de La Penha.

m. 341

Processo de Luiz de La Penha
Feyticeyro de la Cidade de E-
vora.



8179

Auto de

1626

silenciamento, afirmando que os textos que faz publicar “negam a tese do extermínio”¹¹, não há como fazer de conta de que não conviveram entre nós num jogo de partilha ao nível dos vários saberes, fossem eles mais técnicos ou mais culturais. No fundo, a conclusão a que se pode chegar é que a ideologia, o pensamento dominante de determinadas épocas, num contínuo condicionante, faz com que olhemos só de uma maneira para os factos observáveis. É nesta linha de raciocínio que Borges Coelho refere a importância que o caminho de Santiago teve, à luz de uma certa forma de pensar, e que é constituído por pequenos burgos que dão passagem a peregrinos, guerreiros, colonos, etc, mas também havia um caminho para Meca de que ninguém fala, porque no fim de contas, pergunta, “por onde chegaram os manuscritos de Aristóteles, Avicena, as Universidades e os hospitais?”. Nesse sentido, acredita, que com a publicação de *Portugal na Espanha Árabe*, que mesmo ao nível da história ideológica, “não poderá representar mais tempo a farsa de parente pobre ou de vilão ciosamente relegado para as vergonhas da cultura portuguesa”¹².

Nas suas múltiplas interrogações, o historiador assume o seu interesse pelas minorias, dos que não têm voz, não sendo uma prioridade dar importância a actos heróicos associados a um qualquer rei, nesse sentido estudar a Inquisição não representava uma mudança drástica, estava em coerência com as suas preocupações. Chegou ao estudo da Inquisição porque ao querer fazer uma tese de doutoramento sobre Espinosa, relacionada com a contradição cristãos novos/cristãos velhos e a cultura peninsular e o advento da cultura moderna através da Holanda e de Amesterdão e ao começar a estudar a situação em Portugal, caiu na Inquisição. Na sequência dessa investigação apresenta-se, em Fevereiro de 1987, a provas de doutoramento em História na Faculdade de Letras de Lisboa com o título *A Inquisição de Évora. Dos Primórdios a 1668*. No preâmbulo da obra, o autor assume com naturalidade que ele, o autor, “tem os seus juízos de valor, que não pretende julgar, mas sim conhecer e compreender. Trata-se de uma obra que dá voz aos inquisidores, que ouve os seus argumentos, mas que não cala as vozes das vítimas, e principalmente não pretende construir uma carapaça abstracta que funcione como um túmulo que abafe os gemidos e os cheiros dos cárceres”¹³. Sobre este trabalho, José Mattoso agradece a Borges Coelho “por ter denunciado a iniquidade dos

11 António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. III, Lisboa, Seara Nova, 1973.

12 António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. IV, Lisboa, Seara Nova, 1975, p.17.

13 *Inquisição de Évora*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002 (edição em um volume, revista), p.21-22.

processos usados pelas instituições eclesiásticas que invocavam a fé para espalhar a destruição e a morte”¹⁴.

EM BUSCA DO CONCEITO DE HISTÓRIA

Todos julgamos compreender o sentido das palavras História de Portugal e, no entanto, não nos situamos no mesmo plano de compreensão.

Como já foi referido, a importância de António Borges Coelho na historiografia portuguesa não se reduz, apenas, à investigação de temas marginais a um certo escol, é de realçar o quanto também soube reflectir a própria História enquanto ciência, reflexão essa sempre presente, quer se trate de um tema específico ou em artigos directamente ligados com o como fazer História. As suas preocupações quanto à metodologia que deve sempre acompanhar quem faz História, enquanto discurso científico, foram editadas para o grande público, em 1983, numa colectânea de estudos a que chamou *Questionar a História. Ensaios sobre a História de Portugal*. Esta obra reúne num só espaço a produção historiográfica que ele próprio foi mantendo nas mais diversas publicações e onde se vêm reflectidos temas tão variados como *Em busca do conceito de História, A crónica de D. Duarte e o problema da autoria das crónicas quatrocentistas*, um ensaio sobre Alexandre Herculano, em parte retirado do estudo com o mesmo nome de 1965, *Marx e História, História e independência nacional*, etc. Não sendo possível tratar a fundo todas as abordagens reflexivas que estão patentes em *Questionar a História*, interessa-nos, agora, entrar um pouco mais pormenorizadamente nos conceitos e, em concreto, ver como o autor interroga a História enquanto ciência.

Borges Coelho aponta uma série de preocupações que não se devem perder de vista quando se está a produzir um trabalho de investigação e uma delas prende-se com a frequência com que o historiador substitui o documento por informações “colhidas em segunda, terceira ou não sei quantas mãos”, como se estivesse a citar a citação da citação, originando “graves riscos de produzir teias explicativas já à partida feridas de morte”¹⁵. Dominar bem as regras metodológicas, de manusear documentos, não dá por garantido uma boa conclusão, por vezes os preconceitos não deixam ver mais longe e de facto nem sempre o problema é da ideologia, mas sim da “incapacidade relacionadora

14 Op. cit. José Mattoso.

15 *Questionar a história. Ensaios sobre história de Portugal*, 2ª edição, Lisboa, Editorial Caminho, 1986 [1ª edição, Editorial Caminho, 1983], p.13.

e criativa”¹⁶. Não negando a importância da influência da ideologia, defende que ela tem contornos mais negativos na medida em que se ignora ou finge-se ignorar que essa influência se revela na escolha dos temas a estudar. Contra uma certa subserviência na história, Borges Coelho, no seu estilo muito particular, diz que “no campo da história política, há fazedores de história e de histórias que se comportam como se os reis ainda reinassem e eles velassem para que a imagem do rei resplandeça ainda de ouros e trombetas... Os monarcas da primeira, segunda, terceira e quarta dinastias ou os presidentes republicanos do passado já não reinam nem governam, já não mandam e alguns nunca mandaram nada. Já não temos de nos ajoelhar ante eles”¹⁷.

O autor considera que para uma definição de História é importante que ela se apresente como a “ciência que fabrica os modelos, os conceitos que prendem o devir histórico, a marcha dos homens no passado”. Nesse sentido pergunta se será a ciência fabricante de ferramentas como conjuntura, estrutura, tempo curto, longa duração, modo de produção, classe social, ordem, luta de classes, leis de processo histórico, etc? A este conteúdo se liga a filosofia da história ou o que alguns designam como historiografia”¹⁸. É neste sentido que a História é uma ciência com a vocação da totalidade e só sob o ângulo da totalidade alcançará a meta de ciência.

Com a publicação em *História e Sociedade*, em 1979, e editado em *Questionar a História*, o artigo *Em Busca do conceito de história* dá ordem a uma série de conceitos presentes no pensamento de alguns dos mais importantes historiadores dos séculos XIX e XX, pondo em diálogo e confrontando as ideias chave de Marx que na obra *Ideologia Alemã* diz que “só há uma ciência, a da História”, em Braudel “a História é a ciência das ciências do homem”, Barradas de Carvalho ao vincar o papel de charneira na ciências sociais a “História assume uma vocação imperialista”, em Pierre Vilar contém uma “vocação totalizante”, isto só para citar alguns. Estes pequenos exemplos, revelam bem que Borges Coelho, no seu percurso historiográfico, não “hibernou” apenas nos arquivos, soube trazer para cima da mesa as várias formas de pensar a história – de historiadores ligados aos Annales, de historiadores marxistas e não só – confrontando-as, de forma pedagógica, sem sectarismos, sem silenciar. No entanto, esta diversidade de posturas perante a ciência histórica, leva a interrogar-se “mas de que história falamos nós?”, da de Collingwood, uma história Inquérito, através de provas sobre as acções humanas

16 *Ibidem*.

17 *Idem ibidem*, p. 14.

18 *Idem*, p.16.

praticadas no passado com o objectivo de autoconhecimento, da de Jacques le Goff e Pierre Nora, a ciência do domínio do passado e consciência do tempo, como ciência da mudança, da transformação ou de Althusser, continente das ciências, continente proibido, aberto ao conhecimento pela obra de Marx?, no fundo nesta história-conceito aliada à sua dinâmica na procura de rigor, a história acantona-se, divide-se em ciências e mini-ciências: História económica, social, das mentalidades, das instituições políticas, quantitativa, conceptual, história da arte, das ciências, da filosofia, história da história”¹⁹.

Há no pensamento histórico de Borges Coelho uma exigência que se liga à clareza de ideias que se deve imputar ao discurso historiográfico. Tal exigência está, como já se referiu, presente em toda a sua obra, referimo-nos, pois, à problemática dos conceitos. Nesse sentido, demoremo-nos, então, um pouco mais no seu ensaio *Em Busca do conceito de história* e vejamos alguns dos conceitos que o autor interroga. Muitas vezes utilizamos ideias ou conceitos que nunca são reflectidos, ou seja, todos os dias empregamos conceitos como nação, Portugal, identidade, conjuntura, estrutura, mas são ideias que nem sempre têm uma definição objectiva. Nesse sentido, Borges Coelho apresenta vários conceitos e sobre eles mais do que dar uma resposta imediata, problematiza-os num exercício em que Portugal é o protagonista: História de Portugal, onde pôr o acento? Nos acontecimentos ou nas cadeias? Dez milhões de portugueses, ou é de incluir os que emigraram e morreram em terras estrangeiras? O que devemos narrar? Os acontecimentos importantes da categoria “todos os homens” ou só chefes, mas como narrar todos os homens? Através do típico? Como achar o típico? Que rejeitar?

DIÁLOGOS: A HISTÓRIA EM DISCUSSÃO

As polémicas, ou melhor dizendo, os diálogos que Borges Coelho soube estabelecer com outros historiadores são sinónimo de uma história que se quer dinâmica e é um diálogo que nos entrega a possibilidade de encarar o passado como algo que não passou ainda na sua totalidade e que se investe na construção de novos caminhos, no presente e no futuro. Estes debates reforçam a importância que Borges Coelho tem na historiografia portuguesa porque sabe contrariar silêncios, promovendo diálogos sempre estimulantes e que revelam uma história que não se faz apenas lendo e interpretando documentos ou fontes, faz-se também reflectindo o que outros camaradas de profissão pensam e nisso mostra bem que é também um homem do seu tempo.

¹⁹ *Idem*, p. 20.



António Borges Coelho com os Professores José Tengarrinha e Viegas Guerreiro aquando da sua agregação na FLL. (Cat. 104)

Em Abril de 1970, na revista *Seara Nova*²⁰, Borges Coelho publica uma recensão crítica ao segundo volume de *Ensaios sobre História de Portugal*, de Vitorino Magalhães Godinho e a resposta aparece-nos apenas no terceiro volume de *Ensaios, Teoria da História e Historiografia* porque a censura cortou a primeira resposta que deveria sair na *Seara Nova*.

Há um enorme respeito por Godinho e são de homenagem as primeiras palavras, realçando o seu espírito de rigor e afirma que no comentário crítico será “o homem que colocará questões que duvida e que descorre nunca com a intenção de fomentar a perturbação, mas através da contradição fazer saltar as faíscas do diálogo”. Borges Coelho retém o seu olhar crítico numa série de passagens que colocam em segundo plano a luta dos diferentes grupos sociais havendo uma valorização, que o historiador rejeita, de um determinismo nas acções humanas que são comandadas pelo mecanismo das estruturas económicas. Esta alegada sobrevalorização de um certo determinismo, que anula o papel da consciência de classe, encontra-se, a seu ver, quando Godinho diz “o açúcar parte à procura de novos mercados”²¹, “aqui o verdadeiro motor é a pesca”²². A estes exemplos recorre para referir que Godinho defende a existência de uma causa e efeito entre objectos económicos e as acções humanas e que, nesse sentido, ficam

20 (Com ligeiras alterações, a crítica foi publicada em *Questionar a História. Ensaios sobre a História de Portugal*).

21 “A propósito do II volume de Ensaios de Vitorino Magalhães Godinho”, in *Seara Nova*, nº 1494, Abril, 1970, p. 136.

22 *Ibidem*.

esquecidos os comportamentos conscientes, diminuindo a importância do dinamismo social que com as suas próprias leis se reflectem nos dados e objectos económicos. Nesta crítica a Godinho, encontramos em Borges Coelho a definição de alguns conceitos com os quais tenta demonstrar as contradições do que pretende criticar, ficando claro o que se entende por meios de produção, a terra, ferramentas e os objectos económicos, cereais, vinho, frutas, sal, pimenta²³. Godinho ao afirmar “as obras históricas sérias, logo desapaixonadas...” Borges Coelho responde que “se a obra histórica séria tivesse de ser desapaixonada, seríamos forçados a pôr de fora do carro da ciência histórica a obra de Oliveira Martins, de Fernão Lopes, Alexandre Herculano e Jaime Cortesão” e neste caso o próprio autor.

1383, A HISTÓRIA DE UMA REVOLUÇÃO

Se por um lado a obra *Revolução de 1383. Tentativa de caracterização*, de 1965, convoca um período da história de Portugal revela também um autor emotivo na forma como interpreta esse acontecimento. No prólogo, da segunda edição de *A revolução de 1383*, Borges Coelho lança a pergunta “em que base se apoia esta sua obra? e a resposta surge-nos não em jeito de quem tem uma surpresa para dar, mas óbvia: “a *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, que serviu como fonte para todos os comentadores”²⁴. Numa linguagem frontal e sem rodeios, diz-nos o autor “Quem desdenha da *Crónica* ou é tolo ou tem medo das cargas explosivas que transporta no seu ventre”²⁵. Apresenta a sua fundamentação e, na sua tentativa de interpretação, apresenta-nos sempre um intenso aparato documental e bibliográfico. Em *A revolução de 1383* não é apenas o acontecimento em si mesmo que está presente, a obra guia-nos para um diálogo com outras teses que também interpretaram o período conturbado de 1383. Aqui, como em toda a sua obra historiográfica, não procura a polémica pela polémica, põe a nu outras teses do ponto de vista das suas eventuais contradições e somos levados a confrontar as visões de José Mattoso, António Sérgio, António José Saraiva, Oliveira Marques, Joel Serrão, etc.

O mesmo prólogo, ainda, encontra-se dividido em duas partes, uma primeira que se relaciona com a credibilidade em Fernão Lopes e uma segunda que representa a tese que

23 *Idem*, p. 136.

24 *A Revolução de 1383. Tentativa de caracterização*, 3ª e 5ª edição, Lisboa, Seara Nova, 1977 [1ª edição Portugália Editora, 1965], p. 11.

25 *Ibidem*, p. 11.

defende a existência de uma revolução quando falamos de 1383. Em relação à validade da *Crónica de D. João I*, como já se disse anteriormente, o autor sai em defesa da honra de Fernão Lopes que, de repente, parecia estar a ser atacado por todos os lados. É nesse sentido que verificamos não só a apresentação de um trabalho de investigação, subordinado a um acontecimento, como também encontramos espaço para a reflexão. Dá-nos a visão de outros historiadores e a de Fernão Lopes, em particular, enquanto historiador no que diz respeito ao seu método. No fundo, para Borges Coelho é possível encontrar em Fernão Lopes a génese da historiografia moderna. Reagindo às palavras de Oliveira Marques²⁶, que considera haver muitos episódios na *Crónica de D. João I* que não são mais do que romance histórico de alto nível literário, contesta e afirma que Fernão Lopes “em estatura, é, entre nós [historiadores], o primeiro. Inaugura, de facto e em consciência, a história crítica, a história assente na metodologia científica moderna. A sua Crónica de D. João I continua como a obra, mais apaixonante de toda a cultura portuguesa.” É vulgar considerá-lo o primeiro cronista do seu tempo “trabalha como qualquer de nós. Procura as fontes escritas, critica-as, compara-as, recolhe as fontes orais, põe-as em confronto. Só depois constrói o fio condutor e dita”²⁷. Na segunda parte do prólogo, Borges Coelho aprofunda alguns conceitos que constituirão uma base da tese que considera 1383 um movimento revolucionário e para tal define as diferenças que existem entre revolução e golpe de Estado, e assim revolução aparece-nos como “toda a alteração violenta no domínio da classe ou fracção de classe no poder com uma dissolução ou tentativa dos elos sociais anteriores e o golpe de estado mais não é do que um poder que muda de mãos mas não sai da mesma fracção de classe ao mesmo tempo que se mantém as mesmas estruturas e sociais e políticas”²⁸.

Para Borges Coelho a Revolução de 1383 é burguesa (aproxima-se aqui a tese de António Sérgio) e seguindo a leitura que Marx faz da revolução francesa e da Cromwell que as caracteriza como tendo sido uma vitória da propriedade burguesa sobre a propriedade feudal, da nacionalidade sobre o provincianismo, da concorrência sobre a cooperação, etc. É 1383 um dos momentos mais estimulantes da história portuguesa e torna-se um dos temas mais polémicos dos mais combativos na historiografia portuguesa do século XX, foi objecto de variadíssimas interpretações. Em 1930, Jaime Cortesão, na sua obra *Os factores democráticos na formação de Portugal*, defende que a revolução de 1383 é

26 Ver entrada Fernão Lopes em *Dicionário de História de Portugal*, direcção de Joel Serrão, 4 vols., s.l., Iniciativas Editoriais, 1963-1971.

27 Op., *A Revolução de 1383*, p. 18.

28 *Idem*, 27.

nacional nas suas causas próximas e no seu objectivo directo, evitar que Portugal caísse em mãos espanholas. Considera que foi obra de toda a nação, ainda que em proporções diferentes todas as classes estiveram envolvidas. Para António Sérgio, a peste negra de 1348 está na origem da revolução, em consequência dos problemas causados pela peste. E desse problema económico resultou uma luta de classes e que teve um carácter burguês. Em Joel Serrão há defesa da existência de dois movimentos revolucionários, um primeiro em 1383 de cariz popular, pela arraia miúda e um segundo momento em 1385, pela burguesia²⁹.

Concluimos, porque se é obrigado, não que se queira, pois a vontade em continuar permanece.

De António Borges Coelho muito mais se poderia ter dito, se a sua carreira é curta a obra é imensa e a vida enorme. Do plano historiográfico ressaltam os temas que tratou, alguns deles apaixonadamente como se pode verificar em *A Revolução de 1383. Uma tentativa de caracterização*. Borges Coelho é um historiador de enorme coragem, com a sua voz retirou do silêncio gentes de quem ninguém falava, nunca procurou imediatismos nem precisou de aparecer na televisão. Leitor atento de cronistas e historiadores (Fernão Lopes, João de Barros, Herculano, Oliveira Martins, Jaime Cortesão), filósofos (Platão, Espinosa, Leibniz, Marx), ensaistas (António Sérgio), a sua obra permite considerá-lo um historiador de grande criatividade, com forte sentido crítico nunca buscando a polémica pela polémica, mas sim procurando promover um permanente diálogo com a historiografia contemporânea. Deixa numerosos admiradores e provavelmente adversários.

29 Joel Serrão, *O carácter social da revolução de 1383*, Lisboa, 1946, p. 42.

Arqueologia de uma exposição

Silvia de Araújo Igreja

Ao narrarmos estas palavras, gostaríamos que os leitores seguissem breves trechos de uma história, que nos acompanhassem e pudessem compor no seu imaginário, os primeiros passos de uma exposição biobibliográfica dedicada ao Professor António Borges Coelho (Murça, 1928), um dos maiores historiadores contemporâneos, poeta, jornalista, crítico, ensaísta e tradutor, mas sempre um Professor, quer “(...) pelo didactismo, pela pedagogia, pela modéstia e emoção com que o grande historiador [fala] das coisas da História, das coisas da vida, das coisas do coração e do comportamento humanos”¹.

No dealbar desta homenagem, António Borges Coelho, um homem com uma experiência de vida riquíssima, um percurso que irradia fortes convicções, devoção, competência e humanidade exemplares, recebeu-nos por várias vezes em sua casa.

No primeiro encontro, a 9 de Dezembro de 2009, recebeu-nos com um sorriso e o trato afável, que outros desde sempre testemunharam, indicando uma sala onde, no imediato, encetamos uma viagem pelas recordações de alguém que viveu, e sobreviveu, à História de Portugal.

O nome António Borges Coelho é sinónimo de multiplicidade, a sua criação literária não se limita ao estudo da História Medieval e da História Moderna e, como tal, fala-nos também da sua obra poética, um testemunho sentido, iniciada ainda na década de 50, na prisão de Peniche. Para António Borges Coelho, a poesia, ainda que menos divulgada, é algo que o preenche, uma paixão secreta. Em cada palavra, cada frase, vislumbramos uma faceta do autor que dificilmente transparece. Poderíamos supor que quem escreve, quem edita, quem, por inerência à actividade criativa, tem que manter um contacto mais próximo com um público, sentir-se-ia mais atreito a estas permutas de sensações. Pelo contrário, “Sou um bocado alérgico a aparecer em público”².

Na poesia, o íntimo de António Borges Coelho revela-se sensível e deixa transpirar, pelo meio da escrita poética, sensações de alguém que está muito atento ao que o rodeia. *Cada homem é um homem*, poema escrito pelo autor nos “curros” do Aljube, onde as

¹ Entrevista de Baptista-Bastos a António Borges Coelho, in *Portugal Digital*, 13/03/2009. Disponível em: www.portugaldigital.com.br.

² Entrevista de Baptista-Bastos a António Borges Coelho, in *Tempo Livre*, Setembro 1999.



Fotografia de António Borges Coelho a conduzir, tirada por Manuel Costa e Silva na década de 80 (Cat. 75)

pontas dos lápis eram escondidas nos sapatos e o papel higiénico servia de suporte à criação. *Roseira verde* foi o primeiro livro de poemas que publicou, em 1962. Os primeiros dois poemas que compõem este título, “Paisagem” e “Sou Barco” (imortalizado num LP de 1964: *Portugal-Angola: Chants de Lutte*), foram interpretados por Luís Cília, cantor, compositor e resistente anti-fascista e anti-colonialista. Seguiram-se *Ponte Submersa* (1969), *Fortaleza* (1974), *No Mar Oceano* (1981) e *Ao Réis da Terra* (2002).

Em 2007, numa edição do autor, publica um caderno de poemas que havia sido confiscado pela PIDE intitulado *A liberdade volta com as pombas brancas*.

Anos antes de ingressar na vida política, entre 1940/45, António Borges Coelho frequentou o Seminário Franciscano de Montariol, em Braga. Já nessa altura, a inclinação do autor para as Ciências Históricas era notória, sendo-lhe atribuídas boas classificações para a disciplina de História. Neste período, o autor já havia esboçado alguns textos que seriam publicados na revista *Alvorada Missionária*, com destaque, dado pelo próprio, para *A loucura do Calvário*, um soneto, publicado em 1945³.

É a partir de 1950 que o autor se torna politicamente activo, dedicando-se à actividade política como membro da Comissão Central do MUD Juvenil, actividade essa que intensifica em 1953. Enquanto responsável pela imprensa, dirige as organizações da Marinha Grande, Baixo Ribatejo, Alentejo e Algarve, bem como o sector estudantil de Lisboa. No ano de 1955, torna-se funcionário político do Partido Comunista Português, responsável pelo sector da Juventude. Apesar de tudo, o termo “comunista” não se adequa a António Borges Coelho, pois é muito restritivo. O autor não se revê na herança do Comunismo, não concorda com os crimes que foram cometidos em nome de algo, como o que havia acontecido na URSS, mas identifica-se com a luta, pela transformação da sociedade. O MUD Juvenil foi o que mais se aproximou das suas convicções, porque o Partido não tinha influência sobre ele. Mesmo assim, e décadas decorridas, ainda é considerado um escritor “subversivo”, pois a sua motivação não é repetir o que já foi aceite, mas encontrar na história dos esquecidos, as classes mais baixas, novas motivações, pois “Enganam-se os que pensam que são os que estão em cima que fazem andar a História”⁴.

A 4 de Janeiro de 1959, quando António Borges Coelho ainda estava preso em Peniche, casa com Isaura Silva, enfermeira, elegendo Alexandre O'Neill, poeta e companheiro de prisão, para padrinho de casamento. Ainda que em tais circunstâncias, nas fotografias que entretanto passam de mãos, é manifesta a sua felicidade e cumplicidade.

Mas tem muito mais para verbalizar, como da sua actividade como jornalista, passando os dedos da memória pela redacção do jornal *A Capital* (1968), pelos colegas que o acompanharam na senda das notícias, como Mário Neves, Isabel da Nóbrega, Rogério

3 Cf. *Alvorada Missionária*, a.12, (Jan.-Fev. 1945), p. 16.

4 Entrevista a António Borges Coelho, in *Tempo Livre*, Mar. 1999, p.28. Disponível em: <http://www.inatel.pt/ResourcesUser/Fundacao/tl/202.pdf>.

Fernandes, Daniel Ricardo e João Mendes, e a recordação de que, nesta altura, as apresentações na PIDE eram sistemáticas. Viu muitos artigos seus serem reprovados pela Censura, e também pelo próprio jornal, pois muitos deles passaram a versar sobre os motivos da morte dos presos de então.

Enquanto jornalista, fez parte do *Le Monde Diplomatique*, a edição portuguesa, e escreveu para o *Avante*, *Seara Nova*, entre outros.

Em 1970, deixa o jornal *A Capital* para leccionar e fundar o Externato Séneca (com mais quatro professores), indiferente à permissão da PIDE, que era essencial. Refere ainda que Piteira Santos e o Deputado Lopes Cardoso moraram no mesmo edifício onde funcionava o externato.

Sem qualquer vislumbre de mágoa, António Borges Coelho recorda uma vez mais quando, moldado pelas carências de espírito de alguns, foi atirado para o cárcere no Forte de Peniche, onde viveu por cinco anos, dois dos quais em regime celular, mas seriam quinze os anos de perda dos direitos políticos. Passou ainda por Caxias e pelo Porto, aquando do Julgamento dos 52 (o grande processo do MUD Juvenil).

Foi na prisão que decidiu tornar-se um investigador e escritor, “A história e a poesia dão-se muito bem e fazem parte da (...) vida” de António Borges Coelho⁵.

O regime prisional determinou a consolidação de linhas de estudo que marcariam a sua produção literária e científica, ainda que não fosse fácil prosseguir com o seu intento, uma vez que as regras da clausura eram muitas e aplicadas exemplarmente. Uma das expressões mais notáveis desta actividade é a obra *Raízes da Expansão Portuguesa*, publicada em 1964 (conta com 5 edições), depois apreendida pela PIDE. Acusado de atacar as teses do Estado Novo e de ofender a Casa de Bragança, ameaçamo com a revogação da liberdade condicional. Esta publicação foi um sucesso, esgotou, e os estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa fizeram correr exemplares copiografados.

O sentimento verdadeiramente humanista, caldeado por espírito cívico resultante da sua vivência e alicerçado num esforço individual hoje difícil de avaliar, caracteriza toda a obra de António Borges Coelho. Ansiava, anseia, saber sempre mais sobre as origens do povo português, guiado por uma inesgotável tenacidade, determinação e capacidade de trabalho, que ainda conserva.

Entretanto a conversa flui para outras imagens, entrecortadas aqui e ali com a colocação de algumas questões. Fala-nos do Campo Arqueológico de Mértola (CAM), como surgiu, e dos seus amigos e colegas, como Cláudio Torres e José Mattoso. Esta Associação cultural e científica, criada em 1978, tem por objectivo fomentar o levantamento, estudo e pesquisa dos bens arqueológicos, etnográficos e artísticos da região de Mértola e

⁵ *Idem*.

proceder à sua conservação e salvaguarda. António Borges Coelho faz parte da Comissão Científica do CAM, e pelo seu reconhecido mérito científico dedicaram-lhe uma sala. Por entre os materiais que entretanto revolve, selecciona uma fotografia tirada por um seu aluno na Faculdade de Letras de Lisboa (FLL). Revive divertido este evento, pois achava-se num dia abrasador, e sentia-se com muito calor, daí ter arregaçado as calças pelo joelho e o aluno imortalizado o momento com a sua câmara fotográfica. Na fotografia podemos ler o seguinte: “Meus meninos/ Está a chegar o calor/ Está a chegar o teste/ Tenho de arregaçar as mangas/ Oh! Enganei-me, arregacei/ as calças/ A. B. C. Em 11 de Dezembro de 1998 deu a sua última lição na FLL.

Em diferentes ocasiões, com alguma melancolia, António Borges Coelho recorda Rogério Ribeiro, um artista plástico português amigo do autor. Para além da grande amizade, entre outras parcerias, na década de oitenta participaram na exposição organizada pelo PCP “A Época, a Vida e a Obra de Luís de Camões” que teve lugar na Sociedade Nacional de Belas Artes. Foi Rogério Ribeiro quem ilustrou a obra de António Borges Coelho *Youkali*, uma novela sobre os tempos sombrios publicada em 2005, prefaciada por Baptista-Bastos.

Das referências que foi passando nos vários encontros, António Borges Coelho recorda que desde os tempos de faculdade foi influenciado por Leibniz e Espinosa, dois filósofos. O primeiro foi objecto da sua tese de Licenciatura, o segundo uma paixão que o acompanhou toda a vida e o trampolim para o tema da sua tese de Doutoramento, a *Inquisição de Évora*, um estudo pioneiro.

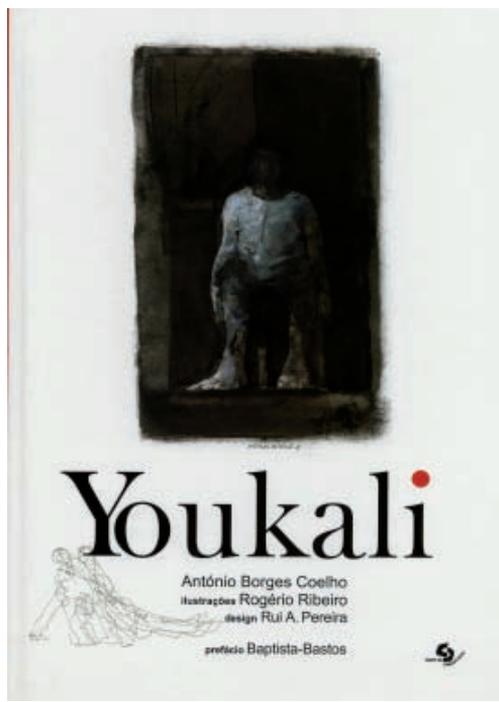
Em Bento de Espinosa, António Borges Coelho admirava, e admira, a sua capacidade de, tal como ele, defender o que conhece ser o correcto, as suas crenças, sem nunca abjurar das suas convicções ainda que sujeito às pressões de uma suposta maioria. António Borges Coelho pretendia, e pretende, resgatar a memória de um homem do século XVII, que conquistou a “liberdade de filosofar”, que clama ser seu compatriota, e procura que este ocupe um lugar na historiografia portuguesa, que é seu, por direito de ascendência e mérito reconhecido. “Quem tem coragem de reivindicar Bento de Espinosa?”, António Borges Coelho.



Roseira Verde, 1962 (Cat. 46)



Aquarela de Rogério Ribeiro, inserida no romance de António Borges Coelho, *Youkali*, 2005 (Cat. 114)



Youkali, 2005 (Cat. 106)

A “Este homem de grandes companheirismos, que nunca trocou de lealdade, nem abjurou de velhas convicções e que continua a manter intactos os antigos valores, foge a sete pés das mundanices e observa, com divertida curiosidade, a leviandade do nosso tempo”⁶ um muito obrigada pela sua perseverança, amizade e generosidade, adjectivos que sempre nos acompanharam e que se encontram “(...) com a luz dos olhos ou o chamar da voz”⁷ nesta exposição.

6 Entrevista de Baptista-Bastos a António Borges Coelho, in Portugal Digital, 13/03/2009. Disponível em: www.portugaldigital.com.br.

7 António Borges Coelho, O Tempo e os Homens – Questionar a História III, 1996, p. 13.

Príncipe Perfeito

António Borges Coelho



CAMINHO

Catálogo

- 1) [Fachada da casa onde nasceu António Borges Coelho, em Murça, em 7 de Outubro de 1928] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : cores ; 10 x 15cm.
Ampl. do orig.
Colecção António Borges Coelho
- [Cédula pessoal de António Borges Coelho] [Material gráfico] / República Portuguesa. – Lisboa: RP, 1928. – 1 caderneta : 8 p. ; 14 x 9cm.
Ampl. do orig.
Cédula pessoal de António Borges Coelho, n.º 202091.
Colecção António Borges Coelho
- [Fachada da Câmara Municipal e pelourinho de Murça] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Modo de acesso: <http://www.nortedeportugal.nireblog.com>.
- [Escultura em granito da Porca de Murça] [Recurso electrónico]. – Dados de imagens. – [2007]. – Sítio na Web. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Modo de acesso: <http://www.nortedeportugal.nireblog.com/archives/2007/12>
- Invocação a Trás-os-Montes / António Borges Coelho
In: [O Diário]. – [S. l.]. – [31 Mar. 1976].
Ampl. do orig.
Recorte de imprensa.
Colecção António Borges Coelho
- 2) [Dão bombardeado] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Estragos causados no contratorpedeiro *Dão* pelas forças repressivas, ordenadas por Oliveira Salazar, em Setembro de 1936, por ocasião da revolta dos marinheiros dos navios de guerra *Dão*, *Bartolomeu Dias* e *Afonso de Albuquerque*.
Enchalho perto do Porto Brandão.
- [Cratera resultante do atentado a Salazar] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Resultado do atentado à bomba contra Oliveira Salazar, presidente do Governo da ditadura do Estado Novo, em 4 de Julho de 1937.
A bomba danificou o carro oficial e abriu uma cratera na Avenida Barbosa do Bocage, em Lisboa. Salazar saiu ileso da única tentativa de morte de que foi alvo.
- [Presos de Alcântara] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Detenção dos trabalhadores em Alcântara pela GNR, por ocasião do atentado a Oliveira Salazar, em 1937.
- [Revolta e transporte de marinheiros] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Revolta e transporte de marinheiros que se tinham amotinado a bordo de um navio de guerra no Tejo, ao campo-prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, em 8 de Setembro de 1939.
- [Emblema da ORA] [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fig. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Símbolo da ORA - Organização Revolucionária da Armada.
Organização do PCP na Marinha de Guerra, foi a mais importante organização militar de luta contra a ditadura fascista de Oliveira Salazar.
- O Marinheiro Vermelho [Recurso electrónico]. – [S. d.]. – 1 fig. ampl. : digital, ficheiro JPEG.
Ampl. de reprodução.
Página de rosto do periódico “O Marinheiro Vermelho”, n.º 13 (Fev.1936), órgão da ORA - Organização Revolucionária da Armada.

3) [António Borges Coelho como seminarista do Colégio Franciscano de Montariol] [Registo visual]. – [1944]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 15 x 10,1cm.

Ampl. do orig.

António Borges Coelho no último ano como seminarista do Colégio Franciscano de Montariol, em 1944.

Colecção António Borges Coelho

[Ficha do livro de matrícula do Colégio Seráfico da Província Franciscana de Portugal] [Material gráfico]. – Montariol: CSPFP, 2 Out. 1940. – 1 ficha : 1 f. em papel ; 29,6 x 21cm.

Ampl. do orig.

Ficha de matrícula de António Borges Coelho quando entrou para o Colégio Seráfico da Província Franciscana de Portugal, em Montariol, em 2 de Outubro de 1940.

Colecção Convento Franciscano de Montariol

[Fachada do edifício do Colégio Franciscano de Montariol] [Recurso electrónico] / CFM. – Dados de imagens. – [S. d.]. – Sítio na Web. – 1 fot. ampl. : digital, ficheiro JPEG.

O Convento de Montariol foi Colégio desde 1928 até 1984.

Modo de acesso: <http://www.editorialfranciscana.org/portal/index.php?id=5654>

Eterna gratidão / Os alunos do colégio

In: Alvorada Missionária. – Montariol. – A. 12, n.º 1 (Jan.-Fev. 1945), pág. rosto.

Ampl. do orig.

BNP J. 5265 B.

Biblioteca Nacional de Portugal

A loucura do Calvário / António Borges Coelho

In: Alvorada Missionária. – Montariol. – A. 12, n.º 1 (Jan.-Fev. 1945).

Ampl. do orig.

BNP J. 5265 B.

Biblioteca Nacional de Portugal

[Certificado do Liceu Nacional de Vila Real] [Material gráfico] / Liceu Nacional de Vila Real. – Lisboa: Imprensa Nacional, 1 Out. 1948. – 1 certificado: 1 f. em papel ; 43 x 52cm.

Ampl. do orig.

Certificado de conclusão do curso Complementar de Letras (3º Ciclo – 7º ano), com a classificação de doze (12) valores.

Colecção António Borges Coelho

4) [Carta de Militão Ribeiro ao PCP]

In: 60 anos de luta ao serviço da povo e da pátria : 1921-1981 / Partido Comunista Português. – Lisboa: Avante, 1982. – 28 cm, p. 87.

Ampl. de reprodução.

Uma das páginas da última carta enviada por Militão Ribeiro para o PCP, escrita com o seu próprio sangue, em 1949.

MNR Ens/6517

[Fotografia de Militão Ribeiro]

In: 60 anos de luta ao serviço da povo e da pátria : 1921-1981 / Partido Comunista Português. – Lisboa: Avante, 1982. – 28 cm, p. 86.

Ampl. de reprodução.

MNR Ens/6517

[Ficha Cadastral de Militão Ribeiro] [Manuscrito] / PIDE. – Lisboa: PIDE, 19---. – 1 f. ; 29cm.

Reprodução do original.

Imagem cedida pelo ANTT

[Pormenor do campo-prisão do Tarrafal, situado no lugar de Chão Bom do concelho do Tarrafal, na ilha de Santiago em Cabo Verde]

In: Memória do Campo de Concentração do Tarrafal [Catálogo] / coord. Alfredo Caldeira e Álvaro Dantas Tavares. – [S. l.]: Fundação Mário Soares e Fundação Amílcar Cabral, 2009. – 30 cm.

Ampl. de reprodução.

Este campo-prisão foi criado pelo Governo Português do Estado Novo ao abrigo do Decreto-Lei n.º 26 539, de 23 de Abril de 1936.

CAT/TAR

5) [Bilhete de Identidade de António Borges Coelho da Faculdade de Letras de Lisboa] [Material gráfico] / Faculdade de Letras de Lisboa. – Lisboa: UL, FLL, 1949. – 1 cartão ; 8 x 11cm.

Ampl. do orig.

Bilhete de Identidade de António Borges Coelho enquanto aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, L.º 15 / Fls. 133, emitido em 29 de Setembro de 1949.
Colecção António Borges Coelho

[Selos do MUD Juvenil] [Material gráfico]

In: MUD Juvenil / Câmara Municipal de Lisboa. – Lisboa: CM, [s. d.]. – 23cm, p. 77.

Ampl. de reprodução.

MNR G6/17/Cx. 5

Pela libertação do povo português [Postal]

In: MUD Juvenil / Câmara Municipal de Lisboa. – Lisboa: CM, [s. d.]. – 23cm, p. 23.

Ampl. de reprodução.

MNR G6/17/Cx. 5

Por uma vida sã [Folheto]

In: MUD Juvenil / Câmara Municipal de Lisboa. – Lisboa: CM, [s. d.]. – 23cm, p. 23.

Ampl. de reprodução.

MNR G6/17/Cx. 5

[António Borges Coelho, em Murça] [Registo visual]. – [Jun. 1946]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 15 x 10,1cm.

Ampl. do orig.

António Borges Coelho em Murça, em Junho de 1946.

Colecção António Borges Coelho

[Retrato de António Borges Coelho] [Registo visual] / [Maria Cecília]. – [195-]. – 1 desenho : esferográfica s/ papel vegetal ; 25 x 20,3cm

N. a., n. d.

Ampl. do orig.

Colecção António Borges Coelho

Juventude: Boletim da Comissão Central do MUD Juvenil / CCMUDJ. – N.º 19(V) (Set. 1955), pág. de rosto.

Ampl. do orig.

O boletim faz parte do Processo 392/56, 1º Juízo Criminal, do Tribunal da Comarca do Porto.

Artigo alusivo ao I Festival Nacional da Juventude

“Os jovens no caminho de um futuro mais feliz

pela amizade e compreensão”.

Arquivo Distrital do Porto

Vozes ao Alto: Canções Juvenis / Comissão de Raparigas Trabalhadoras de Lisboa do MUD Juvenil. – (1954), pág. de rosto.

Ampl. do orig.

“Vozes ao Alto” faz parte do Processo 392/56, 1º Juízo Criminal, do Tribunal da Comarca do Porto.

Arquivo Distrital do Porto

Paz e Unidade: Boletim da Comissão Distrital do Porto do MUD Juvenil / CDPMUDJ. – N.º 2 (Jul.-Set. 1955), pág. de rosto.

Ampl. do orig.

Este boletim faz parte do Processo 392/56, 1º Juízo Criminal, do Tribunal da Comarca do Porto.

Arquivo Distrital do Porto

[Boletim de inscrição na Faculdade de Direito de 1948/49] [Material gráfico]. – Lisboa: FDL, 26 Out. 1948. – 1 ficha : 1 f. em papel ; 30cm.

Ampl. do orig.

Boletim de inscrição no 1º ano do Curso de Direito da Faculdade de Direito de Lisboa.

Reitoria da Universidade de Lisboa

[Ficha de inscrição na Faculdade de Letras de Lisboa] [Material gráfico]. – Lisboa: FLL, 29 Set. 1949. – 1 ficha : 1 f. em papel ; 12 x 20,5cm.

Ampl. do orig.

Reitoria da Universidade de Lisboa

6) [Fachada do edifício do Aljube]

In: MUD Juvenil / Câmara Municipal de Lisboa. – Lisboa: CM, [s. d.]. – 23cm, p. 23.

Ampl. de reprodução.

MNR G6/17/Cx. 5

7) [Carta de António Borges Coelho à sua mãe Guilhermina] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – Caxias, 28 Jun. 1956. – 1 f. ; 26cm.

Ms. em papel pautado, com o carimbo da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), dirigida à sua mãe, Guilhermina Borges Coelho.

Esta carta foi escrita quando António Borges Coelho ainda se encontrava preso.
Colecção António Borges Coelho

8) [Carta de António Borges Coelho à sua mulher Isaura] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – Aljube, 18 Jan. 1960. – 1 f. ; 26cm. Ms. em papel pautado, com o carimbo da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), dirigida à sua mulher Isaura. Esta carta foi escrita quando António Borges Coelho ainda se encontrava preso.
Colecção António Borges Coelho

9) [Carta de António Borges Coelho à sua mulher Isaura] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – Forte de Peniche, 25 Jan. 1961. – 1 f. ; 30cm. Ms. em papel liso, com o carimbo da Censura da Cadeia do Forte de Peniche, dirigida à sua mulher Isaura. Esta carta foi escrita quando António Borges Coelho ainda se encontrava preso.
Colecção António Borges Coelho

10) [Carta de António Borges Coelho à sua mulher Isaura] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – Forte de Peniche, 11 Mar. 1962. – 1 f. ; 30cm. Ms. em papel liso, com o carimbo da Censura da Cadeia do Forte de Peniche, dirigida à sua mulher Isaura. Esta carta foi escrita quando António Borges Coelho ainda se encontrava preso.
Colecção António Borges Coelho

11) [António Borges Coelho na enfermaria de Caxias] [Registo visual]. – [196-]. – 1 fotografia: p&b ; 11,5 x 8,5cm. Contém, no verso, um poema de António Borges Coelho: “Quando beijo o teu rosto, há um bezouro / avermelhado sob a luz no ar / e laranjeiras dançam com seus brincos de ouro, / as folhas muito verdes / e o perfume subindo devagar.”; e uma dedicatória: “Porque estou sempre mais / apaixonado pela minha pequenina? / Abraço-te e beijo-te muito contra /

mim. Sou teu, teu, teu / António (Toninho...)”.
Colecção António Borges Coelho

12) [Julgamento dos 51 acusados no Processo do MUD Juvenil] In. Batalha pelo conteúdo [Catálogo] / Museu do Neo-Realismo. – Vila Franca de Xira: CM e MNR, 2007. – 50cm, p. 447. Reprodução. Julgamento dos 51 acusados no processo do MUD Juvenil no 1º Juízo Criminal do Porto, Mar.-Jun. 1957. António Borges Coelho, na altura com 27 anos, encontra-se na primeira linha, sétima posição.
MNR CAT/BAT/7641

13) [Fotografia da fachada da casa onde António Borges Coelho foi preso] [Registo visual]. – Fev. 2010. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm. António Borges Coelho foi preso em frente a esta casa, na Rua dos Ferreiros, n.º 22, em Santa Catarina, Lisboa.
MNR F

14) Notas sur... [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [19--]. – 7 f. ; 20cm Reprodução de original. Rascunho de defesa em tribunal de António Borges Coelho, da Delegação do Porto, p. 84-90. Processo 19196-SR Imagem cedida pelo ANTT

15) [Nota manuscrita da PIDE com fotografias de António Borges Coelho] [Manuscrito]. – 1951. – 1 f. ; 23cm + 2 fotografias tipo passe. Reprodução de original. Processo 19196-SR Imagem cedida pelo ANTT

16) [Queridos amigos...] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [19--]. – 1 f. ; 30cm. Reprodução de original.

Relato da prisão por António Borges Coelho.
Processo 411-GT
Imagem cedida pelo ANTT

17) Processo 392/56 [Manuscrito]. – 1º vol.
– 19--. – 700 f. ; cm.

1º volume do Processo 392/56 do Tribunal
de Comarca do Porto, 1º Juízo Criminal.
PT/ADPRT/JUD/TPPRT/044/00033
Arquivo Distrital do Porto

18) Processo 392/56 [Manuscrito]. – 4º vol.
– 19--. – 700 f. ; cm.

4º volume do Processo 392/56 do Tribunal
de Comarca do Porto, 1º Juízo Criminal.
PT/ADPRT/JUD/TPPRT/044/00033
Arquivo Distrital do Porto

19) Quatro poemas de Agostinho Neto / org.
Augusto Ferreira. – Póvoa de Varzim: imp.
Tipografia Fresco, Mai. 1957. – 8 p. ; 16,5
cm. – (Cadernos de Poesia).

Contém dedicatória de Agostinho Neto a
António Borges Coelho.

Primeiros poemas publicados por Agostinho
Neto por intermédio de António Borges
Coelho, aquando do “Julgamento dos 51”,
Porto.

Colecção de António Borges Coelho

20) [Certidão de Narrativa Completa de
Registo de Casamento] [Material gráfico] /
Conservatória do Registo Civil de Peniche. –
Lisboa: CRCP, 1966. – 1 certidão : 1 f. ; 30
x 21cm.

Certidão de Narrativa Completa de Registo
de Casamento entre António Borges Coelho e
Isaura Assunção da Silva Borges Coelho, de
13 de Junho de 1966, quando ainda estava
preso no Forte de Peniche.

Colecção António Borges Coelho

21) [Fotografia de grupo no dia de casamento
de António Borges Coelho com Isaura Borges
Coelho] [Registo visual]. – [4 Jan. 1959]. – 1
fotografia: p&b ; 8,3 x 11,4cm

Fotografia de grupo do casamento de António

Borges Coelho com a sua mulher Isaura, no
Forte de Peniche, a 4 de Janeiro de 1959.
António Borges Coelho ainda estava preso.
Colecção António Borges Coelho

22) [Fotografia de grupo na boda de casamento
de António Borges Coelho com Isaura Borges
Coelho] [Registo visual]. – [4 Jan. 1959]. – 1
fotografia: p&b ; 8,7 x 11,6cm

Fotografia de grupo do casamento de António
Borges Coelho com a sua mulher Isaura, em
primeiro plano, no Forte de Peniche, a 4 de
Janeiro de 1959. António Borges Coelho ainda
estava preso.

Contém dedicatória no verso ms. por Isaura:
“Violeta, violeta/ aberta em chão de caruma/
sou o mar e tu a areia/ molho o teu corpo de
espuma./ Amo-te/ Isaura Coelho”.

Colecção António Borges Coelho

23) História de Portugal [Manuscrito] / António
Borges Coelho. – (16 Mai. 1960). – 584 f. ;
22cm.

Compilação de vários apontamentos por António
Borges Coelho, utilizados para a sua obra
intitulada “História de Portugal”, publicada em
1973.

Colecção de António Borges Coelho

24) Notas sobre a História de Portugal por A. J.
Saraiva e Óscar Lopes [Manuscrito] / António
Borges Coelho. – [19--]. – 23 f. ; 21cm.

Compilação de apontamentos de António Borges
Coelho, retirados da História de Portugal de A. J.
Saraiva e Óscar Lopes, quando o autor estava
preso em Peniche.

Colecção de António Borges Coelho

25) A liberdade volta com as pombas brancas /
António Borges Coelho. – [S. l.]: Edição do Autor,
12 Mai. 2007. – 47 p. ; 21cm.

Caderno de poemas confiscado pela PIDE,
depois editado em 2007.

Colecção de António Borges Coelho

26) Casamento no forte Peniche
In: República. – (4 Jan. 59).

Reprodução de original.

Recorte de imprensa.

Processo 3031-SR/51

Imagem cedida pelo ANTT

27) [Ofício da Polícia Internacional e de Defesa do Estado com fotografias cadastrais de António Borges Coelho] [Manuscrito] / PIDE. – Lisboa, 9 Fev. 1956. – 1 f. ; 14cm.

Reprodução de original.

Processo 19196-SR

Imagem cedida pelo ANTT

28) Desenho da fuga de Álvaro Cunhal.

In: A resistência em Portugal / José Dias Coelho.

– 2ª ed. – Porto: Inova, 2006. – 25cm, p. 103.

Ampl. de reprodução.

MNR CLH/Ens/4184

[Forte de Peniche] [Recurso electrónico]. – Dados de imagens. – [20--]. – Sítio na Web. – 1 fotografia : digital, ficheiro JPEG.

Modo de acesso: <http://www.maismemoria.org>

[Fotografia de grupo no dia de casamento de António Borges Coelho com Isaura Borges Coelho] [Registo visual]. – [4 Jan. 1959]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 6,1 x 8,6cm.

Ampl. do orig.

Fotografia de grupo do casamento de António Borges Coelho com a sua mulher Isaura, no Forte de Peniche, a 4 de Janeiro de 1959. António Borges Coelho ainda estava preso.

Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho e Isaura Borges Coelho no dia do seu casamento] [Registo visual]. – [4 Jan. 1959]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 4cm diâm.

Ampl. do orig.

Fotografia de António Borges Coelho com a sua mulher Isaura no dia do seu casamento, no Forte de Peniche, a 4 de Janeiro de 1959. António Borges Coelho ainda estava preso.

Colecção António Borges Coelho

[Ficha Cadastral de António Borges Coelho] [Manuscrito] / PIDE. – Lisboa: PIDE, 19--. – 1

f. ; 29cm.

Ampl. do orig.

Imagem cedida pelo ANTT

A bomba

In: A liberdade volta com as pombas brancas / António Borges Coelho. – [S. l.]: Edição do Autor, 12 Mai. 2007. – 47 p. ; 21cm.

Ampl. do orig.

Caderno de poemas confiscado pela PIDE, depois editado em 2007.

Colecção de António Borges Coelho

29) [Cópia da decisão proferida a fls. 11 dos autos de concessão de liberdade definitiva respeitante ao réu António Borges Coelho] [Manuscrito] / Fernando Pinto Gomes. – Porto, 19 Jun. 1967. – 1 f. ; 29,7cm

Ampl. do orig.

Dactiloscrito.

Cópia do ofício-precatório, no qual é proposta a liberdade definitiva de António Borges Coelho.

Colecção António Borges Coelho

[Ofício da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, Direcção de Viação de Lisboa] [Manuscrito] / Eng.º Dir. Carlos Pinto Bastos. – Lisboa, 24 Out. 1966. – 1 f. ; 21cm

Ampl. do orig.

Dactiloscrito.

Ofício remetido pela Direcção de Viação de Lisboa a António Borges Coelho, no qual é recusada ao autor a sua admissão a exame, por causa do registo criminal.

Colecção António Borges Coelho

[Ofício da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, Direcção de Viação de Lisboa] [Manuscrito] / Eng.º Dir. Carlos Pinto Bastos. – Lisboa, 28 Abr. 1969. – 1 f. ; 21cm

Ampl. do orig.

Dactiloscrito.

Ofício remetido pela Direcção de Viação de Lisboa a António Borges Coelho, no qual é recusada ao autor a permissão legal para conduzir.

Colecção António Borges Coelho

[Boletim de inscrição na Faculdade de Letras de Lisboa, de 1961/62] [Material gráfico]. – Lisboa: FLL, 22 Set. 1961. – 1 ficha : 1 f. em papel ; 29,5 x 22cm.

Ampl. do orig.

Boletim de inscrição de 1961/62, em 22 de Setembro de 1961 nas cadeiras de História de Portugal, História de Filosofia Medieval e História da Expansão Portuguesa do curso de Ciências Histórico-Filosóficas, Residência Prisão-hospital de S. João de Deus, Caxias.

Reitoria da Universidade de Lisboa

[António Borges Coelho a descer as escadas da redacção de “A Capital”] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 10 x 15cm.

Ampl. do orig.

Processo 3031-SR/51

Imagem cedida pelo ANTT

30) Raízes da Expansão Portuguesa / António Borges Coelho. – Lisboa: Prelo, 1964. – 92, [3] p. ; 22cm. – (Cadernos de Hoje ; 1) Colecção de António Borges Coelho

31) Raízes da Expansão Portuguesa / António Borges Coelho. – 2ª ed. – Lisboa: Prelo, 1974. – 93, [3] p. ; 22cm. – (Cadernos de Hoje ; 1) Colecção de António Borges Coelho

32) Raízes da Expansão Portuguesa / António Borges Coelho. – 3ª ed. – Lisboa: Prelo, 1976. – 93, [3] p. ; 22cm. – (Cadernos de Hoje ; 1) Colecção de António Borges Coelho

33) Raízes da Expansão Portuguesa / António Borges Coelho. – 4ª ed. – Lisboa: Prelo, 1979. – 93, [3] p. ; 22cm. – (Cadernos de Hoje ; 1) Colecção de António Borges Coelho

34) Raízes da Expansão Portuguesa / António Borges Coelho. – 5ª ed. – Lisboa: Horizonte, 1985. – 78, [2] p. ; 21cm. – (Horizonte Histórico ; 8) Colecção de António Borges Coelho

35) A revolução de 1383 / António Borges Coelho. – Lisboa: Portugalia, [1965]. – 189, [2] p. ; 21cm. – (Colecção Portugalia ; 14) Colecção de António Borges Coelho

36) A revolução de 1383 / António Borges Coelho. – 2ª ed. – Lisboa: Seara Nova, 1975. – 182, [1] p. ; 21cm. – (Colecção Seara Nova ; 20) Colecção de António Borges Coelho

37) A revolução de 1383 / António Borges Coelho. – 3ª ed. – Lisboa: Seara Nova, 1977. – 228, [3] p. ; 21cm. – (Colecção Seara Nova ; 20) Colecção de António Borges Coelho

38) A revolução de 1383 / António Borges Coelho. – 4ª ed. – Lisboa: Caminho, 1981. – 261 p. ; 21cm Colecção de António Borges Coelho

39) Alexandre Herculano / António Borges Coelho. - Lisboa : Presença, 1965. - 191, [5] p. ; 19 cm. - (Biografia de Bolso ; 15) MNR CLH/Ens/3364

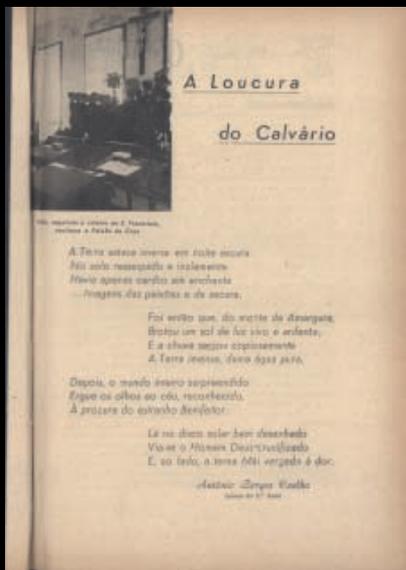
40) Crónica de D. Pedro I / Fernão Lopes ; anot. António Borges Coelho. - Lisboa : Portugalia, 1967. - 155, [13] p. ; 18 cm + 1 mapa desdobrável. - (Clássicos do povo ; 1) MNR CLH/Ens/2674

41) Raízes da Expansão Portuguesa [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [S. d.]. – 33 f. ; 34cm.

Copiografado.

Compilação de vários apontamentos por António Borges Coelho, utilizados para a sua obra intitulada “As Raízes da Expansão Portuguesa”, primeiro apreendida pela PIDE, circula copiografado na FLL. Foi finalmente publicada em 1973.

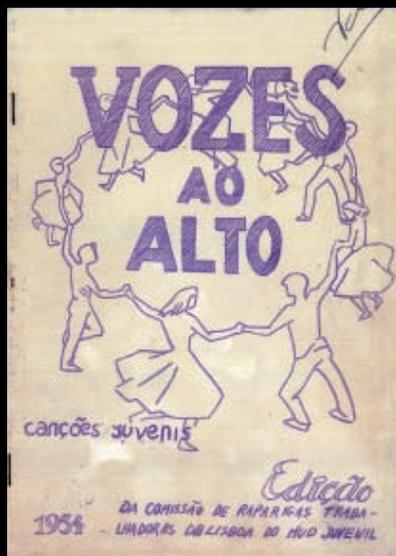
Colecção de António Borges Coelho



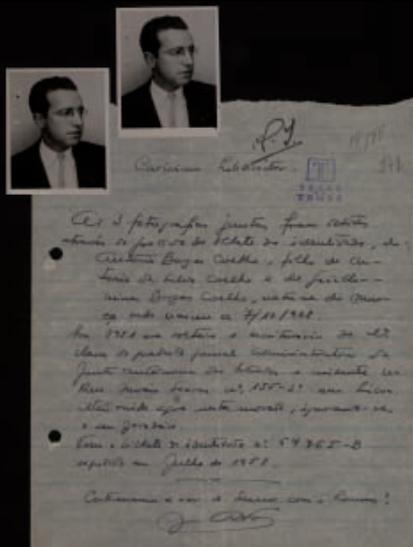
Cat. 3



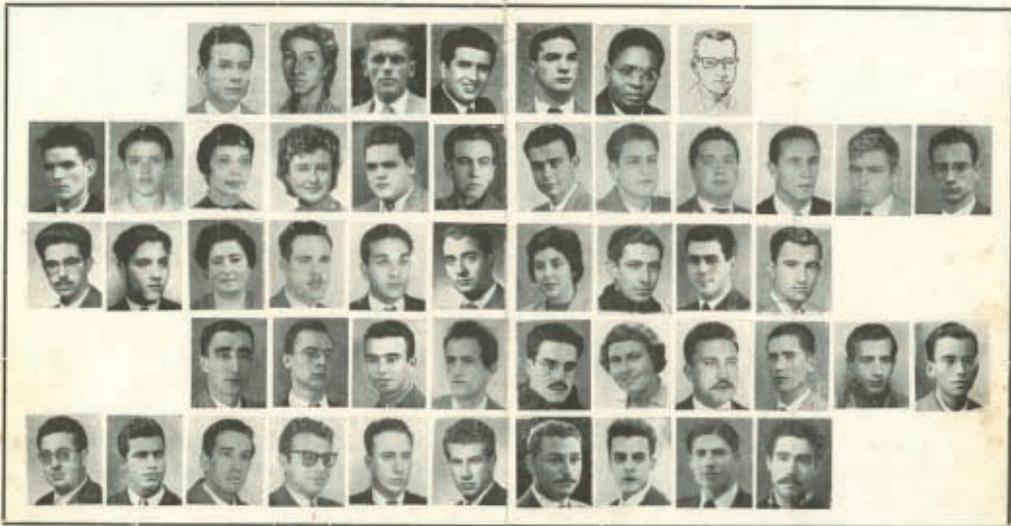
Cat. 5



Cat. 5



Cat. 15



Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Pedro Ramos de Almeida, 22 anos, estudante da Faculdade de Direito de Lisboa, Maria Cecília Ramos de Almeida, 20 anos, estudante do Curso de Pedagogia da Escola de Belas Artes de Lisboa, Humberto Brandão, 25 anos, estudante da Faculdade de Economia do Porto, Helder Silva, 28 anos, empregado de escritório, Lisboa, Artur Almeida, 30 anos, estudante de medicina, Vila Nova de Gaia, Maria Cláudia de Carvalho, 18 anos, estudante de Direito, Porto, Cláudia de Oliveira, 25 anos, estudante de Pintura da Escola de Belas Artes de Lisboa, Maria Luíza Marvão, 22 anos, estudante, Porto, Lara Fidalgo, 19 anos, estudante do Ensino Técnico, Porto, Lúcia de Carvalho, 21 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Alberto Teixeira Lopes, 22 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, António Teixeira Lopes, 25 anos, estudante de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto, Jorge Salsola, 34 anos, estudante de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto, António Salsola, 34 anos, arquiteto, Porto, Raúl Ferreira, 23 anos, estudante de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto, Humberto Lima, 27 anos, agente comercial de seguros do Porto, Victor Alegre, 19 anos, estudante local, Porto, David Garcia, 26 anos, operário, Porto, Laura de Oliveira, 23 anos, dançarina, Porto, João Ribeiro, 22 anos, empregado comercial, Porto, António Silva, 31 anos, electricista, Porto, Joazeiro Bilho, 22 anos, estudante de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto, Mameia Mazita, 22 anos, estudante da

Faculdade de Economia do Porto, Fernando Melo, 21 anos, estudante da Faculdade de Ciências do Porto, Alfredo Calheiros, 21 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Diogo Lourenço, 37 anos, Professor Litoral e Crítico Literário, Porto, Dr. Octávio Juncal, 41 anos, advogado, Porto, Rui de Oliveira, 23 anos, estudante do Instituto Superior Técnico de Lisboa, José Augusto Seabra, 17 anos, estudante da Faculdade de Direito de Coimbra, Fernando Fernandes, 21 anos, empregado comercial, Porto, Sílvia Casanova, 25 anos, estudante da Faculdade de Letras de Coimbra, Antónia Lapa Casanova, 27 anos, estudante da Faculdade de Medicina de Lisboa, Douglas Bandeira, 21 anos, empregado de escritório, Torres Vedras, Otília Miranda, 25 anos, trabalhadora rural, Alentejo, Seralim Aguiar, 25 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, A. Fátima de Freitas, 23 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, João Ribeiro, 27 anos, estudante de arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, Abel Clemente, 25 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Manuel Castro, 25 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Paulo Mendes, 22 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Vitor Barac, 21 anos, estudante da Faculdade de Medicina do Porto, Helder Viegas Pires, 24 anos, estudante do Instituto Comercial do Porto, Fernando Bernardino, 23 anos, estudante da Faculdade de Ciências de Coimbra, José Maria Castro, 25 anos, jornalista, Vila do Conde, Alberto Lindoso, 23 anos, técnico auxiliar, Póvoa de Varzim, Manuel Franco, 21 anos, empregado de escritório, Póvoa de Varzim.

Cat. 12

**QUATRO POEMAS DE
AGOSTINHO NETO**

1 **QUITANDEIRA**

A quitanda,
Agosto Sol
e a quitandeira à sombra
da moldura,
— Laranja, minha creolina
laranjinha boa!

A luz brilha na cidade
o teu quente jogo
de cartas e escarim
e a vida brilha
em copos/ões d'água
e jogo da calça-crem.

A quitandeira
que vende fruta
vindo-se.
— Minha ananás
laranja, laranjinha boa!

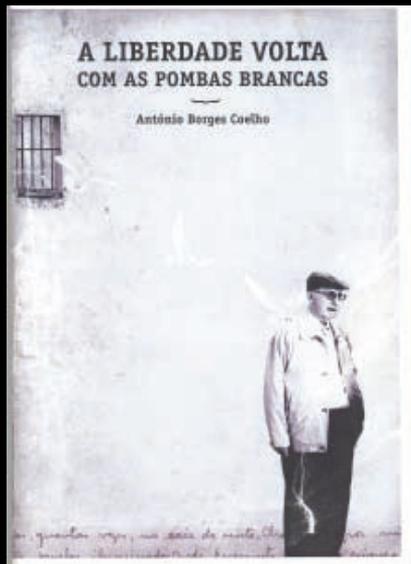
Compre laranjas doces
compra-me laranjas e amargo
desta sorteira
de vida sem vida.

Cat. 19

Cat. 28



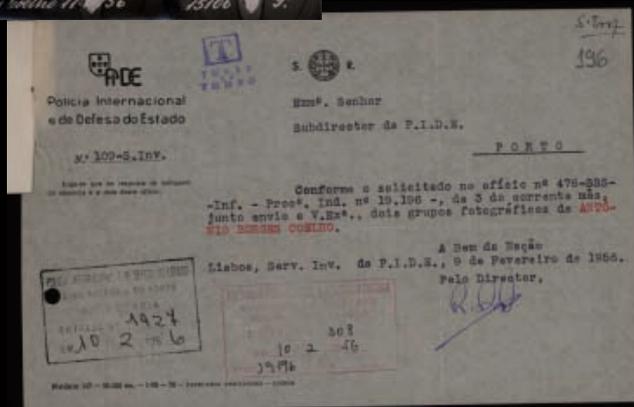
Cat. 30



Cat. 25



Cat. 27





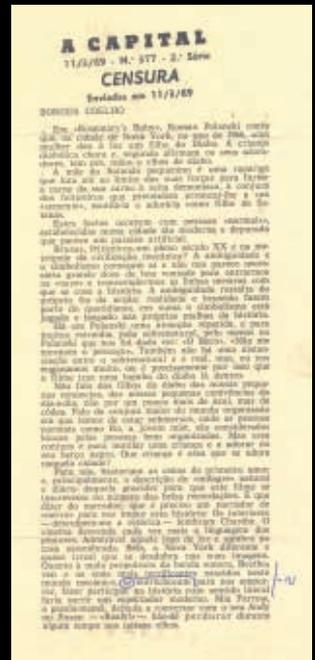
Cat. 48



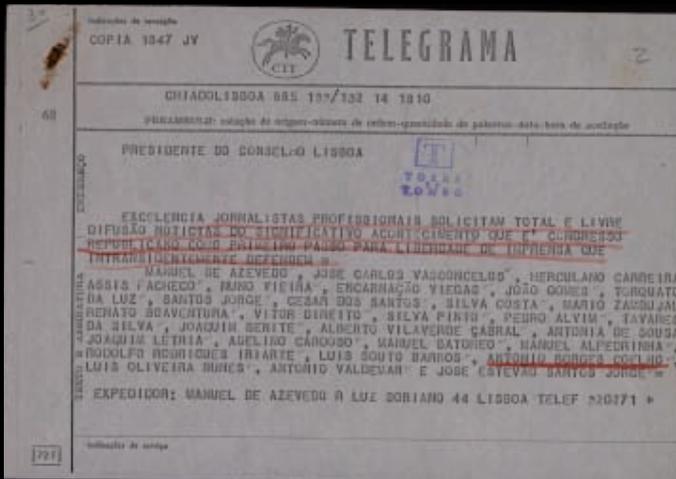
Cat. 49



Cat. 50



Cat. 54



Cat. 56

- 42)** [Bilhete de Identidade de António Borges Coelho da Sociedade Portuguesa de Escritores] [Material gráfico] / Sociedade Portuguesa de Escritores. – Lisboa: SPE, [s. d.]. – 1 cartão ; 12 x 8cm (12 x 17cm).
Bilhete de Identidade de António Borges Coelho da Sociedade Portuguesa de Escritores, sócio n.º 660.
Coleção António Borges Coelho
- 43)** [António Borges Coelho a escrever à mesa] [Registo visual] / Pedro Carvalho Duarte. – [198-]. – 1 fotografia: p&b ; 17,7 x 23,7cm
Fotografia de António Borges Coelho a escrever à mesa por Pedro Carvalho Duarte, em Estremoz, na década de 80.
Coleção António Borges Coelho
- 44)** [Caricatura de António Borges Coelho] [Registo visual] / João Mendes. – [S. d.]. – 1 desenho : esferográfica s/ papel ; 28,2 x 20,3cm
N. d.
Caricatura de António Borges Coelho da autoria de João Mendes, de “A Capital”.
Coleção António Borges Coelho
- 45)** Os amantes desesperados [Manuscrito] / António Borges Coelho. – (12-27 Jan. 1962). – 68 f. ; 22cm.
Drama romântico em três actos escrito por António Borges Coelho entre 12 a 27 de Janeiro de 1962.
Coleção de António Borges Coelho
- 46)** Roseira verde / António Borges Coelho. – Lisboa: Edição do Autor, [D.L. 1962]. – 62, [2] p. ; 14 cm. – (Poesia; 1).
Os primeiros dois poemas que compõem este título, “Paisagem” e “Sou Barco”, foram cantados por Luís Cília (uma gravação, na TV francesa, de Luís Cília a cantar esta canção, 1966; inserta no seu LP “Meu País”, 1970; numa das suas últimas apresentações ao vivo, no Palau de Sant Jordi, Barcelona em Abril de 1993, num espectáculo de homenagem a Raimon).
Contém dedicatória de António Borges Coelho a
- Fernando Cipriano, datada de 5 de Outubro de 1963.
Coleção de António Borges Coelho
- 47)** Portugal Angola Chants de lutte / Luís Cília. – 1 LP (33h). – (Le Chant du Monde).
LDX – S – 4308.
O poema de António Borges Coelho, “Sou Barco”, foi interpretado por Luís Cília, e está reproduzido na Face B deste LP, com a duração de 2’50.
Coleção de António Borges Coelho
- 48)** [Cartão sindical de António Borges Coelho do Sindicato Nacional dos Jornalistas] [Material gráfico] / Sindicato Nacional dos Jornalistas. – [S. l.]: SNJ, 1969. – 1 cartão ; 8 x 12cm.
Cartão sindical de António Borges Coelho do Sindicato Nacional dos Jornalistas, sócio efectivo n.º 452, quando foi repórter do periódico “A Capital”, emitido em 1969.
Coleção António Borges Coelho
- 49)** [Cartão de beneficiário de António Borges Coelho da Caixa de Reformas dos Jornalistas] [Material gráfico] / Caixa de Reformas dos Jornalistas. – [S. l.]: CRJ, 1968. – 1 cartão ; 8 x 11cm.
Cartão de beneficiário de António Borges Coelho, n.º 833, admitido em 1 de Dezembro de 1968.
Coleção António Borges Coelho
- 50)** [António Borges Coelho à secretária na redacção de “A Capital” com Daniel Ricardo] [Registo visual]. – [1968]. – 1 fotografia: p&b ; 11,8 x 17,8cm.
António Borges Coelho à secretária na redacção a bater um texto.
Coleção António Borges Coelho
- 51)** [António Borges Coelho em convívio com Isabel da Nóbrega, Rogério Fernandes e João Mendes de “A Capital”] [Registo visual]. – [1969]. – 1 fotografia: p&b ; 8,5 x 11cm.
António Borges Coelho em convívio com colegas de “A Capital”.
Coleção António Borges Coelho

- 52)** [António Borges Coelho com Mário Neves, Isabel da Nóbrega, Rogério Fernandes, Daniel Ricardo e João Mendes de “A Capital”] [Registo visual]. – [1969]. – 1 fotografia: p&b ; 8 x 11cm.
Colecção António Borges Coelho
- 53)** Visita à “Catedral” de Lagoa Henriques / [António] Borges Coelho
In: A Capital. Extra. – [S. l.]. – (9 Ago. 1968), p. 1, 3.
Recorte de imprensa.
Artigo concernente à obra de Lagoa Henriques.
Colecção António Borges Coelho
- 54)** “Em Rosemary’s Baby [...]” / [António] Borges Coelho
In: A Capital. – [S. l.]. – N.º 377 (11 Mar. 1969), p. 86.
Provas tipográficas.
Excerto de um artigo de António Borges Coelho, “Em Rosemary’s Baby”, de Roman Polanski, para “A Capital”, 2ª série, n.º 377 (11 Mar. 1969) e que foi dado a ler à Censura, enviado em 11 de Março de 1969.
Colecção de António Borges Coelho
- 55)** As sanções contra a Rodésia levaram paradoxalmente ao incremento da sua indústria / António Borges Coelho
In: A Capital. – [S. l.]. – (21 Mar. 1968), p. 9.
Colecção de António Borges Coelho
- 56)** [Telegrama de vários jornalistas ao Presidente do Conselho Lisboa] [Manuscrito]. – Lisboa, [s. d.]. – 1 f. ; 15cm.
Reprodução de original.
Telegrama de vários jornalistas ao Presidente do Conselho reclamando liberdade para noticiarem o Congresso Republicano, como primeiro passo para a liberdade de imprensa.
Processo 3031-SR/51.
Imagem cedida pelo ANTT
- 57)** [Caricatura de António Borges Coelho] [Registo visual] / Francisco Zambujal. – [S. d.]. – 1 desenho : caneta de feltro s/ papel ; 27,5 x 15,2cm.
N. d.
Caricatura de António Borges Coelho da autoria de Francisco Zambujal.
Colecção António Borges Coelho
- 58)** Reino velho com emenda / António Borges Coelho. – Lisboa : Diabril, 1976. – 131, [5] p. ; 19 cm.
Colecção António Borges Coelho
- 59)** [Ofício da Inspeção Superior do Ensino Particular] [Manuscrito] / Ministério da Educação Nacional, Inspeção Superior do Ensino Particular. – Lisboa, 28 Set. 1968. – 1 f. ; 29,3cm.
Dactiloscrito.
Ofício remetido pela Inspeção Superior do Ensino Particular a António Borges Coelho, no qual é recusado o requerimento em que o autor solicitava o diploma de professor particular do ensino liceal.
Colecção António Borges Coelho
- 60)** [Cópia da decisão proferida pela Direcção-Geral do Ensino Liceal respeitante a António Borges Coelho enquanto Professor] [Manuscrito] / Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Liceal. – Lisboa, 22 Out. 1969. – 1 f. ; 29,5cm.
Cópia do ofício remetido pela Direcção-Geral do Ensino Liceal, Secção de Pessoal, a António Borges Coelho, no qual o seu requerimento para continuar a leccionar no Liceu Gil Vicente é indeferido, devido à perda de direitos políticos por 15 anos por virtude da condenação sofrida no Tribunal Plenário do Porto em Junho de 1957.
Colecção António Borges Coelho
- 61)** [Fotografia da fachada do Externato Séneca] [Registo visual]. – Fev. 2010. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.
António Borges Coelho fundou, com mais quatro professores, o Externato Séneca, na Av. Almirante Reis, n.º 73, em Lisboa.

Deu aulas sem a permissão a PIDE.
MNR F

62) Comunas ou concelhos / António Borges Coelho. - Lisboa : Prelo, 1973. - 212, [7] p. ; 22 cm. - (Cadernos de Hoje ; 13).
MNR CLH/Ens/1923

63) Comunas ou concelhos / António Borges Coelho. - Lisboa : Caminho, 1986. - 193 p. ; 21 cm. - (Universitária ; 19).
MNR CLH/Ens/0128

64) Comunas ou concelhos: uma interpretação exemplar / Miguel Serras Pereira
In: Diário de Lisboa. - [Lisboa]. - (30 Ago. 1973), p. 5.
Recorte de imprensa.
Entrevista a António Borges Coelho sobre a sua obra "Comunas ou concelhos".
Coleção António Borges Coelho

65) Os Maias [Manuscrito] / António Borges Coelho. - [19--]. - 3 f. ; 21,9cm.
António Borges Coelho escreveu a peça quando esteve preso nas selas do Aljube.
Coleção de António Borges Coelho

66) Leibniz : O homem. A teoria da ciência / António Borges Coelho. - Lisboa : Livros Horizonte, [1969]. - 175 p. ; 19 cm. - (Razão e Diálogo ; 2).
MNR CLH/Ens/2843

67) [António Borges Coelho a dar uma aula] [Registo visual]. - [19--]. - 1 fotografia: p&b ; 12,5 x 17cm.
Fotografia tirada por um aluno de António Borges Coelho enquanto estava a dar uma aula. Contém umas palavras dirigidas ao Professor: "Meus meninos/ Está a chegar o calor/ Está a chegar o teste/ Tenho de arregaçar as mangas/ Oh! Enganei-me, arregaçei/ as calças/ A. B. C.
Coleção António Borges Coelho

68) [António Borges Coelho com Cláudio Torres e Joaquim Barradas de Carvalho na Alameda da Universidade de Lisboa] [Registo visual]. - [1980]. - 1 fotografia: cores ; 15 x 22,7cm.
Coleção António Borges Coelho

69) Quadros para uma viagem a Portugal no séc. XVI / António Borges Coelho. - Lisboa : Caminho, 1986. - 403 p. ; 21 cm. - (Universitária ; 13)
MNR CLH/Ens/0129

70) Questionar a História : Ensaio sobre a História de Portugal / António Borges Coelho. - 2ª ed. - Lisboa : Caminho, [1986]. - 303, [8] p. : il. ; 21 cm. - (Universitária ; 6)
Ensaio sobre a História de Portugal, que documenta 23 anos de trabalho do seu autor.
MNR CLH/Ens/0130

71) Questionar a História / E. A.
In: Diário de Lisboa. LerEscrever. - Lisboa. - (22 Mai. 1986), p. 4.
Recorte de imprensa.
Artigo onde vem mencionado o volume "Questionar a História: Ensaio sobre a História de Portugal", 2ª ed., de António Borges Coelho.
Coleção António Borges Coelho

72) Proposta de provimento para contrato como professor com a FLL [Manuscrito] / Faculdade de Letras de Lisboa. - Lisboa, 10 Set. 1974. - 3 f. ; 30cm.
Proposta para contrato como equiparado a professor auxiliar, além do quadro, do IV Grupo (História), da Faculdade de Letras de Lisboa.
Processo Individual de Docente, Dossier 1, de António Borges Coelho.
Faculdade de Letras de Lisboa

73) Parecer de José Tengarrinha [Manuscrito] / José Tengarrinha. - Lisboa, 20 Nov. 1974. - 1 f. ; 29,4cm.
Reprodução do original.
Parecer de José Tengarrinha para a inclusão de António Borges Coelho no quadro docente da Faculdade de Letras de Lisboa.

Processo Individual de Docente, Dossier 1, de António Borges Coelho.
Faculdade de Letras de Lisboa

74) [Certidão do Tribunal Cível da Comarca de Lisboa, 1º Juízo] [Material gráfico]. – Lisboa: Tribunal Cível da Comarca de Lisboa, 25 Mai. 1987. – 1 certidão: 1 f. em papel; 30 x 21 cm. Certidão que declara que António Borges Coelho é candidato a deputado para a Assembleia da República.
Colecção António Borges Coelho

75) [António Borges Coelho a conduzir] [Registo visual] / Manuel Costa e Silva. – [198-]. – 1 fotografia: cores; 17,7 x 23,7 cm. Fotografia de António Borges Coelho a conduzir, tirada por Manuel Costa e Silva na década de 80.
Colecção António Borges Coelho

76) [António Borges Coelho com Piteira Santos] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: p&b; 18 x 13 cm.
Colecção António Borges Coelho

77) [António Borges Coelho com Alexandre Cabral e Artur Ramos na Associação Portugal - URSS] [Registo visual]. – [1977]. – 1 fotografia: p&b; 17 x 23 cm.
Colecção António Borges Coelho

78) [António Borges Coelho com Alexandre Cabral e Orlando da Costa na Associação Portugal - URSS] [Registo visual]. – [1977]. – 1 fotografia: p&b; 17 x 23 cm.
Colecção António Borges Coelho

79) [Cartão de identificação de António Borges Coelho como jornalista pelo “Avante”] [Material gráfico] / Ministério da Informação. – Moçambique: MI, [s. d.]. – 1 cartão; 14,8 x 7 cm.

Cartão de identificação de António Borges Coelho como jornalista pelo “Avante”, n.º 292, emitido pelo Ministério da Informação em Moçambique, aquando da sua independência.
Colecção António Borges Coelho

80) O 25 de Abril e o problema da independência Nacional / António Borges Coelho. – Lisboa : Seara Nova, 1975. – 63, [1] p. ; 19 cm. – (Argumentos ; 16).
MNR CLH/Ens/3767

81) [António Borges Coelho com Barata Moura num sítio arqueológico reconstruído] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15 cm.
Colecção António Borges Coelho

82) O Príncipe perfeito / António Borges Coelho. – Lisboa : Caminho, 1988. – 119 p. ; 21 cm.
MNR CLH/Lit/3050

83) António Borges Coelho com o elenco da peça “O Príncipe Perfeito”.
In: Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett. – [Lisboa]. – (Dez. 1988), p. 48.
Recorte de imprensa.

António Borges Coelho com o elenco da peça “O Príncipe Perfeito”. Menção à encenação da obra “O Príncipe Perfeito” de António Borges Coelho, com estreia a 15 Dez. 1988, promovida pelo CDIAG (agora conhecido por Centro da Malaposta).
Colecção António Borges Coelho

84) No mar oceano / António Borges Coelho. – Lisboa : Caminho, 1981. – 93 p. ; 21 cm. – (O Campo da palavra ; 13).
MNR CLH/Lit/3049

85) [Inquisição de Évora] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [19--]. – 242 f. ; 21,6 cm. Apontamentos sobre a Inquisição de Évora compilados num “Caderno Diário de uso escolar”, 6.
Colecção de António Borges Coelho

86) [Inquisição de Évora] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [19--]. – 1 caderno pautado ; 22,5 cm. Apontamentos sobre a Inquisição de Évora compilados num caderno pautado de capa preta,



N.º 22.653

Altura 1^m 655

Côr. Branca

Sinais particulares

Nacionalidade Portuguesa

Nome e alcunha

Antonio Borges Coelho

Estado Casado Profissão Escriturário 2.ª classe de J. A. E.

Naturalidade Murça Data do nascimento 7-X-1928

Filiação António da Silva Coelho e Guilhermina Borges

Residência Rua dos Terreiros a 5.ª fátarinha

Outras indicações n.º 22-2.ª Lisboa

Proc.º n.º 38/956 S. Jul

Número do processo de valores ou documentos apreendidos

Negativo n.º 15705 = Registo n.º 1/956 S. Jul

BIOGRAFIA PRISIONAL

Preso por esta Direcção em 3-1-956, por actividades subversivas, tendo recolhido à cadeia do Aljube (c.s. 95/956) em 27-3-956 baixou à enfermaria da cadeia do Aljube (c.s. 90/956) em 22-5-956 teve alta da enfermaria da cadeia do Aljube (c.s. 145/956) transferido em 22-5-956 para o Depósito Fretos de Caxias (c.s. 145/956) em 22-6-956 foi posto à ordem do 1.º Juízo Primitivo da Comarca do Porto (c.s. 177/956) transferido em 29-XI-956 para as prisões privativas de Delegação do Porto (c.s. 337/956) julgado pelo 1.º Juízo Primitivo do Porto, em 12-6-957/956 tendo sido condenado na pena de dois anos e 9 meses de prisão maior, na suspensão de direitos políticos por 15 anos, na medida de segurança de internamento em estabelecimento adequado por período não inferior a 6 meses" (c.s. 271-Pr. 2/95 de 1.º Juízo Primitivo do Porto, de 4-7-957)

em 1-X-957 foi entregue na cadeia do Forte de Peniche para cumprimento da pena que lhe foi imposta pelo respectivo Tribunal (c.s. 278/957)

em 2-VII-959 terminou a pena que lhe foi imposta por acção de 12-VII-57 do Tribunal Pleno do Porto, iniciando, assim, o cumprimento da medida de segurança (c.s. 271-Pr. 2/95 de 1.º Juízo Primitivo do Porto, de 3-VII-959).



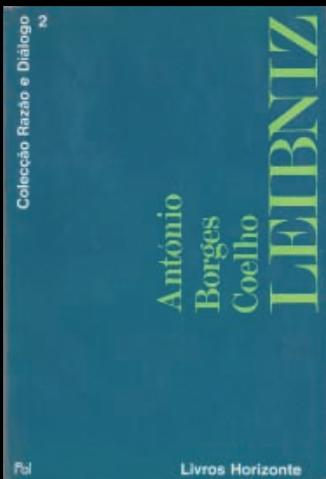
Cat. 59



Cat. 57



Cat. 60



Cat. 66

Antigo repórter é doutor em História

ARQUIVO GDA



António Borges Coelho

«É o resultado de dez anos de trabalho em que estive metido. E é o fim de um ciclo da minha vida de investigador.» Foi com estas palavras que o prof. dr. António Borges Coelho se referiu ao facto de, ontem, ter sido aprovado por unanimidade, com distinção e louvor, doutor em História pela Universidade de Lisboa.

O seu trabalho de fundo, «Inquirição de Évora/1533-1668» (além de outro, complementar, «O Mercantilista Português Duarte Gomes Sôis»), foi apre-

ciado por um júri constituído pelo reitor, prof. dr. Meira Soares, e pelos professores António Oliveira, da Faculdade de Letras de Coimbra; e Jorge Borges de Macedo, Joaquim Veríssimo Serrão, Maria do Rosário Thernudo Barata, Isaias Rosa Pereira e Francisco Sales Loureiro, patrono de Borges Coelho, da Faculdade de Letras de Lisboa.

Autor de importantes obras de investigação histórica, entre as quais «Raízes da Expansão Portuguesa», «A Revolução de 1383», «Portugal na Espanha

Arabe», quatro volumes; «Questionar a História» e «Comunas e Concelhos», António Borges Coelho foi jornalista, exercendo funções de repórter e de redactor no nosso colega «A Capital».

«A experiência do jornalismo foi-me extremamente importante para apurar os meus próprios métodos de rigor e de exactidão. Penso que o jornalismo, quando praticado com honestidade e objectividade, é uma fecunda e extraordinária escola», disse Borges Coelho ao «Diário Popular».

Com o seu feito modesto e a sua conhecida cordialidade, o prof. dr. António Borges Coelho adiantou-nos que a sua vida de investigador vai continuar, em outras pistas e em outros interesses, tendo sempre, porém, a História como fulcro e como esteio.

As provas de doutoramento decorreram anteontem e ontem, na Reitoria da Universidade Clássica, cuja sala esteve repleta de amigos e admiradores de Borges Coelho e de muitos professores, estudantes, jornalistas e escritores.

Cat. 91



Cat. 102

Cat. 103

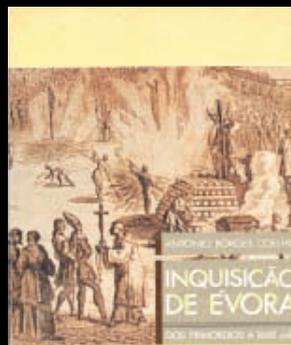


Cat. 107

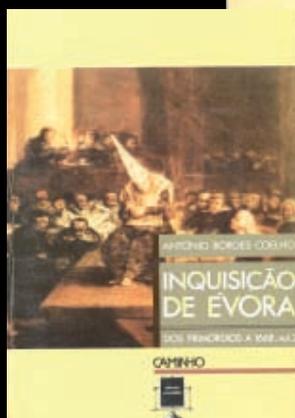
Cat. 107



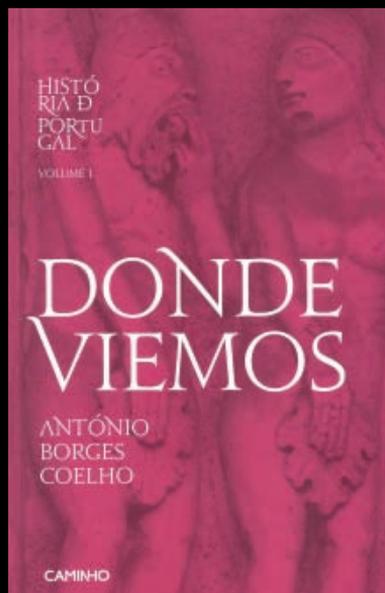
Cat. 87



Cat. 93



Cat. 108



com a etiqueta “Registos Inquisição”.
Colecção de António Borges Coelho

87) [Inquisição de Évora] [Manuscrito] / António Borges Coelho. – [19--]. – 1 caderno pautado perfurado ; 29,7cm.

Apontamentos sobre a Inquisição de Évora compilados num “Bloco Espiral perfurado”.
Colecção de António Borges Coelho

88) [António Borges Coelho no Doutoramento com o júri] [Registo visual]. – [1987]. – 1 fotografia: cores ; 12,5 x 17,5cm.

António Borges Coelho no Doutoramento, rodeado pelo júri. Da esquerda para a direita: Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge Borges de Macedo, António de Oliveira, António Borges Coelho, Virgílio Meira Soares, Francisco Sales Loureiro, Maria do Rosário Themudo Barata e Isaias da Rosa Pereira.

Colecção António Borges Coelho

89) [António Borges Coelho a discursar no lançamento da sua obra “Inquisição de Évora”] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: color. ; 17,6 x 12,6cm.

Colecção António Borges Coelho

90) [António Borges Coelho com Zeferino Coelho no lançamento da sua obra “Inquisição de Évora”] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: color. ; 12,6 x 17,6cm.

Colecção António Borges Coelho

91) Antigo repórter é doutor em história.

In: Diário Popular. – [S. l.]. – [1987].

Recorte de imprensa.

Artigo concernente à aprovação por unanimidade, com distinção e louvor, de António Borges Coelho como Doutor em História pela Universidade de Lisboa.

O júri foi constituído pelo Reitor, Prof. Dr. Meira Soares, e pelos professores António Oliveira, da Faculdade de Letras de Coimbra, e Jorge Borges de Macedo, Joaquim Veríssimo Serrão, Maria do Rosário Themudo Barata, Isaias Rosa Pereira e Francisco Sales Loureiro, da Faculdade

de Letras de Lisboa, e teve lugar na Reitoria da Universidade Clássica.

Colecção António Borges Coelho

92) Borges Coelho lança “Inquisição de Évora”. In: A Capital. – [S. l.]. – (19 Fev. 1988), p. 21.

Recorte de imprensa.

Artigo sobre o lançamento da obra de António Borges Coelho “Inquisição de Évora: dos primórdios a 1668”, na Casa do Alentejo, por Piteira Santos.

Colecção António Borges Coelho

93) Inquisição de Évora : dos primórdios a 1668 / António Borges Coelho. – Lisboa: Caminho, 1987. – 2 vol. ; 21 cm. – (Universitária ; 22, 26). Vol. 1: Inquisição de Évora. – 448 p. Vol. 2: Inquisição de Évora. – 327 p.

MNR CLH/Ens/0127

MNR CLH/Ens/2110

94) [Processo de Luis de la Penha: Auto de 1626] [Manuscrito]. – (1626). – 157 f. ; 22cm. Processo de Luis de la Penha, Auto de 1626, da Inquisição de Évora.

Processo 8179.

Documento cedido pelo ANTT

95) [António Borges Coelho a discursar no lançamento do livro de Cláudio Torres e Santiago Macias] [Registo visual]. – [1998]. – 1 fot. ampl. : cores ; 10 x 15cm.

Ampl. do orig.

António Borges Coelho a discursar no lançamento do livro de Cláudio Torres e Santiago Macias “O legado islâmico em Portugal”, editado pelo Círculo de Leitores, no Pavilhão da Expo98.

Colecção António Borges Coelho

“Portugal na Espanha Árabe”, vol. 1 / Ruben Andresen Leitão

In: Diário Popular. – Lisboa. – (18 Mai. 1972), p. pág. central, 11.

Ampl. do orig.

Recorte de imprensa.

Artigo concernente à publicação do primeiro volume da obra de António Borges Coelho, “Portugal na Espanha Árabe”, vol. 1.
Colecção António Borges Coelho

António Borges Coelho: nossa história vista *do lado de lá* / Ricardo Alves
In: JL. – Lisboa. – (28 Nov. 1989), p. 26-27.
Ampl. do orig.
Recorte de imprensa.

Artigo sobre a reedição, passados dezoito anos, de “Portugal na Espanha Árabe” de António Borges Coelho.
Colecção António Borges Coelho

Historiador em discurso directo: António Borges Coelho / Coord. Santiago Macias. – Mértola: CM, 2003. – 95 p. ; 25cm.
Ampl. do orig.

Neste volume colaboraram Jorge Pulido Valente, Cláudio Torres, Santiago Macias, António Borges Coelho e A. A. Marques de Almeida. Trata-se de uma grande entrevista a António Borges Coelho.
Colecção Campo Arqueológico de Mértola

[António Borges Coelho com Augusto Abelaira no Campo Arqueológico de Mértola] [Registo visual]. – [1997]. – 1 fot. ampl. : color. ; 10 x 15cm.

Ampl. do orig.
Contém dedicatória de Augusto Abelaira a António Borges Coelho: “Para o Borges Coelho, / recordado a bela visita a / Mértola que tu nos proporcionaste...”.

Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho com José Mattoso e Cláudio Torres] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : color. ; 10,1 x 14,9cm.

Ampl. do orig.
António Borges Coelho com José Mattoso e Cláudio Torres no Campo Arqueológico de Mértola.
Colecção António Borges Coelho

96) [António Borges Coelho num colóquio] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: cores

; 10 x 14,8cm.
Colecção António Borges Coelho

97) Tudo é mercadoria : sobre o percurso e a obra de João de Barros / António Borges Coelho. – Lisboa : Caminho, 1992. – 157 p. ; 21 cm. - (Universitária).
MNR CLH/Ens/3740

98) João de Barros. Vida e obra / António Borges Coelho. – [Lisboa]: Grupo de Trabalho do Min. da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. – 274, [4] p. : il. ; 24 cm.
Colecção António Borges Coelho

99) Ruas e gentes na Lisboa quinhentista / António Borges Coelho. – Lisboa: Caminho, 2006. – 134 p. : il. ; 30 cm.
Colecção António Borges Coelho

100) Os cheiros que Lisboa teve / Maria João Martins
In: Jornal de Letras, Artes e Ideias. – Lisboa. – (1 Mar. 1994).

Recorte de imprensa.
Artigo onde vem mencionado o volume “O Nome das Ruas”, de António Borges Coelho e Baptista-Bastos, onde evocam a capital de há quatrocentos anos
Colecção António Borges Coelho

101) O Ofício e o oficiante / António Melo
In: Sociedade. – [S. I.]. – (6 Nov. 1994), p. 24.
Recorte de imprensa.

Artigo concernente à apresentação da obra de António Borges Coelho, “Clérigos, Mercadores, Judeus e Fidalgos”.
Colecção António Borges Coelho

102) Espinosa e os sistemas ideológico-práticos de obediência / António Borges Coelho. – Santiago de Compostela: Jesus Blanco-Echauri, 1999. – p. 353-369.
Separata de: Encontro Hispano-Português de

Filosofia: Espinosa: Ética e Política / Universidade de Santiago de Compostela. – Santiago de Compostela: USC, 5-7 Abr. 1997.
Colecção de António Borges Coelho

103) Quem tem coragem de reivindicar Espinosa / [António] Borges Coelho
In: Diário de Lisboa. – [Lisboa]. – [S. d.].
Recorte de imprensa.
Artigo concernente a um filósofo do século XVII, Bento de Espinosa.
Colecção António Borges Coelho

104) António Borges Coelho: a História tem fome de informação / Baptista-Bastos; fot. Vítor Ferreira Alves
In: Diário Popular. – [S. l.]. – (24 Mai. 1986), p. 20-21.
Ampl. do orig.
Recorte de imprensa.
Entrevista de Baptista-Bastos a António Borges Coelho.
Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho com Baptista-Bastos] [Registo visual]. – [1986]. – 1 fot. ampl. : p&b ; 15 x 20,2cm.
Ampl. do orig.
Contém dedicatória de Baptista-Bastos a António Borges Coelho: “Ao meu fraterno amigo/ António Borges Coelho/ memória de um encontro/ na Fundação Gulbenkian,/ com o mais caloroso e efusivo abraço do teu velho camarada/ Almando/ (Baptista-Bastos)”, datada de 5 de Maio de 1986.
Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho e Marques de Almeida, num jantar nos Casinos do Algarve] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : color. ; 15 x 19,8cm.
Ampl. do orig.
Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho com os Professores Viegas Guerreiro e José Tengarrinha aquando da sua agregação na FLL] [Registo visual]. – [197-].

– 1 fot. ampl. : p&b ; 17 x 23cm.
Ampl. do orig.
Aquando da agregação de António Borges Coelho na Faculdade de Letras de Lisboa.
Colecção António Borges Coelho

105) [António Borges Coelho com Isaura Borges Coelho, sua mulher, e Rogério Ribeiro] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fotografia: color. ; 17 x 23cm.
Colecção António Borges Coelho

106) Youkali / António Borges Coelho; Bastos, Baptista, pref.; Ribeiro, Rogério, 1930-2008, il.; Pereira, Rui A., il. – Lisboa : Campo da Comunicação, 2005. – 141, [2] p. : il. ; 34 cm.
Colecção João Madeira

107) [António Borges Coelho com Jorge Araújo e António Hespanha em Marraquexe] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : cores ; 10 x 15cm.
Ampl. do orig.
António Borges Coelho com Jorge Araújo e António Hespanha em Marraquexe, por ocasião da visita oficial do Presidente Jorge Sampaio.
Colecção António Borges Coelho

[António Borges Coelho com Paulo Sucena e João Amaral] [Registo visual]. – [19--]. – 1 fot. ampl. : color. ; 12,5 x 17,5cm.
Ampl. do orig.
Colecção António Borges Coelho

A ideia Lisboa / António Borges Coelho; António Barreto
In: O Corvo. Especial. – [S. l.]. – [S. d.].
Recorte de imprensa.
Ampl. do orig.
Entrevista a António Borges Coelho e António Barreto sobre a cidade de Lisboa, para a formação de uma consciência cultural, de Cidade, uma consciência histórica.
Colecção António Borges Coelho

Canções do adeus: Fernando Lopes Graça foi ontem a enterrar / Rui Catalão; fot. Alfredo Cunha

In: Público. Cultura. – [S. l.]. – (30 Nov. 1994), p. 38.

Ampl. do orig.

Recorte de imprensa.

Artigo concernente ao funeral de Fernando Lopes Graça, no cemitério de Trajouce, no qual António Borges Coelho proferiu um texto intitulado “A tua música é irmã da liberdade”.

Nesta acção estiveram também presentes Maria Barroso, Mário Soares, Tomás Borba, Carlos Carvalhas, Álvaro Cunhal, José Luís Judas, José Jorge Letria, Vasco Gonçalves, Ramalho Eanes. Colecção António Borges Coelho

Algumas notas sobre o mundo e os dias / António Borges Coelho

In: Seara Nova. (2009), n.º 1710, p.4-5.

Ampl. do orig.

MNR PP/2

108) História de Portugal / António Borges Coelho. – Vol. 1. – Lisboa: Caminho, 2010. – 236 p. ; 24cm.

MNR CHL/Ens

109) A Morte do Inquisidor-Geral : Questionar a História - VI / António Borges Coelho. – Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2007. – 123 p. ; 21cm. – (Colecção Universitária).

MNR CLH/Ens/7550

110) O Vice-rei D. João de Castro / António Borges Coelho. – Lisboa: Caminho, imp. 2003.

– 115 p., [16] p. il. : il. ; 21 cm.

Colecção António Borges Coelho

111) Epítome genealógico do Eminentíssimo Cardeal... / António Borges Coelho. – Lisboa: Caminho, 2005. – 210 p. ; 24cm. – (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa Século XVII). Colecção de António Borges Coelho

112) Para a história da civilização e das ideias no Gharb Al-Ándalus / António Borges Coelho.

– Lisboa: Instituto Camões, 1999. – [160] p. ;

21cm. – (Colecção Lazúli).

Colecção de António Borges Coelho

113) [António Borges Coelho em sua casa] [Registo visual]. – [8 Mar. 2010]. – 1 fotografia: color. ; 10 x 15cm.

Ampl. do orig.

MNR F

114) [Aquarela de Rogério Ribeiro] [Registo visual] / [Rogério Ribeiro]. – [S. d.]. – 1 aquarela : aquarela s/ papel ; 25 x 20,3cm.

N. d.

Esta aquarela está inserida no romance de António Borges Coelho, “Youkali”, publicado em 2005, na página 42.

Colecção António Borges Coelho

115) Conversas Secretas: António Borges Coelho [Registo vídeo] / SIC. – Lisboa: SIC, 30 Dez. 1996. – 1 DVD em loop (51') : color.

Participantes: António Borges Coelho, Baptista-Bastos.

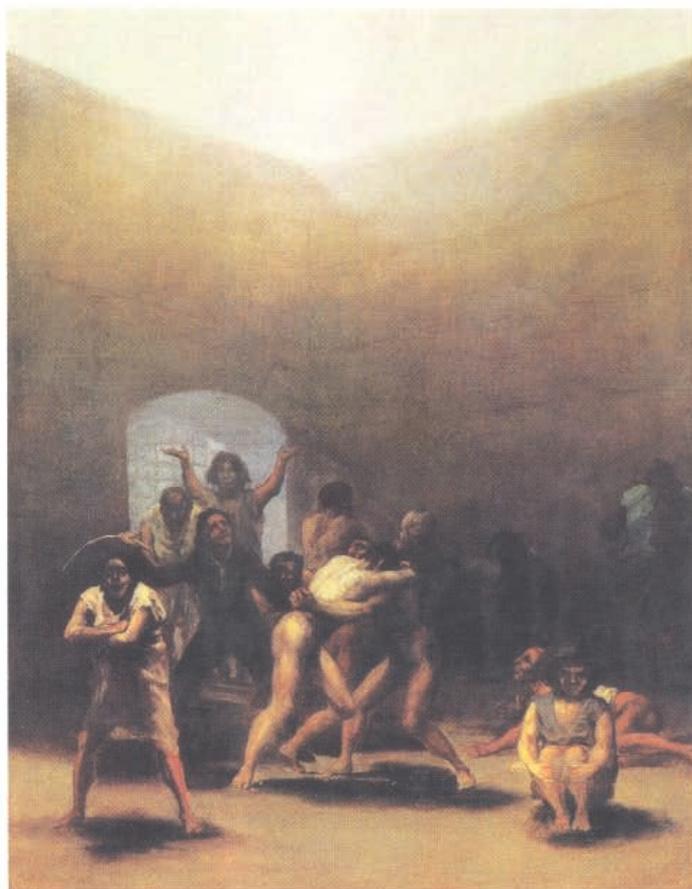
Entrevista de Baptista-Bastos a António Borges Coelho no âmbito do programa “Conversas Secretas” da SIC.

MNR L

António Borges Coelho

Sobre os Rios de Babilónia

Campo do Teatro



Bibliografia

História e Filosofia:

- As Raízes da Expansão Portuguesa*, 1964, 1973, 1976, 1979, 1985;
A Revolução de 1383, 1965, 1975, 1977, 1981, 1984;
Alexandre Herculano, 1965;
Crónica de D. Duarte, de Rui de Pina (org. e pref.), 1966;
Crónica de D. Pedro I, de Fernão Lopes (org. e pref.), 1967, 1977;
Leibniz. O Homem. A Teoria da Ciência, 1969;
Obras Escolhidas de Leibniz (org., trad. e notas), 1969;
Portugal na Espanha Árabe, 4 vols. (org., prol. e not.), 1972-75, 1989, 2008;
Comunas ou Concelhos, 1973, 1986;
O 25 de Abril e o Problema da Independência Nacional, 1975;
Reino Velho Com Emenda, 1976;
La Lucha de Clases y la Revolución de 1383, 1976;
Os Lusíadas. Antologia Temática e Texto crítico, 1980;
Questionar a História - Ensaios sobre História de Portugal, 1983, 1986;
Quadros Para Uma Viagem a Portugal no Século XVI, 1986;
Inquisição de Évora, 2 vols., 1987, 2002;
Tudo é Mercadoria. Sobre o percurso e a Obra de João de Barros, 1992;
O Nome das Ruas, 1993;
Clérigos, Mercadores, Judeus e fidalgos – Questionar a História II, 1994;
O Tempo e os Homens - Questionar a História III, 1996;
João de Barros. Vida e Obra, 1997;
Para a História da Civilização e das Ideias do Gharb Al-Andalus, 1998;
Cristãos - Novos Judeus e os Novos Argonautas - Questionar a História IV, 1998;
Política, Dinheiro e Fé - Questionar a História V, 2001;
Descrição do Reino de Portugal..., 2002;
O Vice-Rei Dom João de Castro, 2003;
Historiador em Discurso Directo, 2003;
Epítome Genealógico do Eminentíssimo Cardeal Duque de Richelieu..., 2005;
Ruas e Gentes na Lisboa Quinhentista, 2006;
Crónicas de D. Pedro, Dom Fernando e de Dom João I. Antologia, Fernão Lopes, 2007;
A Morte do Inquisidor-Geral – Questionar a História VI, 2007;
História de Portugal, vol. 1, 2010.

Poesia:

- Roseira Verde*, 1962;
Ponte Submersa, 1969;
Fortaleza, 1974;

No Mar Oceano, 1981;
Ao Rés da Terra, 2002;
A Liberdade Volta com as Pombas Brancas, 2007.

Teatro:

O Príncipe Perfeito, 1988, 1991;
Sobre os Rios da Babilónia, 2001.

Romance:

Tempo de Lacraus, 1999;
Youkali, (il. Rogério Ribeiro) 2005.

Traduções:

O homem no Universo visto por um sábio, [s. d.]
A Civilização da Renascença Italiana, de Jacob Burckhardt, 1965;
A Arte de Amar, de Ovídio, 1965;
A Literatura e o Mal, de George Bataille, 1968;
História da Filosofia, de Nicola Abbagnano, (parte do 1º vol. e todo o 2º vol.), 1969;
Jaspers, de Angele Kremer-Marietti, 1970;
Luckács, de Henri Arvon, 1970;
Tratado sobre a Reforma do Entendimento, de Espinosa (introd., trad. e not.), 1972;
Sistemas e Estruturas Económicas, de André Marchal, 1973;
História do Pensamento Económico, de Henri Denis, 1973, 1982.

Artigos escolhidos:

1963 – “Nova agricultura no Portugal do século XIV”, in *Revista de Economia*, vol. 15, Set., p. 149-155;
 1970 – “A propósito dos Ensaios II de Vitorino Magalhães Godinho”, in *Seara Nova*, n.º 1494, Abr.;
 1979 – “Em busca do conceito de história”, in *História e Sociedade*, n.º 2/3, Lisboa, p. 3-12;
 1979 – “Espinosa: Deus ou Natureza = Natureza”, in *História e Sociedade*, n.º 4/5, Lisboa, p. 3-14;
 1985 – “Lisboa na revolução de 1383”, in *Beira Alta*, vol. 44, fasc. 2, Viseu, p. 205-226;
 1989 – “Mercadores portugueses nos séculos XIV e XV”, in *Portugal no Mundo*, dir. Luís de Albuquerque, Lisboa, Alpha, vol. 1, p. 72-89;
 1989 – “Portugal no anos 70 do século XV”, in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, Porto, vol. 4, p. 551-562;
 1991 – “O mercantilista português Duarte Gomes Solis (1561/2 – c. 1630)”, in *Portugaliae Histórica*, Lisboa, S. 2, vol. 1, p. 183-259;
 1991 – “Tópicos para o estudo da relação Universidade – Inquisição”, in *Actas do Congresso da História da Universidade de Coimbra*, Coimbra, vol. 4, p. 257-271;
 1993 – “Portugueses na Ásia na primeira metade do século XVI”, in *Mare Liberum*, Lisboa, p. 389-404;
 1994 – “A África na Ásia de João de Barros”, in *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História de África*, Lisboa, p. 201-230;
 1994 – “A primeira reserva do mundo descoberto e a descobrir”, in *Oceanos*, n.º 18, p. 16-22;
 1994 – “Alguns tópicos sobre a formação do estado Português da Índia”, in *Las Relaciones*

- entre Portugal y Castilla en l' época de los Descubrimientos y la Expansión Colonial*, Salamanca, Universidad, p. 237-248;
- 1994 – “O domínio germânico e o muçulmano”, in *O Livro de Lisboa*, coord. de Irivalva Moita, Lisboa, Livros Horizonte, p. 75-88;
- 1996 – “D. João II (1455-1495): esboços para um retrato”, in *Clio*, n.º 1, nova série, p. 21-45;
- 1996 – “Minorias étnicas e religiosas em Portugal no século XVI”, in *Viagens e viajantes no Atlântico quinhentista*, Lisboa, Edições Colibri, p. 155-182;
- 1997 – “Identidades geográfico-culturais e políticas no espaço português continental”, in *Seara Nova*, n.º 54-55;
- 1997 – “Tempo e História em Luís de Camões”, in *Actas dos Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais, vol. 4, p. 53-66;
- 1998 – “A identidade portuguesa no advento do terceiro milénio”, in *Portugal na viragem do século. Os portugueses e os desafios do milénio* (textos de José Manuel Durão Barroso, José Maria Brandão Brito, Adriano Moreira, Fernando Rosas, Mário Soares e do signatário), Pavilhão de Portugal – Expo 98 e Assírio e Alvim, p. 67-97;
- 1998 – “Cristãos-Novos e Judeus portugueses no advento do mundo moderno”, in *Brasil 500 anos*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura;
- 1998 – “Espinosa e os sistemas ideológico-práticos de obediência”, in *Actas do Encontro Luso-Espanhol sobre Espinosa*, Universidade de Santiago de Compostela;
- 1998 – “O Infante Dom Pedro: um discurso sobre o homem e o mito”, in *Actas dos Quartos Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, Cascais;
- 2000 – “No rasto de Cabral”, in *Revista USP*, Mar.-Mai., n.º 45, S-Paulo;
- 2003 – “Os antepassados portugueses de Bento de Espinosa”, in *Família, Religião y Negocio, el Sefardismo en las relaciones entre el mundo ibérico y los Países Bajos en la Edad Moderna*, Madrid, Fernando Vilaverde Ediciones, p. 113-137;
- 2004 – “Concelhos Medievais Portugueses”, in *X Jornadas de História Ibero Americana. O municipalismo em Portugal. 500 Anos dos Forais Manuelinos do Algarve*;
- 2008 – “O Padre António Vieira ousou todos os limites”, in *Congresso sobre o Padre António Vieira*, organizado pela Universidade Nova de Lisboa, 14p.
- 2009 – “Algumas notas sobre o mundo e os dias”, in *Seara Nova*, n.º 1710, p.4-5.

António Borges Coelho

A Morte do Inquisidor-Geral

Questionar a História — VI



CAMINHO

coleção universitária

ÍNDICE

Um historiador com história.....	5
Maria da Luz Rosinha Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	
Apresentação.....	7
David Santos Coordenador do Museu do Neo-Realismo	
António Borges Coelho, militante, historiador, homem de causas e utopias.....	11
João Madeira Investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa	
António Borges Coelho, uma História, uma vida, um silêncio que desperta.....	47
Pedro Barros	
Arqueologia de uma exposição.....	61
Sílvia de Araújo Igreja	
Catálogo.....	69
Bibliografia.....	95

António Borges Coelho, cidadão, historiador, professor, poeta, escritor, conferencista – um percurso intenso, generoso, verticalmente vivido, a pulso, na contramão, a dar voz “àqueles que, em baixo, fazem andar a História”.

A sua obra germina nas circunstâncias difíceis e singulares de uma cela de prisão reservada a presos políticos. As suas primeiras obras são publicadas antes de concluir a licenciatura. Proibidas, escuraçadas, circulam, até clandestinamente. Há uma preocupação e uma vontade de raiz que será perene e se desenha a traços fortes – resgatar o lugar dos sem voz na História, dos seus interesses, anseios, dores e alegrias.

Referência fundamental da segunda geração de historiadores marxistas, aberto à indagação, ao diálogo e à polémica, construiu carreira académica brilhante afirmando convicções e não cedendo a pressões. Investigador e professor, soube casar fecundamente a erosão solitária da investigação com o rasgo luminoso da docência, dentro e fora dos muros da Universidade.

Observador activo dos modos longos como se entrelaçam os tempos ao ritmo do mundo mudado. Voz telúrica de combate e amor, de ternura e utopia, onde pulsam os murmúrios, as vozes e os gritos das multidões.